Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Área de História Social

A EXPERIÊNCIA DO CONTATO

AS DESCRIÇÕES POPULACIONAIS DE RICHARD FRANCIS BURTON

Alexsander Lemos de Almeida Gebara

PROF.^A DR.^A MARIA HELENA MACHADO- ORIENTADORA

ALEXSANDER LEMOS DE ALMEIDA GEBARA

A EXPERIÊNCIA DO CONTATO.

As descrições populacionais de Richard Francis Burton

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
APRESENTADA NO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
DA FACULDADE DE LETRAS,
FILOSOFIA E CIÊNCIAS
HUMANAS DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO, SOB
ORIENTAÇÃO DA PROF.^A DR.^A
MARIA HELENA P. T.
MACHADO.

Resumo:

Esta dissertação analisa as descrições populacionais escritas por Richard Francis Burton entre os anos de 1849 e 1869, publicadas em seus relatos de viagem sobre as regiões da Índia, Península Arábica, África Oriental, Central e Ocidental, e Brasil (viagens realizadas entre 1847 e 1867).

O objetivo deste trabalho é notar as transformações nestas descrições e relacioná-las ao lugar de autoridade, à experiência da viagem e à alguns conceitos oriundos da etnologia e antropologia inglesa por volta deste período. A hipótese é que estes elementos interagem na construção do texto do autor e que a compreensão do conteúdo destas descrições torna-se bastante mais efetiva quando se considera esta interação. As posições ambíguas de Burton em especial quanto aos debates entre opções teóricas monogênicas e poligênicas tornam-se mais compreensíveis a partir do ponto de vista que analisa suas descrições através da observação destes três elementos.

Abstract

This dissertation analyses the populational descriptions written by Richard Francis Burton between 1849 and 1869, published in his books of travel above the regions of India, Arabic Peninsula, East, Central and West Africa, and Brazil (travels achieved between 1847-1867).

The aim of this work is to note the transformations in these descriptions and connect them with the authority position, the experience of each travel, and the production of British ethnology and anthropology around those years. The hypothesis is that these elements interact in the construction of the author's writings, and that the understanding of these descriptions' contents become much more effective when this interaction is considered. Burton's ambiguous positions, specially on the debates between monogenic and poligenic theoretic options, become more understandable when observed by the point of view which analyses his descriptions throughout the observation of these three elements.

Apresentação:	2
Introdução:	10
Capítulo 1 – Um militar inglês na Índia :	19
1.1 - Um “Império de opinião”.	19
1.2 - Índia : “a terra das maravilhas etnológicas”	32
1.3 - Os selvagens.	37
Capítulo 2 - Arábia e África, a década de aventuras:	48
2.1 - As descrições individuais.	58
2.2 - As descrições coletivas.	69
2.2.1 -Peregrinação a Meca: os “nobres selvagens”.	70
2.2.2 - Os somalis, suas “origens e peculiaridades”.	81
2.2.3 África Central : o negro criança.	91
Capítulo 3 - O período consular:	107
3.1 A Viagem para Fernando Pó.	109
3.2 O “Futuro Brilhante” do Brasil e dos Brasileiros	131
3.2.1 “Viagem aos planaltos do Brasil”	136
3.2.2 Interpretação sobre o destino da população brasileira:	144
Capítulo 4 – Considerações finais:	161
Fontes:	167
Bibliografia:	168

APRESENTAÇÃO:

O objetivo deste trabalho é notar as diferenças, transformações, ou mesmo as permanências, nas descrições populacionais expostas na obra de Richard Francis Burton compreendida entre 1851 e 1869, período no qual foram publicados os relatos utilizados como fontes primárias nesta pesquisa.

Para isto, realizou-se uma leitura cuidadosa destes relatos, em especial dos capítulos dedicados à descrição populacional, procurando perceber aí quais elementos foram utilizados pelo autor para construir sua descrição. Fatores como a origem da população, a língua, a religião, o fenótipo, as influências climáticas, os costumes, a miscigenação biológica ou cultural, entre outros, assumem, na obra de Burton, importância diversa ao longo do tempo nas conceituações de termos como raça ou civilização.

A análise da importância relativa destes fatores nos diferentes relatos do autor, e a maneira pela qual eles estão combinados para construir as descrições populacionais nestes textos, torna possível a compreensão das mudanças, ao longo do tempo, em suas concepções a respeito das populações descritas.

No primeiro dos relatos analisados nesta pesquisa, referente à viagem de Burton para a Índia em 1847¹, nota-se uma grande valorização da origem na descrição da população, ou seja, a definição de identidade de um grupo aparece baseada fortemente nas especulações sobre a origem comum deste grupo. Esta valorização aparece especialmente numa das descrições presentes neste relato, que gira em torno da caracterização do *selvagem*, sendo a origem deste grupo reconstruída principalmente através de instrumentos

¹ Burton, Richard Francis. *Goa and the Blue Mountains or Six Months of Sick Leave*. Asian educational services, Nova Delhi Madras, 1991.

lingüísticos. Burton apresenta um selvagem idealizado, cuja idealização está assentada no caráter de pureza cultural, já que a construção de sua condição ideal é oposta à sua condição degradada após o contato com outras culturas. No entanto, já aparecem também neste livro, ainda que de forma relativamente imprecisa, conjecturas sobre a influência climática a respeito da configuração fenotípica e moral da população, ou seja, referências que sugerem a influência de elementos como o clima e a geografia na definição de características específicas dos grupos que descreveu enquanto esteve na Índia.

Em outro momento deste texto, tratando da sociedade hindu, é possível perceber que a construção de Burton apresenta a população dentro de um conjunto de costumes reguladores, que permite considerá-los de alguma maneira como civilizados, ainda que esta civilização apareça como estática e atrasada. De fato, o que o autor realiza é uma apropriação de generalizações sobre o caráter da civilização oriental, ou seja, trata-se da representação do Oriente a partir de uma ótica européia na qual importam, além da realidade observada, as pré concepções oriundas do conhecimento de textos orientalistas europeus.²

É em seu relato sobre a peregrinação a Meca (1853)³, entretanto, que as representações européias sobre o Oriente adquirem mais força. Profundo conhecedor da língua e da religião do lugar, ele pôde construir uma tentativa de compreensão dos significados da sociedade beduína. A origem continuava aparecendo como elemento importante na caracterização da *raça*, ainda assentada sobre reconstruções lingüísticas e também baseadas nas genealogias do relato bíblico. A pureza continuava sendo valorizada,

² Segundo Said, os textos orientalistas europeus são um conjunto de “técnicas ocidentais de representação, que tornam o Oriente visível claro e lá no discurso sobre ele”. Estas representações estariam ligadas muito mais à tradições européias do que propriamente ao Oriente real. Said, Edward. *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990. Sobre a exterioridade do orientalismo em relação ao oriente real, pp 32 e 33.

tanto racial quanto culturalmente. As descrições físicas, entretanto, antes menos importantes, aparecem aqui com mais destaque, ainda que continuassem recebendo relativamente pequena atenção quando comparadas às descrições de costumes.

A importância de elementos racialistas vai se acentuando, e aparecem de maneira mais clara já em sua viagem seguinte, para a África Oriental (1854)⁴. Até este momento, entretanto, é possível para Burton colocar-se principalmente em termos degeneracionistas, ou seja, baseado na crença em um estágio anterior da sociedade relativamente mais desenvolvido e que degenera ao longo do tempo⁵, o que implica uma constante valorização da origem e de certa forma da história, cuja recuperação deve-se em grande parte a seu conhecimento da língua e de algumas tradições, em especial as religiosas.

Já na África Central (1857-1859)⁶, Burton demonstra um desconhecimento manifesto da língua e uma incapacidade de recuperar qualquer tipo de história das populações que descreve. A questão da origem praticamente desaparece das especulações. Seus instrumentos de reconstrução e análise da população, antes lingüísticos e de certa forma históricos, não estão mais presentes aqui. Características do caráter do povo, antes imputadas principalmente às tradições, são reduzidas às manifestações dos limites biológicos impostos pelas condições raciais.

O contato entre culturas, antes elemento necessariamente prejudicial em razão da valorização da pureza, passa a assumir outro caráter, desta vez regenerador, e de certa forma civilizador. A representação da população africana é fortemente pautada numa

³ Burton, Richard Francis. *Personal Narrative of a Pilgrimage to Al Medinah and Mecah*. New York, Dover publications, 1964.

⁴ Burton, Richard Francis. *First Footsteps in East Africa or an Exploration of Harar*. New York, Dover publications, 1987.

⁵ As concepções degeneracionistas estão assentadas sobre a crença na criação divina da humanidade, e na decadência antediluviana do homem. Portanto, necessariamente se sustenta com este ponto de vista a origem única da humanidade.

noção de infância e primitivismo, supondo, portanto, um atraso em seu desenvolvimento. Elementos como a religião são caracterizados desta mesma forma, como estágios iniciais do desenvolvimento da sociedade humana.

As concepções baseadas na determinação racial que já começavam a aparecer na África Central assumem as suas formas mais virulentas em seu relato sobre a África Ocidental (1861)⁷, onde Burton aproxima-se de concepções poligenistas sobre a criação da humanidade, e condena os africanos a uma longa, senão eterna, inferioridade. Somente a presença da regra européia poderia, quem sabe, retirá-los da condição de infantilidade na qual se encontravam, e que derivava principalmente de seus limites raciais.

O contato com a civilização européia não significava uma mistura cultural, mas uma submissão total da cultura africana em favor da européia. A miscigenação biológica, ainda condenada com veemência, especialmente em relação aos europeus, começava a assumir traços favoráveis quando dizia respeito a populações africanas. Nesta formulação, o africano puro podia ser considerado inferior ao mestiço. Os africanos, ainda na infância da humanidade, poderiam galgar, sob a influência européia, alguns degraus na escala da evolução.

Aspectos de uma abordagem evolucionista tornam-se bastante mais evidentes neste momento na obra de Burton, pois de alguma forma ele começava a dinamizar concepções racialistas que em suas formas mais ortodoxas eram originalmente estáticas.

Este dilema aparece de forma mais clara em seu livro sobre o Brasil (1867)⁸, no qual concepções de determinismo racial foram então nuançadas pela influência climática e pela proximidade européia em vários sentidos, desde a origem da população às suas

⁶ Burton, Richard Francis. *The Lake Regions of Central Africa*. New York, Dover Publications, 1995

⁷ Burton, Richard Francis. *Wanderings in West Africa* New York. Dover Publications, 1991

relações comerciais e institucionais. Burton projeta, além disto, um programa migratório da Europa para a América que colocaria o Brasil, então um “país jovem”, na direção inequívoca do progresso e da civilização - o que neste momento significava, para ele, a existência de redes de transporte e comunicação, que permitissem uma integração ao comércio mundial, especialmente em relação à Inglaterra. A hipótese que orientou as leituras é de que estas transformações nas construções de Burton a respeito das populações dos lugares por ele descritos, não são simplesmente respostas imediatas às elaborações teóricas européias sobre as áreas coloniais pelas quais transita. Seu instrumental de compreensão e com o qual constrói seu texto altera-se sensivelmente em razão das próprias experiências de viagem e do contato com regiões coloniais.

Mary Pratt, em seu livro *Os olhos do império*⁹, preocupa-se em pensar as regiões coloniais como locais de produção de um conhecimento relacional entre metrópole e colônia; ou seja, ao mesmo tempo em que a metrópole determina a periferia, esta também determina, por sua vez, a metrópole. O conceito *Zona de Contato*, foi elaborado por ela justamente para precisar o lugar em que estas trocas acontecem.

*“Uma ‘perspectiva de contato’ põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e ‘visitados’, não em termos de separação ou segregação, mas em termos da presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, freqüentemente dentro de relações assimétricas de poder.”*¹⁰

⁸ Burton, Richard Francis. *Explorations of the Highlands of Brazil*. London, Tinsley Brothers, 1869

⁹ Pratt, Mary L., *Os Olhos do Império, Relatos de Viagem e Transculturização*. Bauru, Edusc, 1999.

¹⁰ Idem, p 32.

É desta maneira que se pode observar as transformações nas concepções de Burton como resultado das suas experiências de contato frente às suas expectativas e representações derivadas de seu repertório europeu. É como resultado destas experiências de contato que ele *re*produz e reorganiza o material teórico produzido na Europa.

O plano formal desta dissertação contém cinco partes. Na primeira delas, a introdução, será feito um breve esboço de alguns elementos biográficos de Burton, juntamente com o contexto industrial inglês e o processo de expansão imperialista.

No primeiro capítulo, a discussão concentra-se nas descrições populacionais de Burton em seu livro *Goa and the Blue Mountains*, no qual relata sua experiência de viagem em 1847, em parte do território indiano. Viagem esta que Burton realiza durante um período de licença para recuperar sua saúde, após uma permanência de cinco anos servindo na Índia como militar da Companhia das Índias Orientais, experiência esta certamente muito importante na constituição de suas impressões sobre o continente indiano e sua população. É através da perspectiva do militar inglês na Índia que estão construídas as descrições populacionais deste relato; as referências às populações sob regra portuguesa e inglesa apresentam-se de maneira diferente em parte em razão da idéia de manutenção do Império britânico nestas regiões.

O segundo capítulo analisa a construção da imagem da população por Burton em três locais diferentes: na Península Arábica, na região da África Oriental (hoje Somália e Etiópia), e na região da África Central, tendo sido todas estas viagens patrocinadas pela *Royal Geographical Society*. Estas obras estão agrupadas neste capítulo por representarem um período no qual as concepções de Burton sofrem uma sensível transformação, e principalmente por apresentarem a importante característica comum de serem todos relatos de aventura e portanto possuírem, além de uma estrutura formal semelhante, um lugar de

autoridade similar, do viajante aventureiro, que apresenta regiões antes desconhecidas da maioria dos europeus, criando uma espécie de domínio textual destas regiões.

No terceiro capítulo está a análise das obras produzidas por Burton já exercendo sua função de cônsul da Inglaterra. A primeira delas para a costa ocidental africana em 1861, e a segunda para no Brasil, em 1867, onde estava a serviço da coroa desde 1865. Embora as viagens não estejam relacionadas diretamente às funções consulares, a comparação destes livros é bastante proveitosa para notar o dilema entre um evolucionismo que começava a se cristalizar em seus textos e os modelos de fixidez do tipo racial, estático e não evolucionista. A função consular exercida por Burton nestes países proporciona uma nova perspectiva através da qual o autor observa e descreve as regiões por onde esteve, e será interessante notar como esta nova perspectiva influencia diretamente as construções de suas descrições na África Ocidental e no Brasil.

Desta forma, os capítulos, além de seguirem cronologicamente as viagens de Burton, encontram-se estruturados principalmente em razão das diferentes perspectivas através das quais o autor se coloca para escrever seus relatos, primeiramente o militar na Índia, depois o aventureiro e explorador na Arábia, África Oriental e Central, e finalmente o cônsul na África Ocidental e no Brasil. Estas diferentes posições ocupadas por Burton nas regiões pelas quais viajou conformam e delimitam de certa maneira as possibilidades de suas experiências nas suas diversas viagens, e é em razão disto que os capítulos desta dissertação estão estruturados desta maneira.

Por fim, na quinta parte estão colocadas as considerações finais baseadas nas análises dos capítulos anteriores, procurando retornar à hipótese de que os resultados textuais de suas viagens derivam das próprias experiências de contato frente aos aparatos de compreensão derivados de seu repertório europeu.

Os livros utilizados como fontes foram consultados em suas versões em Inglês, língua original de publicação. Em virtude disto, as citações mais longas aparecem em inglês (itálico e entre aspas), traduzidas nas notas de rodapé. Entretanto, algumas passagens mais curtas foram citadas já traduzidas, apenas entre aspas no corpo do texto, para que o ritmo de leitura não fosse prejudicado. Todas as traduções, em nota de rodapé ou no corpo do texto foram realizadas pelo autor desta dissertação.

INTRODUÇÃO:

Esta introdução tem por objetivo apresentar, ainda que brevemente, alguns elementos biográficos de Richard Francis Burton e do contexto da Inglaterra em plena Revolução Industrial e expansão imperialista.

Burton nasceu em 1821, em Torquay, Inglaterra. Seu pai, Joseph Burton, era tenente coronel do Exército inglês e havia participado de várias batalhas em território italiano. Por razões políticas, foi afastado da ativa em 1820 e passou o resto de sua vida a meio-soldo. Entretanto, sua mãe, Marta Baker, de família relativamente tradicional, trouxe para o casamento trinta mil libras de dote, na forma de uma renda fixa. A família Burton tinha então uma condição financeira relativamente tranqüila. Como nenhuma atividade prendia a família a terras inglesas, os Burton passaram grande parte da infância de Richard viajando entre França, Inglaterra e Itália¹¹.

Em 1821, a Inglaterra sofria já há algumas décadas profundas transformações sociais em razão de uma verdadeira revolução nas suas formas de produção, num processo que vinha substituindo as manufaturas pela produção industrial. Segundo Hobsbawn, as elites nobres não sofreram tanto as conseqüências desta transformação, ou seja, não perderam poder político nem financeiro, pelo menos até o Reform Act de 1832, que ampliava significativamente o sufrágio, diminuindo a exigência pecuniária para os eleitores¹². Ao mesmo tempo, surgia e enriquecia uma classe média que embora aspirasse à valores da nobreza, era muito numerosa para que fosse absorvida por esta. Entretanto, tanto

¹¹ Rice, Edward. *Sir Richard Francis Burton, o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe as mil e uma noites para o ocidente*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

¹² Hobsbawn, E. *Da Revolução Industrial ao Imperialismo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979. E Header, Harry. *Europe in the nineteenth century, 1830 – 1880*. London, New York, 1988.

a nobreza quanto esta nova classe empreendedora pautavam-se na Inglaterra daquele momento, numa filosofia utilitária e numa economia de caráter liberal. Embora suas vidas estivessem se transformando, elas não estavam desorganizadas, continuavam baseadas numa “ética tradicional” do empresário ambicioso e próspero, que se apoiava no trabalho duro e no puritanismo moral.¹³

Havia, entretanto, o outro lado da moeda desta acumulação financeira próspera por parte da elite inglesa. Esta faceta aparecia nas condições a que estavam submetidas as classes mais baixas, estas sim sofrendo radicalmente com a transformação de seu estilo de vida tradicional, quando ainda tinham o domínio sobre os seus próprios meios de produção e sobre dinâmica de suas atividades produtivas. Além disto, ruíam os laços paternalistas que, embora fossem instrumentos de dominação, pautavam-se em responsabilidades mútuas e não estavam sujeitos totalmente à lógica da produção de lucro.¹⁴

Esta parcela da população estava se tornando proletária, submetida a uma nova disciplina de trabalho, das grandes jornadas nas fábricas e à urbanização crescente na Inglaterra. Esta ampliação da miséria aparente, juntamente com o início da criação de uma consciência de classe, desembocou em movimentos de revolta como o ludismo e o cartismo.¹⁵

Esta faceta da Revolução Industrial inglesa tornava-se cada vez mais aparente e engendrava reflexões sobre a possível barbárie da civilização em oposição à crença utilitarista de que o desenvolvimento material levaria a uma felicidade maior para todos. “A civilização faz seus milagres, e o homem civilizado é quase levado de volta à

¹³Hobsbawn, E. op. cit., p 78.

¹⁴ A respeito da transformação nas condições de vida das classes mais baixas inglesas, ver principalmente Thompson, E. *Customs in Common* London, Penguin Books, 1993. *Tradicion, Revuelta y Conciencia de Classe*, Barcelona, Critica, 1984. *Formação da Classe Operária Inglesa*, São Paulo, Paz e Terra, 1988-97.

¹⁵ Hobsbawn, E. op. cit.

selvageria” diria Tocqueville a respeito da sociedade industrial de Manchester na década de 1840, com suas grandes massas de operários despossuídos.¹⁶

Burton, como se disse, pertencia a uma classe relativamente distante dos problemas sofridos pela população de mais baixa renda. Seu pai recebia sua renda da burocracia estatal, e sua mãe possuía uma renda familiar fixa, entretanto, a percepção da diferença entre as classes, e a designação conservadora da classe inferior como “bárbara” seria importante para a condensação de uma imagem de civilização oposta também a esta *barbárie*, que o próprio Burton desenvolveria depois, além de levá-lo a traçar um quadro projetivo de emigração do contingente pobre, em especial da Irlanda, durante a década de 1860, período posterior à grande fome na Irlanda, ocorrida no final da década de 1850.

Seu pai, desiludido com sua própria experiência no Exército, desejava uma carreira eclesiástica para os filhos, Richard e Edward, e enviou-os para Oxford e Cambridge, respectivamente, já no final da década de 1830. Segundo Rice, Richard praticamente provocou sua própria expulsão de Oxford, e finalmente Joseph Burton cedeu e comprou-lhe um cargo no Exército da Companhia das Índias Orientais.

Richard partiu para Índia em 1842, ocupando o posto de tenente, para servir no Exército da Companhia no 16º regimento nativo de Bombaim. Foi quando teve início sua experiência de residência no oriente. A Companhia das Índias Orientais detinha nominalmente o controle administrativo e comercial da colônia inglesa da Índia desde a metade do século XVIII e manteve este poder até a revolta dos Sipaio em 1857, adotando uma política de anexação especialmente agressiva desde meados do século XIX, que culminara com a anexação de Sind (em 1842) e do Punjab (entre 1846-49)¹⁷.

¹⁶ Citado por Hobsbawm em *Da revolução industrial...*, p 81

¹⁷ Bruit, H.H., *O Imperialismo*, Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

É exatamente neste período de acirramento da política de anexação inglesa na Índia que Burton desembarca em Bombaim. Segundo Rice, seu regimento seria deslocado para região de Sind, onde Burton, devido ao seu rápido aprendizado da linguagem nativa, desempenhou muitas missões secretas durante parte da década de 1840, infiltrando-se na sociedade local para conseguir informações para o Exército da Companhia.

Em 1847, Burton ficou doente durante uma epidemia de cólera em Karachi, onde estava então assentado; devido a isto, entrou de licença e partiu para um centro inglês de recuperação de saúde na região da província indiana de Oatacamund. Nesta viagem, Burton passou pela cidade de Goa, antes de seguir para a região montanhosa onde ficava o centro de recuperação. É desta experiência que surge o primeiro dos relatos analisados nesta pesquisa, *Goa and the Blue Mountains, or six months of sick leave*.

Ainda em 1847, Burton voltaria para Karachi, onde se dedicaria ao estudo e prática do Sufismo, uma variação da religião islâmica. Foi neste momento que adquiriu conhecimento profundo da religião muçulmana, que o levaria, anos mais tarde, a realizar a peregrinação a Meca.¹⁸

Em 1849, retornou para a Inglaterra, com a saúde ainda bastante debilitada. Durante os quatro anos entre seu retorno e sua partida para realizar a viagem para a Península Arábica, Burton permaneceu durante a maior parte do tempo na França. Finalmente, em 1853, consegue um financiamento da *Royal Geographical Society* que tornou possível a realização de sua viagem à Meca.

Na década de 1850, Burton ainda realizou outras duas viagens financiadas pela mesma instituição, uma para a África Oriental (1854) e outra para a África Central (1857-1859). Estas viagens são de caráter bastante diferente em relação à realizada para a Índia,

pois foram empreendimentos programados anteriormente, financiados, e foram textualizados como relatos de aventura. O financiamento destas viagens pela *Royal Geographical Society (R.G.S.)* aponta para o interesse institucional britânico nestas regiões. Segundo Robert Stafford,

*“Throughout the nineteenth century Britain sustained a programme of scientific exploration linked directly with her Imperial and trading interests.”*¹⁹

Ainda segundo este autor, os esforços da *R.G.S.* para financiar expedições de exploração ao redor do mundo foi parte integrante deste programa. Embora os relatos de viagem de Burton não fossem considerados por ele mesmo como “científicos”, estas viagens certamente contribuíram para a ampliação do conhecimento das regiões visitadas, em especial o conhecimento geográfico - o que era interesse direto da instituição financiadora - através da reelaboração de mapas europeus dos locais visitados e preenchimento de lugares antes vazios nestes mesmos mapas.

O relato sobre a Península Arábica encaixa-se de certa forma no discurso orientalista europeu, que segundo Said, representava um esforço tanto científico quanto imaginativo para codificar o oriente, “descrevendo-o, colonizando-o, governando-o”, ou seja, parte de uma construção de caráter imperialista, com objetivos velados ou abertos de dominação.

Burton talvez não tenha sido tão explícito como Napoleão no Egito no começo do século, quando usou do conhecimento orientalista disponível de então para criar uma

¹⁸ Rice, E. op. cit., capítulos 13 e 14.

¹⁹ Durante todo o século dezanove, a Inglaterra sustentou um programa de exploração científica ligado diretamente com seus interesses comerciais e imperiais. Stafford, Robert, “Scientific Exploration and Empire”. in *The Oxford History of British Empire*, vol. 3, Oxford and New York, Andrew Porter Editor, Oxford University Press, 1999, p. 294

estratégia de dominação através da empatia com o povo egípcio.²⁰ Mas certamente, na demonstração de sua capacidade de mimetizar-se como um muçulmano e realizar a peregrinação a Meca disfarçado, aparecia o sentido poderoso que o conhecimento dos significados e da sociedade do “outro” conferia ao europeu em sua vontade de domínio.

Em sua expedição para a África Central, o mesmo sentido de conhecer para dominar está certamente presente. Mary Pratt identifica como um momento crucial da narrativa de Burton neste livro a tomada de posse simbólica do lago Tanganika, apresentada por ela como a metáfora do “monarca de tudo que vejo”.²¹ Estava em curso nestas regiões, um processo de criação de conhecimento que resultaria na grande aceleração da colonização do interior africano na década de 1880, em seguida à conferência internacional de Bruxelas, que determinou as regras para sua exploração e colonização.²²

Além disto, segundo Hobsbawn, a Inglaterra, e de fato muitas outras nações européias, passavam por uma época de prosperidade econômica sem precedentes, baseadas nos princípios do liberalismo econômico. O fluxo de comércio internacional, inclusive para regiões não européias, aumentava num ritmo assustador, e os exploradores europeus na África nas décadas de 1840 a 1860 não podiam estar desinformados sobre a dimensão econômica de suas viagens.²³

Mary Pratt analisa vários outros viajantes em regiões africanas, desde o fim do século XVIII, e demonstra que todo um aparato ideológico de legitimação do domínio

²⁰ Napoleão tentava convencer os egípcios que representava o “verdadeiro Islã”. Said considera que isso só se tornou possível graças ao conhecimento orientalista anterior, no qual baseou toda sua expedição. Said, E. op. cit., pp. 88 a 91

²¹ Esta estratégia retórica consistia, segundo a autora, numa descrição com uma “marca pictórica verbal, cuja função maior era a de reproduzir para a audiência de seu país de origem os momentos culminantes em que “descobertas” geográficas eram “vitórias” para a Inglaterra.” Pratt, M. op. cit., p. 340.

²² Header, Harry. op. cit., p. 365.

europeu na África já vinha sendo construído há muito tempo, especialmente com uma literatura inspirada no modelo classificador e totalizador da história natural elaborado por Lineu. Segundo esta autora, a publicação do *Sistema Naturae* de Lineu em 1735 dá origem a um novo tipo de expedição científica, a viagem naturalista, parte de um movimento de criação de uma naturalização do domínio científico europeu sobre o resto do mundo. Significativamente, os modelos descritivos da história natural tendem a subsumir a história e a cultura à natureza, ou seja, reduzem os territórios observados às suas características naturais, colocando-os como disponíveis para a exploração européia. Esta ideologia, segundo Pratt, estava assentada sob a óptica da “anticonquista”, termo cunhado pela autora para se referir às...

“...estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência o mesmo tempo em que asseguram a hegemonia européia .”²⁴

No entanto, as estratégias de Burton parecem preocupar-se menos com a questão da inocência, sendo que em seus textos sobre a Índia e a África, o projeto imperialista de expansão territorial aparece de maneira bastante explícita, estando a discussão centrada nas formas pelas quais este domínio poderia ser exercido. Além disto, Burton não produz relatos característicos dos modelos naturalistas. Como se verá, a história e a população surgem como elementos importantes em muitas de suas descrições.

Ao final da década de 1850, Burton voltou para a Inglaterra. Foi exatamente no ano de 1860 que se casou com Isabel Arundell, e segundo Rice, foi graças à insistência desta em meios políticos importantes que Burton conseguiu o cargo de Cônsul em

²³ Hobsbawn, E. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

²⁴ Pratt, M. op. cit., p. 32.

Fernando Pó, localidade da costa ocidental africana, para onde viajou no ano seguinte. Foi da viagem de navio da Inglaterra até Fernando Pó que resultou um outro relato que será abordado nesta pesquisa, *Wanderings in West Africa*.

Burton permaneceu em suas atividades consulares até 1865. Neste período, realizou várias viagens para as regiões adjacentes ao seu consulado. Foi também no início de suas atividades consulares que ele perdeu seu posto no exército da Companhia, que tinha passado para o controle da coroa britânica no ano de 1858.²⁵

No final de 62 retornou à Inglaterra, e em janeiro de 63 presidiu a primeira reunião da *London Anthropological Society*, instituição na qual, segundo suas próprias palavras, “qualquer homem, monogenista, poligenista, eugenista ou disgenista, pode expor a verdade que lhe concerne”.²⁶ A participação de Burton na fundação desta sociedade de estudos é significativa para demonstrar suas concepções raciais neste período.²⁷

Finalmente, em 1865, graças novamente a amigos influentes de Isabel, Burton conseguiu sua transferência para Santos, o que não parece tê-lo deixado muito satisfeito. Em sua introdução à tradução inglesa do livro de Hans Staden, Burton refere-se ao tempo no consulado em Santos como um “exílio”.²⁸

Em 1867, de licença do cargo, Burton partiu para a última das viagens que serão analisadas aqui. Ele saiu do Rio de Janeiro, acompanhado de sua esposa, seguiu até a região das minas de ouro próximas a Ouro Preto, de onde prosseguiu sozinho, realizando

²⁵ Rice, E. op. cit., p 365.

²⁶ Rice, E. op. cit., p 378.

²⁷ Stocking sugere que esta instituição foi fundada por James Hunt como uma espécie de represália às limitações impostas pela *Ethnological Society* de Londres com relação a trabalhos que tendiam a uma interpretação mais estreitamente racista das populações não européias do mundo. Enquanto na *Ethnological Society* prevaleciam interpretações monogênicas e evolucionistas, na *Anthropological Society* prevaleciam interpretações poligênicas e baseadas na fixidez de características raciais. Stocking, George. *Victorian Anthropology*. New York, The Free Press, 1987, capítulo 7.

então uma viagem fluvial pelo Rio das Velhas e depois pelo São Francisco, até o Oceano Atlântico.²⁹

Nesta viagem, Burton reflete claramente as intenções comerciais da Inglaterra no Brasil. No primeiro volume de seu relato sobre o Brasil, o autor fez uma análise minuciosa do sistema de extração de ouro pelas companhias inglesas nesta região do país, e no segundo, projetou o Rio São Francisco no futuro como uma grande via de ligação das regiões interiores do Brasil ao Oceano Atlântico e ao comércio mundial.³⁰

De certa forma, também este texto apresenta um caráter imperialista, embora em termos bastante diferentes do imperialismo de Burton na África e no Oriente, onde as estratégias eram de tomar posse e administrar territórios, anexando-os ao domínio europeu. Aqui, é a penetração do comércio como elemento de influência inglesa que está em pauta para o autor.

Nos próximos capítulos encontram-se, portanto, análises dos relatos de viagem mencionados nesta breve introdução.

²⁸ "Era o meu destino durante aproximadamente três anos, entre 10 de novembro de 1965 e 28 julho de 1868, suportar o exílio como cônsul da coroa britânica para o porto de Santos, na Província de São Paulo, Brasil" .no prefácio a *The captivity of Hans Stade of Hesse*, p. 1.

²⁹ Burton, Richard Francis. *Explorations of The Highlands of Brazil*. London, Tinsley Brothers, 1869

³⁰ Já se notou que a expansão comercial inglesa para regiões coloniais não teve precedentes em outras épocas.

CAPÍTULO 1 – UM MILITAR INGLÊS NA ÍNDIA :

1.1 - Um “Império de opinião”.

O relato que será analisado neste capítulo é o resultado textual da viagem empreendida por Richard Burton em 1847, na qual ele saiu de Sind, passou por Goa e chegou à província de Oatacamund, período no qual ele esteve afastado por motivos de saúde, das atividades do exército da Cia das Índias Orientais. Este foi o seu primeiro relato de viagem. O autor tinha então 26 anos, e contava com uma experiência de cinco anos em terras indianas.

Desde o princípio do século XIX, a Inglaterra vinha intensificando sua política de domínio e anexação em territórios indianos, e Burton havia desembarcado em Bombaim em 1842, no mesmo ano em que o exército da Cia. das Índias Orientais havia efetuado a anexação do território de Sind. A vivência desta política agressiva da Inglaterra certamente contribuiu para uma introjeção ainda maior do sentido de superioridade inglesa na colônia.

Apesar de não haver freqüentado a academia por muito tempo, o talento de Burton para línguas já se fazia notar há algum tempo. Ele, por exemplo, conseguira atingir a proficiência nos testes do governo inglês para o hindustani e guzerate, conhecia com certeza o árabe e o português, além das línguas clássicas.

Seu estilo de escrita ainda evoluiria muito ao longo de sua vida; entretanto, algumas características de sua prosa, que continuariam marcando suas obras mais maduras, já podem ser identificadas nestes primeiros momentos, entre elas uma ironia afiada e uma

relação de proximidade com o leitor, que contribuem para dar a este texto sobre a viagem indiana um tom bem humorado e relativamente informal.

O primeiro capítulo deste livro é de importância crucial para que se possa compreender a posição assumida por Burton em relação tanto ao leitor europeu quanto à realidade colonial. Logo na primeira página, tem início a construção que confere sua autoridade frente ao leitor europeu. No primeiro parágrafo do texto, Burton manifesta sua felicidade ao embarcar em seu *Pattimar*, para deixar a “pestilenta Sind”.

“His What?”

*Ah! We forget. The gondola and the barque are household words in your English ears, the budgerow is beginning to won an old familiar sound, but you are right – the pattimar requires a definition.”*³¹

Ao mesmo tempo em que se aproxima do leitor e identifica-o, tratando-lhe por “você” e dirigindo-se a “ouvidos ingleses”, Burton assume a sua posição privilegiada em razão de seu conhecimento do lugar que descreve. Ele faz questão de se mostrar tão próximo da realidade colonial que até mesmo “se esquece” de que o leitor poderia não conhecê-la. Na verdade, esta relação entre conhecedor e leigo é pontualmente marcada ao longo de todo o texto.³²

Ainda neste mesmo primeiro capítulo, pode-se destacar uma passagem na qual aparece expressa em texto a superioridade conferida por Burton aos ingleses em relação aos nativos. No momento em que todos estavam a bordo do barco, e o capitão continuava a

³¹ “Seu o que? Ah!, esquecemo-nos. A Gôndola e a barca são palavras comuns para seus ouvidos ingleses, o budgerow começa a ganhar familiaridade, mas você está certo, o pattimar requer uma definição”. Burton, Richard Francis. *Goa and the Blue Mountains or Six Months of Sick Leave*. Nova Delhi, Madras, Asian educational services, 1991, p. 1. A partir de agora, este livro será referido simplesmente como *Goa*.

³² Burton freqüentemente usa nomes nativos, que requerem sua explicação, fala em “cobertura de cadjans (como as folhas do eterno coqueiro são chamadas)”, *Goa*, p 2 ou “adeus ducks e dingies”, para explicar em

atrasar a partida, Burton aplica-lhe uma chinelada na cabeça (*“a touch of our magic slipper upon the region of the head”*³³), o que foi suficiente para que a partida realmente acontecesse. Depois disto, o capitão passou a tratá-lo como um verdadeiro “gentleman”.

De fato, ao longo de todo o relato, Burton naturaliza o domínio inglês na Índia. Esta passagem sobre a chinelada na cabeça do capitão apresenta de maneira debochada a representação do caráter do Império inglês na Índia. Segundo ele:

*“Our empire in the East has justly been described as one of opinion, that is to say, it is founded upon the good opinion entertained of us by the natives, and their bad opinion of themselves”*³⁴

No texto, o nativo submete-se ao colonizador; ele não só considera o europeu superior, mas frente a ele cria uma imagem negativa de si mesmo. Esta é uma das estratégias de Burton para naturalizar a expansão inglesa no Oriente.

Esta dupla posição de autoridade frente ao leitor e frente à própria população nativa fornece as condições para que o autor possa criar o seu Oriente. O leitor não conhece o Oriente, e o nativo oriental lhe reconhece como senhor. Não importa de fato a relação entre a descrição do autor e a realidade observada, é o autor do texto que domina a cena e confere-lhe significação.³⁵

A sua construção da imagem da população colonial certamente está submetida a estas prerrogativas. A primeira das descrições populacionais presentes neste relato diz

nota que ducks é a forma pela qual são chamados os habitantes de Bombaim e dingies suas pequenas embarcações. (*Goa*, p 5), os exemplos podem se multiplicar as dezenas.

³³ “um toque de nosso mágico chinelo na região da cabeça”. *Goa*, p 4.

³⁴ “Nosso império no Leste tem sido justamente descrito como um de opinião, significa dizer, está fundado na boa opinião que os nativos têm de nós e na sua má opinião para com eles mesmos”. *Goa*, p. 157.

³⁵ “Depois de Napoleão, portanto, a própria linguagem do orientalismo mudou radicalmente, seu realismo descritivo foi promovido e tornou-se não apenas um estilo de representação mas uma linguagem, na verdade um meio de *criação*”. Said, E. op. cit., p. 96

respeito aos habitantes de Goa e é aqui que se pode perceber uma primeira tentativa de organização nestas descrições. Segundo Burton,

*“The population of Goa is composed of three heterogeneous elements, namely, pure Portuguese; black Christians, and the heathenry. A short description of each other will, perhaps, be acceptable to the reader.”*³⁶

Antes de passar aos elementos propriamente descritos, esta passagem por si merece alguns comentários. Em primeiro lugar, ela não segue nenhum critério fixo, ao menos na nomeação: os elementos são Europeus (designação de origem e geográfica), depois Cristãos Negros e Pagãos (designação principalmente religiosa). O próprio autor reconhece que estes elementos são heterogêneos, e portanto esta classificação agrupa determinadas diferenças dentro de um mesmo elemento maior.

Outro fator que ainda merece menção antes de observarmos os *elementos* internamente é a própria divisão dos capítulos que tratam da população, ou seja, os portugueses são descritos ainda dentro do capítulo *Return to Panjim* (nova Goa), enquanto os demais elementos aparecem num capítulo a parte. Esta divisão indica uma diferenciação significativa entre europeus e demais habitantes.

De qualquer forma, isto não significa que Burton tivesse em alta estima os portugueses, e menos ainda seus descendentes nascidos na Índia, tanto os mestiços quanto os de sangue puro.

³⁶ “A população de Goa é composta por três elementos heterogêneos, a saber, portugueses puros, cristãos negros e pagãos. Uma curta descrição de cada um deles poderá, talvez, ser aceitável para o leitor”. *Goa*, p. 85.

A sua descrição da população portuguesa trata basicamente da condenação à política de casamentos entre europeus e nativos, que teriam sido a causa da decadência portuguesa na Índia.

*“However reasonable it might have been to expect the amalgamation of the races in the persons of their decedents, experiences and stern facts condemn the measure as the most delusive and treacherous political day dream. It has lost the Portuguese almost everything in Africa as well as Asia. May heaven preserve our rulers from following their example! In our humble opinion, to tolerate it is far too liberal a measure to be a safe one.”*³⁷

De fato, Burton critica duramente o resultado “biológico” do cruzamento inter-racial. Ele chega a afirmar que os mestiços eurohindus de Goa “herdaram mais vícios que virtudes das duas raças das quais descendem”³⁸, ou em outra passagem, bem mais contundente:

*“Neither British nor Portuguese India ever produced a half-caste at all deserving to be ranked in the typical order of man”*³⁹

Apesar disto, não se pode ler a passagem sobre a amalgamação das raças citada acima somente por esta ótica. Os próprios ingleses tinham por costume adotar uma concubina indiana nativa, e muitos chegavam a morar com elas.⁴⁰ O que Burton estava

³⁷ “Por mais razoável que possa ter sido esperar a amalgamação das raças na pessoa de seus descendentes, a experiência e severos fatos condenam a medida como o mais ilusório e perigoso sonho político. Que os céus preservem nossos governantes de seguir este exemplo! Na nossa humilde opinião, tolerar isto é uma medida muito liberal para ser segura.” *Goa*, p. 88

³⁸ *Goa*, p. 100

³⁹ “Nem a Índia britânica nem a portuguesa jamais produziram uma população mestiça (half-caste – meia casta), que merecesse ser colocada na ordem típica do homem”. *Goa*, p. 157.

⁴⁰ Rice informa que mesmo Burton possuía uma destas *bubus* (esposas negras) durante sua estadia em Sind, e sugere mesmo que ele deve ter tido alguns filhos com ela. Rice, E. op. cit., capítulo 6

criticando nesta passagem é a condição de proximidade na qual os portugueses colocavam-se frente aos nativos, é esta a “medida muito liberal para ser considerada segura”. Como já se viu, para Burton, o império da Inglaterra no leste estava baseado na opinião, ou seja, o inglês devia aparecer como superior e diferente para o oriental. A condição de igualdade frente ao nativo destruía portanto a própria base do império.

Além disto, embora a mistura sangüínea fosse um fator degenerativo, ela não era o único. O clima também tinha sua parcela de contribuição, pois embora o termo “*mongrel*” (vira lata) fosse aplicado aos mestiços de sangue, também se aplicava a qualquer família assentada no país há mais de uma geração, pois ainda que não houvesse mistura de sangue, “ainda havia a mistura de ar ou clima, que vem a ser a mesma coisa”⁴¹.

Aparentemente, esta degeneração é principalmente moral, já que algumas páginas à frente, o autor afirma que não acredita na teoria que afirmava que a permanência dos portugueses por três séculos nos trópicos seria suficiente para a alteração na cor da pele. Burton polemiza aqui com um certo Bispo Heber, que supostamente constata que os Portugueses, tendo permanecido por trezentos anos na Índia, tornaram-se totalmente negros, e que este fato servia para negar a suposição de que “o clima sozinho é insuficiente para ser responsabilizado pela diferença entre o negro e o europeu”.

A resposta de Burton é a seguinte:

“Climate in this case had nothing whatever to do with the change of colour. And if it had, we might instance as an argument against the universality of such atmospheric action, The Parsee, who, thought he has been settled in the tropical lands of India for more than double three hundred years, is still, in appearance, complexion voice

and manners, as complete Iranian as when the first fled from his native mountains.”⁴²

Como se pode notar ver, a influência do clima aparece também sem nenhuma definição de seu grau de atividade na formação de um povo ou raça, seja moral ou fisicamente. Esta passagem parece importante, pois Heber procura estendê-la à diferença mais geral entre europeus e negros, o que não parece muito evidente para Burton já neste momento.

Ainda restam os outros dois “elementos heterogêneos” que compunham, segundo Burton, a população de Goa. O primeiro deles, os *Cristãos Negros*, surge dividido em duas ordens: os hindus convertidos e os mestiços euro-hindus. Estes dois grupos assemelham-se o suficiente para serem classificados como um único elemento, basicamente em razão da sua opção religiosa, e talvez de sua aparência degradada.⁴³

Já se viu como Burton tem em má opinião a população mestiça. Segundo ele,

*“It would be, I believe, difficult to find in Asia an uglier or more degraded looking race than that which we are describing now.”*⁴⁴

No que diz respeito aos hindus convertidos, sua opinião não é melhor. Eles são “decididamente a raça mais baixa na escala da humanidade civilizada que já tivemos oportunidade de observar até agora”⁴⁵.

⁴¹ *Goa*, p. 89.

⁴² “O clima, neste caso, não tem nada a ver com a mudança de cor. E se tivesse, poderíamos dar um exemplo como um argumento contra a universalidade de tal ação atmosférica, Os Parses, os quais, apesar de estarem assentados nas terras tropicais da Índia a mais que o dobro de três séculos, ainda são, em aparência, compleição, voz e maneiras, tão completamente iranianos como quando o primeiro deles saiu de suas montanhas nativas”. *Goa*, p. 103.

⁴³ Poder-se-ia pensar que esta classificação estaria de acordo com a hierarquia social, mas segundo o próprio Burton, “os mestiços formam a grande massa da sociedade; isto inclui todas as classes, do cozinheiro ao oficial do governo”. *Goa*, p. 97

⁴⁴ “Seria difícil, acredito, encontrar uma raça mais feia e de aparência degradada do que esta que estamos descrevendo agora.” *Goa*, p. 97

⁴⁵ *Goa*, p. 103

As descrições físicas aparecem de maneira sucinta e, como se nota nas duas passagens acima, num tom altamente negativo, ainda assim, percebe-se que Burton considera-os dentro de uma escala da “humanidade civilizada”.

Restam ainda os pagãos, ou seja, os muçulmanos e hindus. Os muçulmanos aparecem descritos em um único parágrafo:

*“The Moslem population at Panjim scarcely amount to a thousand. They have no place of worship, although their religion is now, like all others tolerated. The distinctive mark of the faithful is the long beard. They appear superior beings by the side of the degenerate native Christians.”*⁴⁶

Quanto aos hindus, a pele amarela clara é a única referência física que se nota em sua descrição, e o restante do texto dedicado a eles diz respeito às suas roupas e às divisões internas das castas entre eles. Burton aparentemente associa os hindus à casta bramânica, e os convertidos ao cristianismo com as castas inferiores.⁴⁷

É momento de fazer algumas considerações a respeito desta primeira classificação e descrição da população por Burton. Em primeiro lugar, a própria divisão dos elementos desta população apresenta duas distinções significativas: a primeira delas entre europeus e não europeus, inclusos nestes os mestiços⁴⁸; a segunda, puramente religiosa, dividindo cristãos e pagãos. Esta divisão não funciona quando se pensa em termos de hierarquia social (e financeira), pois embora os portugueses pudessem ser considerados como pertencentes ao topo desta hierarquia, os mestiços “estão presentes em todas as classes”.

⁴⁶ “A população muçulmana em Panjim dificilmente chega a mil. Eles não têm lugar para orar, ainda que sua religião seja agora, como todas as outras, tolerada. A marca distintiva dos fiéis é a longa barba. Eles parecem seres superiores ao lado dos degenerados cristãos nativos”. *Goa*, p. 106.

⁴⁷ O que não é difícil de compreender, já que na sociedade hindu, a mobilidade social é impossível, enquanto no cristianismo, ao menos em teoria, todos são iguais perante Deus.

Os Brâmanes, por exemplo viviam em “grande conforto, senão luxúria”, enquanto certamente muitos dos cristãos nativos não dispunham desta possibilidade.

Apesar de ter-se notado a elaboração de uma conceituação bastante negativa do mestiço, mesmo em termos biológicos, as tentativas de reduzir a classificação de Burton à configuração física ou biológica desta população apresentariam dificuldades. As descrições físicas, apesar de contundentes, são muito curtas e não aparentam ter nenhuma organização criteriosa de comparação. De fato, o que sobressai, mesmo na nomenclatura, é a divisão religiosa e, mais que isto, na verdade, embora cristãos, os mestiços e hindus convertidos não podem ser comparados aos europeus. A superioridade européia está naturalizada, mesmo em se tratando dos portugueses que, como se viu, Burton não mantém em alta conta.

Resta ainda ressaltar uma outra consideração importante, a saber, que a classificação realizada por Burton é completamente externa aos nativos, suas vozes não aparecem nesta divisão; trata-se de uma divisão totalmente européia. Ela não se enquadra na hierarquia social ou financeira, não se preocupa com a sua significação para os próprios descritos. É mais um momento de naturalização do domínio, isto é, são critérios unicamente europeus que orientam a observação.

Um dos temas recorrentes deste relato, especialmente quando Burton está em domínios portugueses, é a análise dos motivos do fracasso da antiga colonização portuguesa na Índia e, ao mesmo tempo, das condições necessárias para a manutenção do império inglês. Uma síntese destas análises aparece no capítulo no qual Burton está para deixar os domínios portugueses, intitulado “Adeus a Panjim”. Este capítulo é bastante revelador da forma imperialista defendida por Burton, pois ele sugere que a observação dos

⁴⁸ Esta divisão é tão forte que chega a ser formal no texto, estando europeus num capítulo em separado.

fracassos dos portugueses poderia servir de lição às pretensões inglesas na Índia. Segundo o autor, a colonização portuguesa baseou-se na tomada e fortificação de algumas regiões litorâneas, e na utilização destes postos para monopolizar o comércio com regiões interiores. Enquanto os ingleses, pelo contrário,

*“Have hitherto acted upon the principle of subjugating whole provinces to our sway, and such has been our success, that not only the Christians, but even the heathen, sees the finger of providence directing our onward course to conquest.”*⁴⁹

Para Burton, é a conquista efetiva e não o monopólio do comércio que parece importante neste momento; é da capacidade de subjugar que surge o respeito e submissão do nativo ao império inglês.

Uma outra e importante questão que aparece neste capítulo é a possibilidade de criar assentamentos definitivos de ingleses, como os realizados pelos portugueses. Burton condena-os por dois motivos: a influência deletéria do clima e a possibilidade de miscigenação sangüínea surgem como elementos degenerantes da população e, conseqüentemente, da colônia. Estes elementos poderiam levar à transformação na maneira pela qual os indianos enxergavam os britânicos. E como se viu, para Burton, o império inglês na Índia era um “império baseado na opinião”.

“We cannot but suspect that the lower estimate they have formed of their antagonist has more to do with their increased formidableness, than any other of the minor causes to which it is usually attributed. [...] Every one knows that if the people of India could be

*unanimous for a day they might sweep us from their country as dust before whirlwind.”*⁵⁰

A última característica da colonização portuguesa na Índia analisada por Burton é a questão da conversão religiosa. Segundo ele mesmo, o tema da conversão dos indianos ao cristianismo estava gerando uma “espécie de excitação” na Inglaterra. Novamente, é no exemplo português que vai buscar a comparação. Segundo Burton, as estratégias de conversão portuguesas baseavam-se, no início, na força e, posteriormente, na violação da própria escritura, tornando a fé cristã mais atraente para a concepção hindu.⁵¹

O maior problema na questão das conversões, segundo Burton, não estava nos preceitos da religião cristã, mas sim na consideração que os hindus faziam dos cristãos. Os cristãos no Leste eram inferiores “em força, coragem e princípios” às outras tribos que habitavam esta parte do mundo.⁵² A conversão forçada e a deturpação da escritura para converter os hindus serviam mais uma vez como lição do que não deveria ser feito:

“What Goa has done may serve as a lesson to us. She compelled or induced good Hindus and Moslems to become bad Christians. The consequence has been the utter degeneracy of the breed, who have been justly characterized by our House of Commons as ‘a

⁴⁹ “Temos até agora agido sobre o princípio de subjugar províncias inteiras à nossa influência, e tal tem sido nosso sucesso que não apenas os cristãos, mas mesmo os pagãos vêem o dedo da providência dirigindo nosso curso em direção à conquista.” *Goa*, p. 155.

⁵⁰ “Nós não podemos deixar de suspeitar que a estimativa inferior que eles têm formado de seus antagonistas tem mais a ver com sua crescente temibilidade, do que qualquer outra causa menor às quais ela é usualmente atribuída. [...] Qualquer um sabe que se o povo da Índia pudesse ser unânime por um dia, eles poderiam varrer-nos de seu país como poeira frente ao furacão.” *Goa*, p. 158.

⁵¹ Algumas páginas antes, Burton contara um caso sobre um sermão católico, onde o padre falava de Cristo como senhor de um grande exército, “montado no maior elefante que já se viu”, entre outras coisas. O padre, respondendo a questão de Burton sobre se ele havia lido o evangelho disse-lhe, “Claro, mas se eu lhes dissesse que Cristo foi filho de um carpinteiro eles ririam da minha cara.” Seguido ainda da nota explicativa dizendo que o carpinteiro pertence a uma das castas mais baixas da Índia. *Goa*, p. 111.

⁵² *Goa*, p. 161.

*race the least respected and respectable, and the least fitted for soldiers
of all the tribes that diversify the populous country of India' ”.*⁵³

É bastante interessante comparar esta análise dos problemas da colonização portuguesa na Índia com a descrição da população de Goa, pois esta comparação revela um projeto bem definido. O retrato especialmente degenerado dos cristãos, tanto os nativos quanto os mestiços, repete-se aqui; note-se que o único parágrafo sobre a população muçulmana de Goa lembrava que eles pareciam “seres superiores ao lado dos cristãos degenerados”. O efeito deletério do clima também está reafirmado. Além disto, pode-se observar que o alvo da crítica à política de casamentos inter raciais não era unicamente a degeneração biológica resultante, mas também, e talvez principalmente, a condição de igualdade na qual o português colocava-se - aos olhos de Burton - frente ao hindu. É justamente isto que a Inglaterra deve evitar.

A primeira coisa que se notou neste texto foi a posição de dupla autoridade na qual Burton coloca-se neste livro: ante aos seus leitores que desconhecem a Índia, e ante aos nativos que se submetem frente a demonstração de poder do europeu.

É deste lugar que Burton pôde construir um projeto claro de manutenção do domínio inglês na Índia. É a sua visão que classifica a população, e a sua visão é a verdade para o europeu. Ele, portanto, cria as condições de sustentar seu projeto na descrição da população de Goa, um projeto de anexação à força, sem presença fixa de Europeus, sustentada na demonstração de força mais que na conversão para a fé européia. Até aqui,

⁵³ “O que Goa fez deve servir como lição para nós. Ela compeliu ou induziu bons hindus e muçulmanos a se tornarem maus cristãos. A consequência foi a profunda degeneração do tipo (breed), o qual foi justamente caracterizado pelo nosso parlamento como ‘uma raça menos respeitada e respeitável, e a menos apta para soldados de todas as tribos que diversificam o populoso país da Índia’”. *Goa*, p 162.

portanto, pode-se considerar que o livro é um claro projeto imperialista, e que a descrição populacional está claramente submetida a este projeto.

1.2 - Índia : “a terra das maravilhas etnológicas”

É interessante recuperar uma questão do tópico anterior antes de voltar a atenção para os outros capítulos sobre a descrição populacional presentes neste relato. Trata-se da idéia de Burton de que os cristãos são, em geral, vistos como inferiores no Leste. Este é talvez o único momento no qual o autor coloca-se frente ao “outro”, procurando compreender suas concepções com vistas a pautar o seu projeto de domínio na primeira parte do livro.

A partir do momento em que Burton entrou em território inglês, pode-se notar um interesse maior pela história e sociedade indiana. Ao invés de recuperar a história da conquista, como havia feito em Goa, o autor agora se refere a marcos da história hindu, como eles mesmos a concebiam:

*“The province, now called Malabar, is part of the Kerula Rajya, the Kingdom of Kerula, one of the fifty –six deshas, or regions, enumerated in ancient Hindu history as forming the Bharata Khanda or land of India. It is supposed to have been recovered from the sea by the sixth incarnation of Vishnu, who in expiation of a matricidal crime gave over to the Brahmans, particularly to those of the moonsut tribe, the broad lands lying between Gokarna and Kanya Kumary, or Cape Camorin.”*⁵⁴

⁵⁴ “A província, agora chamada Malabar, é parte do Kerula Rayja, o reino de Kerula, uma das dezesseis *deshas* ou regiões, enumeradas na antiga história hindu como formando a Bharata Khanda, ou terra da Índia. Supõe-se que ela foi coberta pelo mar na sexta encarnação de Vishnu, o qual em expiação a um matricídio deu aos brâmanes, particularmente aqueles da tribo *monsut*, as amplas terras entre Gokarna e Cabo Camorin”. *Goa*, p. 186.

Não se trata de pensar sobre o *status* que Burton conferia a esta história, aparentemente fabulosa; basta notar que ele procura recuperar a significação hindu da posse sobre aquela terra. Obviamente, ele não estava questionando a posse britânica. Este esforço em retratar a história hindu continua ainda neste capítulo, com a proposição de fornecer um “detalhado relato dos principais itens que compunham a curiosa renda dos rajás hindus e dos chefes nos tempos antigos”.⁵⁵ Descrição esta que toma seis páginas do texto.

Neste mesmo sentido, pode-se observar a sua descrição populacional dos hindus de Malabar. Após uma reconstituição relativamente detalhada da sequência histórica das famílias governantes, e de sua forma complicada de hereditariedade (herança para o filho da irmã), Burton enumera as diferentes castas presentes na província. Agora, a classificação procurava reproduzir a hierarquia social dos próprios hindus.⁵⁶

Na sequência desta classificação, Burton oferece uma prévia do que será alvo de sua descrição.

*“Even in India, the land of ethnological marvels, there are few races so strange and remarkable in their customs as the people of Malabar. The soil or the climate seems to have exercised some peculiar effect upon its inhabitants: Hindus as well as Moslems abound in peculiarities unknown to their tenets and practices in other parts of the world.”*⁵⁷

⁵⁵ *Goa*, p. 195.

⁵⁶ “1- noombory Brahmans, 2- Puttur or foreing brahmans, 3- nairs, 4- tiyars, 5- mophlas, 6- fisherman, 7- chermur or serfs, 8- Christian and other strangers.” *Goa*, p. 212.

⁵⁷ “Mesmo na Índia, a terra das maravilhas etnológicas, há poucas raças tão estranhas e notáveis em seus costumes como o povo de Malabar. O solo ou o clima parece ter exercido alguns efeitos peculiares sobre seus habitantes: hindus bem como muçulmanos abundam em peculiaridades desconhecidas aos seus princípios e práticas em outras partes do mundo.” *Goa*, p. 212.

As associações presentes nesta passagem são entre etnologia e costumes, e entre solo, clima e seus efeitos sobre os habitantes. É de fato nos costumes que estará centrada a descrição de Burton nas páginas seguintes.

Em primeiro lugar, surge a casta dos Brâmanes. A descrição começa com a recuperação da origem genealógica da casta e dos costumes que regulam as relações familiares, como casamento, herança, punições ao mau comportamento das mulheres, entre outras coisas. A relação dos Brâmanes com as outras castas também está presente. Segundo Burton, somente o filho mais velho tem permissão para casar, e os mais novos ficam submetidos a uma vida celibatária. Esta vida parece tão “aborrecida”, que os brâmanes induzem os Nairs a “permitir relações entre as suas fêmeas e eles”⁵⁸.

Em sua abordagem da casta dos brâmanes, a descrição física fica resumida a uma breve menção à aparência.

“There is nothing striking in the appearance of the Numboory.

*He is generally speaking, a short, spare man, of a dark olive coloured complexion, sharp features and delicate limbs.”*⁵⁹

A descrição da casta seguinte, os Nairs, segue praticamente o mesmo padrão, partindo das funções sociais (no passado a milícia e, contemporaneamente a Burton, a agricultura), descrevendo a forma dos costumes que regulam sua casta, de novo centrado nas formas de casamento e herança, sendo que esta última é alvo de longa reflexão. Burton parece bastante intrigado com o costume de herança entre os Nairs, no qual o patrimônio após a morte do homem passa para as mãos do filho mais velho da irmã. Segundo ele, “a

⁵⁸ *Goa*, p. 213

⁵⁹ “Não há nada impressionante na aparência do *Numboory*. Ele é, geralmente falando, um homem baixo, magro, pele cor de oliva escura, feições agudas e membros delicados.” *Goa*, p. 214.

origem desta extraordinária lei está perdida na obscuridade da antigüidade”⁶⁰. Mas nem por isto deixa de tentar explicá-la, sugerindo que ela tinha sua função bastante específica numa sociedade onde esta casta compunha o exército. Seus “efeitos políticos” beneficiavam a comunidade como um todo, quebrando os “laços domésticos, sempre inconvenientes numa sociedade estritamente militar”⁶¹:

*“ (It) appear the result of well-digested plans for carrying out the proposed object [...] we cannot account for its existence by any supposition except that the law givers were determined to rear a race of warriors. As corroboration to our theory, we may instance the fact that these strange and now objectless ordinances are gradually giving way to the tide of truer feeling.”*⁶²

Que as conjecturas de Burton possam estar totalmente erradas, não importa, o que interessa notar é a grande diferença em relação à observação claramente exterior da população goesa. Aqui, ele procura encontrar significado nas relações entre os grupos descritos. Ainda deve-se notar que a descrição propriamente física é muito reduzida. Novamente, apenas uma pequena menção à aparência surge na descrição dos Nairs ⁶³.

Este padrão pode ser estendido às descrições das demais castas. Cada grupo é sempre apresentado dentro de suas relações com as demais (de servidão, de inimizade etc...). A descrição de cada um destes grupos está voltada para os costumes que regulam

⁶⁰ Goa, p. 218.

⁶¹ Goa, p. 219

⁶²“isto, (a herança pelo sobrinho), parece o resultado de planos bem digeridos para conseguir o objetivo proposto [...] não podemos creditar sua existência a outra suposição que não seja a de que os legisladores estavam determinados a criar uma raça de guerreiros. Corroborando com nossa teoria, podemos exemplificar com o fato de que estas estranhas e agora objetáveis ordenações estão gradualmente dando lugar ao curso de sentimentos mais verdadeiros.” Goa, p. 220.

⁶³ “Os Nairs são uma raça clara e bem aparentada, com feições ordenadas (neat), membros alinhados e decididamente com uma aparência de casta elevada”. Goa, p. 221.

suas ações, como os casamentos e heranças já mencionados, e para as suas funções na sociedade e suas ocupações. A descrição física sempre fica totalmente em segundo plano, e aparece quase de maneira incidental.

Não se pode deixar de fazer referência, entretanto, a duas passagens significativas, a respeito dos Mophlas e dos Mokawars ou pescadores. Primeiramente a respeito dos muçulmanos (Mophlas), Burton não pode deixar de notar a origem “mestiça” (mongrel) da raça, que “mesmo no presente demonstra em corpo e mente não poucos traços de sua origem mestiça.”.⁶⁴

Quanto aos pescadores, é interessante recuperar sua referência à aparência deste grupo.

*“In appearance these fishermen are an uncommonly ill favored race; dark, with ugly features, and forms which a developist would pronounce to be little removed from the original orang – outang.”*⁶⁵

Embora Burton tenha considerado importante notar a semelhança física desta parcela da população com o macaco, ele significativamente retira as palavras de sua boca, pois não é ele que está dizendo, e sim um “evolucionista diria”.

O que aparece aqui é uma mera menção à feiúra desta *raça*, e não o esboço de uma teoria evolucionista. Note-se que mesmo o caráter desta parcela da população “mostra vantagens quando contrastada com os Mophlas e os Nairs”, pois eles eram industriais e pacíficos e “tão honestos quanto se pode esperar”⁶⁶

⁶⁴ *Goa*, p. 231. Atualmente a designação “mongrel” possui uma conotação bastante negativa.

⁶⁵ “Em aparência estes pescadores são uma raça extraordinariamente mal favorecida; com feições feias, e formas que um evolucionista diria ser pouco distante do orangotango original.” *Goa*, p. 242.

⁶⁶ *Goa*, p. 242.

A descrição apresentada por Burton da população sob domínio inglês apresenta, portanto, significativas diferenças em relação àquela sob domínio português. Seu plano de manutenção do domínio inglês na Índia já estava traçado e, como se viu, pautava-se na afirmação de uma boa imagem do europeu por parte do indiano. Nesta parte do livro, Burton dedica-se muito mais à tentativa de compreensão do funcionamento da sociedade do “outro”, embora não esboce nenhuma estratégia de ação para criação de uma imagem positiva do inglês, o esforço de compreensão realizado pelo autor nestas passagens é significativo frente a seu projeto demonstrado anteriormente.

1.3 - Os selvagens.

O termo *selvagem* ainda não havia aparecido no livro até o momento em que Burton passa a descrever os habitantes das montanhas próximas à província de Oatacamund. A primeira menção (wild) está na divisão das cinco raças que habitavam as montanhas :

“1 - Bergers the mass of population; supposed to be about ten thousand.

2 - Erulars and 3 - Cooroombars – the wild men dwelling the on the woody sides of the hills, about two thousand.

4 - Kothurs and 5 - Todas – the old inhabitants and owners of the land; about three thousand.”⁶⁷

Embora na classificação o termo *selvagem* só apareça para se referir aos grupos 2 e 3, no corpo do texto, Burton utiliza-se dele para se referir também aos Todas.

Os Bergers formavam a *raça* mais numerosa; ela aparece descrita de maneira bastante superficial, como uma “raça desinteressante”, a respeito da qual “não há nada notável em suas vestes, suas maneiras ou em suas habitações”.⁶⁸

O segundo grupo congrega os Erulars e os Cooroombars; eles aparecem como “profundamente selvagens”, pois viviam nas florestas, habitavam em cavernas ou cabanas miseráveis, sendo descritos como semelhantes a animais selvagens. Entretanto, Burton não

⁶⁷ “1 - Bergers, a massa da população, supõem-se que sejam cerca de dez mil. 2 -Erulars e 3 -Cooroombars os homens selvagens habitando nas florestas laterais das montanhas. Cerca de dois mil. 4 - Kothurs e 5 - Todas, os antigos habitantes e donos da terra, cerca de três mil.” *Goa*, p. 334.

⁶⁸ idem.

chegou a ver nenhum deles, e suas descrições são repetições das opiniões de outros moradores das montanhas e, portanto, não apresentam também nenhuma profundidade.

Já na apresentação dos Kothurs, começam a surgir alguns dos elementos importantes para que se realize uma análise deste capítulo. A tentativa de reconstituição de sua origem esbarra, segundo Burton, nos “obstáculos usuais”:

*“A comparatively unknown language and the want of a written character.”*⁶⁹

Na verdade, eles são apresentados em comparação com os Todas, que são os personagens principais deste capítulo. Burton afirma que a “palpável afinidade” entre os dialetos destas duas *raças* demonstra que elas eram originalmente parentes. Ao mesmo tempo, a “grande mudança” nestas mesmas linguagens sugere que a separação ocorreu há bastante tempo⁷⁰. As características lingüísticas assumem grande importância especialmente quando o problema é a busca da origem, e sua importância é inegável para Burton. Na apresentação dos Todas, Burton critica uma série de teorias construídas a respeito da possível origem desta população, entre elas, a de um certo Capitão Congrave, que defendia a origem *celto-scytian* deste povo. Congrave teria criado sua teoria “sistematicamente magnificando todo ponto de semelhança e de maneira pertinaz negligenciando cada raio de dissimilitude”.

O argumento de Congrave estava baseado em uma série de semelhanças religiosas, fisiológicas, arquitetônicas, de costumes e roupas, entre outras. Além disto, baseava-se também na história de uma antiga invasão *Celto-scytia* na Índia. E as

⁶⁹ “Uma linguagem comparativamente desconhecida e a ausência de caracteres escritos.” *Goa*, p. 337.

⁷⁰ *Goa*, p. 338.

diferenças, negligenciadas segundo Burton, eram lingüísticas, de cor e quanto ao uso de armas.⁷¹ Para Burton, ele havia criado “um belo edifício, no qual só faltava a fundação”.

Contrariamente a esta interpretação, Burton sugeria que :

“The Todas are merely a remnant of the old Tamulian tribes originally inhabiting the plains, and subsequently driven up to the mountains by some event, respecting which history is silent. Our opinion is based upon the rock of language.”⁷²

A “rocha da linguagem”: esta era a única fundação segura para que se pudesse afirmar com certeza a origem de um povo. A linguagem dos Todas seria então a ferramenta utilizada por Burton para a realização desta tarefa. Tratava-se de uma derivação do sânscrito, assim como o hindustani. Muitos vocábulos, que eram semelhantes aos de sua linguagem ancestral, e a gramática (como os substantivos, os pronomes e a forma dos verbos), demonstravam este inegável parentesco. A pronúncia, segundo Burton, era “essencialmente não indiana”, mas:

“With the grammar and the vocabulary on our side, we can afford to set aside, even if we could not explain away, the objection.”⁷³

Burton procura, entretanto, explicar esta diferença de pronúncia por motivos geográficos, ou seja, devido à longa permanência em lugares abertos, a pronúncia gutural tenderia a substituir a nasalada. Isto explicaria também a mesma forma de pronúncia dos beduínos. Baseado nestas assunções ele podia, então, fincar o pé contra todas as outras objeções a respeito da origem dos Todas, principalmente a dissimilitude física e moral

⁷¹ Para uma descrição mais detalhada, ver *Goa*, pp. 340 e 341.

⁷² “Os Todas são meros remanescentes das velhas tribos *Tamulian*, originalmente habitando as planícies, e subsequentemente empurrados às montanhas por algum evento, sobre o qual a historia é silenciosa. Nossa opinião é construída sobre a rocha da linguagem.” *Goa*, p. 342.

entre eles e as *raças* que habitavam as planícies (a superioridade dos Todas frente às populações das planícies poderia ser explicada por uma longa estadia no clima puro das montanhas azuis).⁷⁴

Uma vez traçada a origem, tem início a descrição propriamente dita.

*“The Todas, as we have said before, assert a right to the soil of the Neilguerries, and extract a kind of tax from the Bergers. Their lordly position was most probably the originator of their polyandry and infanticide: disdaining agriculture, it is their object to limit the number of the tribe.”*⁷⁵

Sua aparência era extraordinária para quem está acostumado à delicadeza da Índia, pois eram musculosos, “ másculos, fortes, com feições regulares e bonitas, e sem aquela fineza de mãos, pulsos e pernas normais aos demais hindus”.⁷⁶

Embora, segundo as palavras do próprio autor, “ não haja nada em seus costumes que não seja peculiar”, tais como as cerimônias de nascimento, os costumes infanticidas, a poliandria; e sua religião (uma espécie de monoteísmo imperfeito), Burton consegue traçar uma imagem do selvagem ideal:

“Ye who would realize the vision of the wise, respecting savage happiness and nomadic innocence – a sweet hallucination, which hitherto you have considered the wildest dream ever issued from the

⁷³“ Com a gramática e o vocabulário do nosso lado, podemos permitir colocar de lado, mesmo que não sejamos capazes de explicar, esta objeção.” *Goa*, p. 344.

⁷⁴ *Goa*, p. 345.

⁷⁵ “Os Todas, como dissemos antes, afirmam um direito sobre o solo das Neilguerries, e extraem um tipo de taxa dos Bergers. Sua posição superior foi provavelmente o elemento que originou sua poliandria e seu infanticídio: desdenhando da agricultura, é seu objetivo limitar o número da tribo.” *Goa*, p. 346.

⁷⁶ *Goa*, p. 347.

ivory gate – go, find it in the remote corners of Toda land, the fertile, the salubrious.”⁷⁷

A construção de Burton assume um tom exultante. Ele vê o selvagem “tomando sol enquanto seus búfalos pastam nas colinas”, ou vagando “indiferentemente pelas florestas ou desfrutando de suas rudes refeições compostas de leite e arroz, ou se permitindo a luxúria da preguiça,”⁷⁸. O selvagem dispunha de meios fartos para sua sobrevivência, não tinha preocupações, até mesmo sua família, baseada no costume da poliandria era: “estranho, mas verdade, uma família unida”.⁷⁹

Esta representação ideal culmina com uma comparação da felicidade do selvagem, “em sua rude cabana em meio a arvores gigantes”, com um *pater famílias* europeu, em seu “luxurioso, artificial e infeliz lar civilizado”⁸⁰. Talvez fosse possível defender a preferência de Burton pela situação do feliz selvagem ideal em relação ao infeliz europeu civilizado. Entretanto, esta descrição é visivelmente parte de uma outra estratégia de Burton, traçada para defender a pureza em detrimento da mistura. Esta é uma construção de Burton *para o leitor europeu*.

“But has not your picture of savage felicity its reverse?

Yes, especially when the uncivilized comes into contact with semi-civilized or civilized life.[...] “the noble unsophisticated Todas”, as they were once called, have been morally ruined by the collision with Europeans and their dissolute attendants. They have lost their honesty: truth becomes almost unknown to them; chastity, sobriety and

⁷⁷ “Você que perceberia a visão da inocência nômade e da felicidade respeitável e sensata do selvagem – (como) uma doce alucinação que até agora você considerou como o mais louco sonho jamais emitido do portão de marfim – vá, encontre-o nos cantos remotos da terra dos Toda, a fértil, a salubre.” *Goa*, p. 350.

⁷⁸ *Goa*, p. 350.

⁷⁹ *Idem*.

temperance fell flat before the strong temptations of rupees, foreign luxuries and ardent spirits.”⁸¹

Embora seja o contato com europeus um elemento degenerante, não é a Europa que é degenerada, mas a mistura é que gera a degeneração do elemento mestiço. E a mistura aqui, note-se, não se refere a caracteres biológicos, mas essencialmente culturais. No fim, o autor acaba condenando os Todas a desaparecer da face da terra, frente ao avanço da civilização.

Pode-se, portanto, realizar algumas considerações sobre as descrições populacionais de Burton neste relato. Em primeiro lugar, nota-se que em sua descrição da população de Goa, todos os elementos seguem a lógica de um projeto de manutenção do domínio inglês na Índia. A separação formal no texto entre a descrição dos portugueses e indianos já oferece uma idéia da separação intrínseca entre estas populações na concepção de Burton. A exterioridade da sua classificação permite recuperar a sua própria posição de autoridade quando observa esta população. O retrato nada positivo da população portuguesa na Índia, como se viu, apresenta um exemplo do que não devia ser feito pelos ingleses, ou seja, eles não deveriam estabelecer assentamentos definitivos na Índia, pois estariam sujeitos à degeneração moral sob influência do clima e da miscigenação; e muito menos se colocarem em igualdade com os indianos, pois isto poderia ruir as bases de seu império de opinião.⁸²

⁸⁰ *Goa*, p. 351

⁸¹ “Mas não tem esta *sua* imagem da felicidade selvagem seu reverso? Sim, especialmente quando o incivilizado entra em contato com a vida semicivilizada ou civilizada. [...] ‘os nobres e simples Todas’, como foram chamados um dia, têm sido moralmente arruinados pela colisão com europeus e seus dissolutos servidores. Eles perderam sua honestidade: a verdade tornou-se quase desconhecida entre eles; castidade, sobriedade, e temperança caíram frente as fortes tentações das rúpias, luxurias estrangeiras e espíritos ardentes.” *Goa*, p. 351.

⁸² Durante o século XIX, a Inglaterra passou a aposentar seus administradores na Índia quando completavam 55 anos, não permitindo que o oriental visse a degeneração do europeu pelo avanço da idade. Segundo Said,

Finalmente, a situação especialmente degenerada creditada por Burton aos hindus convertidos ao cristianismo está em relação direta com a suposição de que os cristãos são considerados no Leste como inferiores e, portanto, colabora com seu raciocínio sobre a pouca eficácia da conversão. Este foi o primeiro momento no qual o autor colocou-se frente ao “outro”, procurando compreender suas concepções para pautar o seu projeto de domínio na primeira parte do livro.

Esta consideração sobre a opinião dos orientais a respeito do cristianismo leva às suas descrições dos hindus de Malabar. Nesta parte do relato, a ênfase está voltada quase exclusivamente para os costumes e a relação entre as castas, e pode-se inferir, pensando no projeto de domínio inglês de Burton, que a compreensão da estrutura e do funcionamento da sociedade hindu é instrumento poderoso para a sua consecução. Lembre-se aqui que, segundo Said, o orientalismo é uma forma de conhecer ou mesmo criar o oriente, mas dentro de uma relação de “poder, de dominação, de graus variados de hegemonia”.⁸³ É dentro de uma relação de poder indiscutível que Burton enxerga a sociedade hindu. E Burton pode conhecer a Índia, pois conhece sua língua, conhece as significações indianas de sua história, uma vez que pôde ler seus documentos. E principalmente, pôde realizar este exercício em razão da condição material de dominação inglesa neste território.

Quanto aos elementos que Burton recupera para descrever a população, pode-se notar uma grande importância da descrição de costumes e praticamente nada em relação à descrição física. A própria definição de etnologia, que o autor utiliza como instrumento descritivo, nada tem a ver com aparência física, e sim com “costumes notáveis” da população. Embora constantes menções negativas à miscigenação biológica estejam

isto pode ser considerado um “refinamento do orientalismo”. Said, E. op. cit., p. 52. Esta política encaixa-se com perfeição no projeto de Burton.

presentes no texto, Burton não parece estar pensando nestes povos em termos estritamente biológicos. O termo *raça* surge para descrever uma casta, parte de uma casta convertida ao cristianismo, um povo de selvagens, entre outras aplicações.

Já na descrição dos selvagens, sua posição de autoridade, embora continue indiscutível, é outra. Não há mais preocupações coloniais pautando suas reflexões, pois estes selvagens não representavam qualquer tipo de perigo real para a dominação inglesa.

As principais preocupações de Burton neste momento são a busca da origem da população, e a demonstração de que a mestiçagem cultural tende a degenerar o povo mestiço. É interessante notar que em sua recuperação da origem dos Toda, o instrumento lingüístico, a “rocha da linguagem”, tem preferência sobre todos os outros instrumentos possíveis. Esta utilização da lingüística comparada no estudo de povos não-europeus era característica da corrente etnológica mais influente na Inglaterra neste período do século XIX.⁸⁴

Deve-se notar que os elementos recuperados ao longo de todo seu texto na descrição populacional foram, em momentos diversos, a origem da população, seus costumes, e a influência climática como elemento transformador, ainda que de maneira bastante imprecisa - com exceção da referência à transformação fenotípica dos selvagens dada sua mudança de ambiente. Isto foi realizado deixando praticamente de lado a descrição formal mais detalhada, característica de uma antropologia física.

A própria utilização do termo “etnologia” quando se refere à descrição e observação da população é significativa. Embora Burton não se identificasse como

⁸³ Said, E. op. cit., p. 17.

⁸⁴ George Stocking sugere que o termo etnologia estava primeiramente associado ao nome de James Prichard, que defendia idéias monogênicas, e cujo pensamento sobre a origem da humanidade estava bastante influenciado pelo relato bíblico. A filologia comparada era uma de suas principais ferramentas na sua guerra

etnólogo, é a definições da etnologia que recorre, pois se tratava de descrever, como se viu, “costumes notáveis” da população, e não de sua aparência física, ou de suas determinações raciais. Sol Tax sugere que se poderia falar de uma “guerra dos trinta anos” na ciência do homem, entre 1840 e 1870, colocando-se de um lado do campo de batalha uma “etnologia”, de caráter mais filosófico, histórico, e com uma conotação humanitária e, do outro lado, uma “antropologia” ligada ao desenvolvimento da biologia enquanto disciplina científica.⁸⁵ Mesmo que a utilização do termo por Burton pareça ocasional de maneira que não contém a conotação ideológica sugerida por Tax, não deixa de ser interessante notá-lo aqui, pois indica o instrumental descritivo mais facilmente disponível na Inglaterra da primeira metade do século XIX, já que, segundo vários autores, a etnologia, por sua vez associada à idéia de uma origem única da humanidade, predominava sobre a antropologia física na ciência inglesa neste período.⁸⁶

De qualquer forma, a escala que surge no seu texto é uma escala de civilização. Mesmo os cristãos nativos de Goa, extremamente degenerados, foram descritos como “a raça mais baixa na *escala da humanidade civilizada* que já tivemos oportunidade de observar até agora”.⁸⁷

Seu problema aqui não é propriamente a *raça*, mas a civilização. E ele certamente advoga uma valorização da pureza, seja esta qual for, tanto biológica quanto, principalmente, cultural. Nota-se isto na observação do fato de que sua escala coloca os semi-civilizados na posição mais inferior, abaixo mesmo dos selvagens puros.

travada contra as concepções poligênicas especialmente influentes na França. Stocking, George, *Victorian anthropology...*, Cap. 2.

⁸⁵ Tax, Sol. “The Settings of the Science of Man”. in *Horizons of Anthropology*. Chicago, Albine, 1964.

⁸⁶ Stepan Nancy. *The idea of Race in Science*. Oxford, MacMillan, 1987; Stocking, G. op. cit.; Gould, S. J. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

⁸⁷ *Goa*, p. 103.

No próximo capítulo, será possível observar como se construiu a descrição populacional em outras viagens de Burton, já durante a década de 1850, nas quais a perspectiva de observação do autor era outra, não mais a do militar diretamente preocupado com a manutenção e expansão do Império inglês, mas sim do viajante aventureiro, que descreve lugares pouco ou nada conhecidos pela Europa.

CAPÍTULO 2 - ARÁBIA E ÁFRICA, A DÉCADA DE AVENTURAS:

Os relatos analisados neste capítulo são os resultados de três viagens de Richard Burton realizadas durante a década de 1850. O primeiro deles, *Personal narrative of a pilgrimage to Al Medina and Mecah*, surgiu como textualização da peregrinação à cidade sagrada dos muçulmanos, empreendida entre abril e setembro de 1853, publicado originalmente em três volumes entre 1855 e 1857⁸⁸. O segundo, *First Footsteps in East Africa*, refere-se à sua viagem a regiões das atuais Somália e Etiópia, realizada entre outubro de 1854 e fevereiro de 1855, publicado em 1856.⁸⁹ E, finalmente, *The Lake Regions of Central Africa*⁹⁰ relata sua grande viagem ao interior da África, na qual, partiu da costa de Zanzibar e atingiu o lago Tanganika, antes mar de Ujiji, que Burton supunha ser a nascente do Rio Nilo. Esta última viagem ocorreu entre dezembro de 1856 e maio de 1859, e sua primeira publicação foi em 1860.

Estes relatos estão agrupados aqui em razão de apresentarem uma série de características semelhantes, a saber, são empreendimentos programados com antecedência, cujo objetivo era aumentar o conhecimento europeu sobre regiões pouco ou nada conhecidas. O financiamento concedido pela *Royal Geographical Society* a estas três viagens é significativo, pois caracteriza um interesse institucional da Inglaterra no conhecimento destas regiões.⁹¹ Segundo Robert Stafford, as atividades da *R.G.S.*, de

⁸⁸ Burton, Richard Francis. *Personal narrative of a pilgrimage to Al Medinah and Mecah*. New York, Dover Publications, 1964. A partir de agora, este livro será referido simplesmente como *Meca*.

⁸⁹ Burton, Richard Francis. *First footsteps in East Africa or an exploration of Harar*. New York, Dover Publications, 1987. Mencionado de agora em diante como *East Africa*.

⁹⁰ Burton, Richard Francis. *The Lake Regions of Central Africa*. New York, Dover Publications, 1995. A partir de agora referido como *Lake Regions*.

⁹¹ A *Royal Geographical Society* é uma instituição criada em 1830, com objetivos de incentivar o “avanço da ciência geográfica” e para o “melhoramento da difusão do conhecimento geográfico”. O interesse da instituição no continente africano fica claro pela anexação de outra associação, a *African Association*, ainda

incentivar as “descobertas” geográficas, de produzir mapas de regiões desconhecidas, e relatórios sobre estes mapas, estavam relacionadas de certa maneira a assuntos do interesse do Império britânico. Pode-se notar esta relação entre geografia e império, segundo este autor, nas reuniões anuais da R.G. S.:

*“The Royal addresses of R G S presidents, like the memoirs, were replete with the language of national expansion, assumptions of moral and technological superiority over the other races, expressions of a natural theology that saw design in human patterns and environmental adaptation, and assertions of Britain’s right and duty to act at will around the world”*⁹²

Esta ligação entre a RGS e o Império fica ainda mais clara quando a sociedade esteve sob a influência de Sir Roderick Murchison, a partir do início dos anos 1850, exatamente o momento no qual Burton estava conseguindo o financiamento para suas viagens. Ainda segundo Stafford, Murchison via os dados geográficos como “críticos para o avanço de todas as ciências, mas também cruciais para os empreendimentos comerciais, militares e filantrópicos da Europa, e da Inglaterra em particular”⁹³

As intenções manifestas de Burton nos seus três relatos mencionados neste capítulo são tanto geográficas como comerciais, encaixando-se no movimento de grande expansão do capital inglês no mundo durante os anos de 1848 a 1875⁹⁴. A opção por

no ano de 1831. A *African Association*, por sua vez, havia sido criada em 1788, com objetivos, segundo Mary Pratt, de abrir o interior africano à influência do comércio europeu.

⁹² Os discursos dos presidentes da RGS, como as memórias, eram repletos da linguagem da expansão nacional, assunções de superioridade moral e tecnológicas sobre outras raças, expressões de uma teologia natural que via propósito nos padrões de assentamento humano e adaptação ao ambiente, e asserções sobre o direito e o dever britânico de agir à sua vontade ao redor do mundo. Stafford, R. op. cit., p. 296

⁹³ Idem, p. 297

⁹⁴ Hobsbawn, E. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000.

estruturá-los como relatos de aventura também os aproxima, sendo os livros construídos principalmente como narrações das experiências pessoais de Burton durante estas viagens.

Muitas das características destes relatos aproxima-os da forma narrativa identificada por Mary Pratt no livro de Mungo Park, chamado *Viagens aos Distritos Interiores da África*⁹⁵. Entre as características comuns a estes relatos podem-se notar a colocação do ego do autor no centro das narrativas, estruturadas como relatos de aventura, e a mobilidade social vertical do autor, interagindo com príncipes e com indigentes em momentos diferentes. A interação com os habitantes nativos das regiões visitadas e a integração entre estes habitantes e o meio em que eles vivem também são abordados em todos estes textos.

Pratt conceitua a estratégia textual de Park como uma forma de *anticonquista*⁹⁶, assentada sobre o que ela chama de *mística da reciprocidade*. Esta reciprocidade aparece na situação apresentada no relato de Park como o homem branco despojado, sozinho, praticamente desprovido de posses, cuja sobrevivência dependia de uma relação interativa com os nativos, baseada em troca de favores recíprocos para atingir seus objetivos naquele momento. Segundo Pratt, esta reciprocidade representa ideologicamente as condições de igualdade e de liberdade sob as quais se esconde o expansionismo e o imperialismo econômico europeu do século XIX debaixo da bandeira do liberalismo.

Cerca de cinquenta anos depois, numa época de expansão capitalista muito mais vigorosa, Burton retoma a forma narrativa de Park, entretanto com algumas diferenças. Dificilmente poderia ser dito que Burton apresenta a estratégia identificada por Pratt como

⁹⁵ Mungo Park foi um viajante inglês que realizou uma viagem à África em 1798, com o objetivo principalmente comercial de descobrir o curso do rio Níger, que se supunha então pudesse estar ligado ao Nilo. Sua viagem foi financiada pela *African Association*. Pratt, M. op. cit., capítulo 4

anticonquista. De fato, a naturalização da expansão européia em seu discurso é explícita, enquanto em Park este objetivo está sub-reptício ao texto. Nas viagens para Meca e para a África Oriental, Burton chega a sugerir a intervenção direta e a anexação de territórios africanos pela Inglaterra.⁹⁷

Apesar da semelhança das intenções expressas e da forma narrativa adotada nos três relatos abordados neste capítulo, nota-se entre eles também significativas diferenças, especialmente no que se refere ao repertório de Burton sobre as regiões visitadas.

Quando da sua viagem a Meca, Burton conhecia a língua árabe, os costumes islâmicos, os aspectos de sua religião e a reconstituição européia da história do islã. Este conhecimento derivava da literatura orientalista européia e de uma vivência entre muçulmanos na Índia durante a década anterior. Uma das características mais extraordinárias de Burton, segundo Edward Said é que

“... ele era sobrenaturalmente instruído sobre a que ponto a vida humana em sociedade é regida por regras e códigos; Toda sua vasta informação sobre o Oriente, evidente em cada página que escreveu, revela que ele sabia que o oriente em Geral e o Islã em particular, eram sistemas de informação, comportamento e crença, que ser oriental era saber certas coisas de certa maneira, e que estas, é

⁹⁶ Segundo a autora, denomina-se anticonquista: “estratégias de representação por meio das quais os agentes burgueses europeus procuram assegurar sua inocência ao mesmo tempo em que asseguram a hegemonia européia”. Pratt, M. op. cit., p. 32.

⁹⁷ Em seu relato sobre Meca, enquanto ainda estava no Egito, Burton sugere que “qualquer nação européia que possuir o Egito ganhará um tesouro”, justificando a intervenção européia por lá como um desejo dos próprios egípcios. *Meca*, vol. 1, p. 111. E na África oriental, logo no prefácio, critica duramente a “política de paz empregada pelos filantropos e economistas políticos” ingleses para com as regiões à nordeste da África, e afirma que “nenhuma política de paz possibilitou aos franceses absorver região após região no norte da África até que o mediterrâneo parecesse destinado a tornar-se um lago gálio.”, *East Africa*, prefácio, p. XXXI.

*claro, estavam sujeitas à história, à geografia, e ao desenvolvimento da sociedade em circunstâncias que lhe eram específicas.”*⁹⁸

Burton realizou sua peregrinação a Meca disfarçado de afegão muçulmano, e seu sucesso deve-se em grande parte a este conhecimento aprofundado dos códigos de comportamento islâmicos. Por esta razão, este relato esconde entre suas linhas um sentido mais poderoso do que a simples coleta de dados sobre o comércio de cavalos e a prova da multiplicidade da população da península arábica⁹⁹. Sua publicação é uma afirmação da efetividade do conhecimento europeu produzido sobre o oriente, conferindo à Europa, portanto, um domínio textual efetivo destas regiões. Conhecimento este que tornara possível, por exemplo, o sucesso da invasão napoleônica do Egito, meio século antes.¹⁰⁰

Na viagem para a África Oriental, reaparecem muitas das condições presentes na peregrinação a Meca, entre elas o fato de viajar disfarçado de muçulmano e de estruturar sua narrativa como um relato de aventuras. Entretanto, o conhecimento prévio de Burton sobre esta região não se compara ao que ele dispunha sobre a Península Arábica, pois o autor não estava tão familiarizado com a língua e com os costumes da população. Esta menor familiaridade aparece no relato; nesta viagem, seu disfarce não resiste até o fim, e ele vê-se obrigado a assumir sua identidade européia antes de entrar em Harar, cidade muçulmana onde nunca antes um europeu havia estado, e que era o objetivo final de sua aventura nesta região.

Entretanto, seu conhecimento da religião muçulmana ainda surge como ponto importante para granjear a simpatia dos conselheiros da cidade. Segundo Burton, ele foi convidado para uma cerimônia juntamente com os principais cidadãos de Harar, na qual

⁹⁸ Said, E. op. cit. p. 203.

⁹⁹ Estes são os objetivos expressos por Burton em sua introdução ao relato.

interveio durante um debate sobre a “ordem dos seres” na escala da religião islâmica, ou seja, um questionamento sobre quais eram os mais importantes, anjos ou humanos.

*“Opinions were divided as to the order of beings, when I explained that human nature, which amongst Moslems is not a little lower than the angelic, ranked highest, because of it were created prophets, apostles and saints, whereas the other is but a “Wasitah” or connection between the Creator and his creatures. My theology won general approbation and a few kinder glances from the elders.”*¹⁰¹

No entanto, sua sorte só mudou mesmo quando chegaram a Harar notícias dos outros dois companheiros de Burton que estavam esperando seu retorno em Berbera, cidade portuária de onde partiam parte das caravanas de comércio para Harar. Segundo Burton, o medo de ter as relações comerciais cortadas com a costa fez com que o Emir de Harar adotasse outra postura frente a seus hóspedes.¹⁰²

O que se faz notar com estas colocações é que embora o conhecimento orientalista de Burton tenha sido importante para a concretização de seus objetivos nesta viagem, o fator preponderante para que ele pudesse retornar à costa com vida foi a presença européia como possível interventora nas relações comerciais de Harar. De certa forma, a sua posição de autoridade em relação aos nativos da região está deslocada nesta viagem em

¹⁰⁰ Para a preparação textual da invasão do Egito por Napoleão, ver Said, E. op. cit., pp. 89-92.

¹⁰¹ “Opiniões estavam divididas quanto a ordem dos seres, quando eu expliquei que a natureza humana, que entre os muçulmanos *não* está pouco abaixo da Angélica, colocava-se acima, porque dela foram criados profetas, apóstolos e santos, enquanto a outra era uma mera “wasitah”, ou conexão entre o criador e suas criaturas. Minha teologia ganhou aprovação geral e uns poucos olhares gentis dos mais velhos.” *East Africa*, vol. 2, p. 32.

¹⁰² Durante a época da viagem de Burton para Harar, as duas rotas principais de comércio que escoavam mercadorias do interior através dos portos de Zeila e Berbera estavam sob controle de um mercador somali, então governador de Zeila, chamado Haji Shimarke Ali Salih, cuja queda em 1855, logo após a viagem de Burton, deveu-se a suspeitas de que ele trabalhava como espião britânico. Rubinson, Sven. “Ethiopia and the Horn”. in *The Cambridge History of Africa*, vol 5. John Flint Editor, Cambridge University Press, 1976, p. 88. A ameaça de ter as rotas cortadas por ingleses parecia então um perigo verdadeiro ao Emir de Harar.

comparação à que possuía quando da sua peregrinação a Meca, pois, antes puramente derivada do conhecimento orientalista, agora estava assentada também sobre a possível influência européia. Assim, nesta viagem, embora o repertório islâmico de Burton ainda apareça como elemento importante, ele não é suficiente para garantir sozinho os resultados obtidos. Isto reflete, de certa maneira, a menor informação que a Europa dispunha sobre a região visitada. Esta carência aparece no texto também nos momentos de descrição da população, nos quais, como se verá, Burton recorre a elementos diferentes dos recuperados para as descrições populacionais na península arábica, tais como características creditadas à raça.

Se este conhecimento prévio de Burton já aparece bastante reduzido na viagem para a região da Somália, no relato para a África Central ele quase desaparece. Nesta viagem, o autor partiu em busca do “mar de Ujiji”, que seria rebatizado por ele de “Lago Tanganika”. O itinerário começou na costa ocidental de Zanzibar, e seguiu para o interior da África através do território da atual Tanzânia até o lago. O sentido poderoso do orientalismo europeu que está presente entre as linhas do texto do relato sobre a viagem para Meca não ressurgue aqui. O poder da conquista européia está colocado de outra forma neste texto. Segundo Pratt, o momento culminante desta narrativa é a tomada de posse simbólica do lago Tanganika, representada por esta autora como a metáfora do “monarca-de-tudo-que-vejo”.¹⁰³ Esta estratégia retórica exerce a função simbólica de converter conhecimentos locais, africanos no caso, em europeus. Burton havia chegado no Tanganika graças à ajuda e informações dos africanos sobre a sua localização. Porém, esta descoberta

¹⁰³ A autora conceitua esta estratégia retórica como característica dos relatos de viagem vitorianos, que optavam “por uma marca pictórica verbal, cuja função maior era a de reproduzir para a audiência de seu país de origem os momentos culminantes em que “descobertas” geográficas eram “vitórias” para a Inglaterra”. Pratt, M. op. cit., p. 340.

adquire materialidade somente no texto de Burton, quando está disponível para seus leitores europeus. Neste texto, é esta materialidade que fornece o sentido de poder europeu sobre as regiões descritas.

A sua descrição populacional apresenta também estes elementos, ou seja, torna conhecido da Europa, através da mediação do viajante escritor, um povo, suas aparências e seus costumes. Entretanto, na África, Burton não dispunha de grande parte do instrumental através do qual construiu a descrição populacional da Península Arábica, qual seja, a história, a língua e a análise da significação dos costumes dos árabes. É na diferença entre estas descrições que se pode perceber como se dá o exercício de normalização da população para o público europeu.

De certa forma, os relatos com estas características, ou seja, que textualizam a exploração de regiões desconhecidas e perigosas para o viajante, possuem em si um valor de afirmação do poder europeu. Pelo simples fato de existirem, representam a superação de uma barreira antes imposta à presença e ao conhecimento europeu, e carregam junto com isto a afirmação simbólica do seu poder sobre estas regiões.

As descrições populacionais sistematizadas nestes textos partem certamente desta conquista, do lugar de autoridade europeu assentado na própria capacidade européia de ter vencido as adversidades e, principalmente, pelo fato de realizar a textualização dos habitantes, convertendo-os em conhecimento.

A construção textual dos não-europeus nestes textos está relacionada com fatores diferentes, entre eles a experiência da própria viagem (com quem o viajante falou, quem ele viu, em qual situação etc...), o repertório do autor (como ele pensa o não europeu, quais instrumentos dispõe para realizar esta construção), e a forma narrativa escolhida (neste caso, o relato de aventura como descrito acima). Esta forma escolhida por Burton

proporciona momentos distintos de descrição da população: as descrições individuais, por meio das quais apresentam-se os principais interlocutores do autor durante sua aventura; e as descrições coletivas, nas quais o autor procura apresentar de forma esquematizada as populações dos territórios pelos quais viajou, descrições estas que se inserem no relato da viagem propriamente dita, quebrando a estrutura temporal da narrativa.

As descrições individuais de Burton são passagens importantes para que se possa pensar sobre a relação entre o indivíduo e o coletivo, ou seja, refletir como surgem no indivíduo as características coletivas da população. Estas passagens contém em grande parte as pré-concepções do autor sobre a população em geral, e a forma como elas se manifestam em cada indivíduo passa a ser elemento importante para que se compreenda estas concepções.

Estes indivíduos estão sempre em relação direta com a experiência da própria viagem; eles fazem parte do enredo do relato, ao mesmo tempo em que contém em si os preconceitos do autor sobre a população em geral. Suas descrições são, portanto, passagens significativas para que se compreenda como a experiência da viagem e o repertório do autor combinam-se para dar forma à sua criação.

Há uma certa relação de tensão entre as descrições individuais e coletivas. Se um indivíduo contém em sua descrição, de certa forma, determinadas características da população em geral, as descrições destas, por sua vez, geralmente produzem um tipo bastante determinado, ou seja, quase um indivíduo que representa idealmente uma coletividade.

A intenção da análise destas descrições proposta aqui é a de recuperar os elementos com os quais Burton construiu sua representação, tais como raça, história, língua, aparência física, costumes, entre outros. Uma vez que se percebe qual a

importância relativa destes elementos em suas diferentes descrições, pode-se pensar, em razão de suas transformações, a relação entre repertório e experiência no resultado textual de suas viagens. Em outras palavras, pensar na importância da experiência na *zona de contato* na produção de conhecimento para o europeu viajante.

2.1 - As descrições individuais.

O que se pretende neste tópico é notar as diferenças principais entre as descrições individuais de Burton em seus três relatos publicados na década de 1850, que se apresentam como passagens importantes para que se possa recuperar as transformações nas descrições coletivas num tópico posterior. A estratégia para esta comparação será a apresentação de três descrições individuais que podem ser consideradas exemplares, pois elas representam as principais características destas descrições em cada um dos relatos.

Em seu relato sobre a peregrinação a Meca, durante sua estadia no Cairo, Burton conheceu um garoto natural de Meca, chamado Mohamed al Basyuni, de quem ele comprou o traje característico do peregrino. Como este garoto estava voltando para sua casa nesta ocasião, ele ofereceu-se para acompanhar Burton durante sua peregrinação. Burton não aceitou, e informa ao leitor que este garoto havia viajado para Índia, visto muitos ingleses, e apresentava sinais de sabedoria, representando, portanto, uma ameaça ao seu disfarce. Entretanto, eles acabaram se encontrando durante a travessia do deserto e o garoto acompanhou-o durante toda a peregrinação e, de fato, serviu de anfitrião a Burton durante sua estadia em Meca.

Burton descreve-o quando ainda estavam no Cairo, adiantando ao leitor que este seria um dos personagens presentes durante a peregrinação:

“He is a beardless youth, of about eighteen, chocolate-brown, with high features, and a bold profile; his bony and decided Meccan cast of face is lit up by the peculiar Egyptian eye, which seems to descend for generation to generation. His figure is short and broad with a tendency

to be obese, the result of a strong stomach and the power of sleeping at discretion. He can read a little, write his name, and is uncommonly clever at bargain. Meccah had taught him to speak excellent Arabic, to understand de literary dialect to be eloquent in abuse and profound at prayer and pilgrimage. [...] I found him to be the youngest son of a widow, whose doting fondness had moulded his disposition; he was selfish and affectionate, as spoiled children usually are, volatile, easily offended and as easily pacified (the oriental), coveting other men's goods and profuse on his own (the Arab), with a matchless intrepidity of countenance (the traveller), (...)”¹⁰⁴

Este tipo de descrição certamente ultrapassa os limites de uma descrição meramente formal de um objeto estático e sem conteúdo. Tratando-se de um nativo da região visitada, cujas descrições em muitas outras situações resumir-se-iam às aparências, esta adquire características realmente singulares. E embora seja possível argumentar que esta é apenas uma construção do autor e que, portanto, Mohamed seja uma personagem em grande parte fictícia - o que parece bastante plausível - isto de maneira nenhuma importa para os propósitos desta pesquisa, pois é justamente a forma da construção da descrição que interessa aqui.

¹⁰⁴ “Ele é um garoto sem barba, de cerca de dezoito anos, com feições elevadas e perfil corajoso; sua face ossuda e decididamente mecana é iluminada pelo olho peculiar do egípcio, que parece descender de geração para geração. Sua figura é baixa e ampla, com uma tendência à obesidade, resultado de um estômago forte e de um poder de dormir muito. Ele sabe ler um pouco, escreve seu nome, e é extraordinariamente esperto numa barganha. Meca ensinou-lhe a falar um excelente arábico, a entender o dialeto literário, a ser eloquente em excesso e a ser profundo na reza e na peregrinação. [...] Eu descobri ser ele o filho mais novo de uma viúva, cuja adoração descabida moldou sua disposição; ele era egoísta e afetuoso, como as crianças mimadas usualmente são, volátil, tão facilmente ofendido quanto pacificado (o Oriental), cobiçando os bens de outros e profuso com os seus próprios (O Árabe), com uma inigualável intrepidez de expressão (o Viajante) (...) *Meca*, vol. 1, p. 125.

Em primeiro lugar, note-se a pequena importância da descrição física nesta passagem. Embora Burton tenha começado sua descrição por estas características, elas resumem-se a alguns poucos elementos. Não se configura uma imagem clara da aparência desta personagem; não seria possível desenhá-lo a partir desta descrição. Um “perfil corajoso”, “feições elevadas”, não conferem à personagem uma aparência definida.

Como se pode facilmente perceber, a ênfase está voltada para elementos de ação, que será empreendida dentro de um enredo do qual ele participará ao longo do relato, tal como o fato dele ser incrivelmente esperto para barganhar (é interessante lembrar que ele é que tinha vendido o traje de peregrino a Burton), saber ler pouco, ser egoísta, afetuoso, volátil. Mas na verdade, o que realmente interessa aqui, são os elementos através dos quais se definem suas características, ou seja, algumas delas provém de sua origem, outras de sua história de vida e de suas experiências.

Esta personagem não é um exemplar de um tipo, ela é um indivíduo, dotado de história e de vontades próprias, e é esta sua história que constitui seu caráter. Entretanto, é interessante notar como Burton constrói a personalidade deste garoto, algumas de suas características que estão explicadas entre parênteses, como *orientais*, *árabes*, ou seja, é possível para Burton identificar, entre as generalizações orientalistas européias, quais estão presentes na personalidade do garoto descrito. É o oriental em geral que é volátil, é o árabe em geral que cobiça os bens do próximo e é pródigo com os seus. E Mohamed é oriental e árabe, além de ser o filho mimado de uma viúva e de ter viajado muito.

Como se disse, esta é uma descrição exemplar, no sentido em que todas as outras presentes neste relato estão assentadas sobre estes mesmos valores: numa recuperação da história e da experiência anterior da personagem, misturada a generalizações orientalistas, conferindo um pequeno espaço à descrição física propriamente dita. Este tipo de descrição

revela não só o conhecimento de Burton das características creditadas aos orientais pelos textos orientalistas europeus, mas também realiza uma apresentação sumária destas ao leitor europeu.

A próxima descrição que será apresentada aqui aparece no relato sobre a viagem para a África Oriental. Neste livro, praticamente a primeira coisa que Burton escreve é exatamente o conjunto de descrições dos indivíduos que foram seus “companheiros” nesta viagem. O primeiro deles, e que será apresentado aqui, é um outro Mohamed, apelidado de “o carregador”.

Mohamed “al Hammal” é uma das personagens principais do relato de Burton. Ele era um policial de Áden, cidade sob possessão britânica desde 1839, no extremo sul da Península Arábica, que serviu a Burton como uma espécie de auxiliar de comando e intérprete durante todo o percurso da viagem, sendo um dos dois únicos que continuou com ele mesmo dentro de Harar.

“The Hammal is a Bull-necked, round-headed fellow of lymphatic temperament, with a lamp black skin, regular features and a pulpy figure – two rarities amongst their countryman [...] An orphan in early youth, and becoming, to use his own phrase, sick of milk, he run away from his tribe, the Harb Girhajis, and engaged himself as a coal trimmer with the slaves on board an Indian war-steamer. [...] became servant and interpreter to travellers, visited distant lands – Egypt and Calcutta – [...] he cannot read or write, but he has all the knowledge to be acquired by fifteen or twenty years of ‘knocking about’...”¹⁰⁵

¹⁰⁵ “O Hammal é um camarada de cabeça arredondada, pescoço de búfalo e temperamento linfático, com uma pele negra luzidia, feições regulares e uma figura polpuda – duas raridades entre os homens de seu território

De início, repete-se praticamente o mesmo padrão da descrição do garoto Mohamed no livro sobre Meca. A descrição começa com as características físicas, que ainda são bastante reduzidas, resumindo-se aos seguintes elementos: pescoço de búfalo, cabeça redonda, feições regulares e pele negra lúzida. Esta descrição física é seguida por uma breve história de sua vida, que relata como os conhecimentos que Hammal adquire são frutos destas suas experiências. Além disto, aparece uma valorização das experiências de viagem, elemento altamente importante para Burton em todos seus textos.

A seguinte passagem também é bastante ilustrativa:

*“He is an excellent mimic, and delights his auditors by imitations and descriptions of Indian Ceremony, Egyptian dancing, Arab vehemence, Persian abuse, European vivacity, and Turkish insolence. With prodigious inventiveness, and a habit of perpetual intrigue, acquired in his travels, he might be called a “Knowing” man, but for the truly Somali weakness of showing in his countenance all that passes through his mind. This people can hide nothing: the blank eye, the opening nostril, the contracting brow and the tremulous lip, betray, despite themselves their innermost thoughts.”*¹⁰⁶

[...] Um órfão em desde cedo, e tornando-se, para usar sua própria frase, enjoado de leite, ele saiu de sua tribo, os Harb Girhajis, e engajou-se como carvoeiro com os escravos à bordo de um barco de guerra indiano, [...] tornou-se servente e intérprete de viajantes, visitou terras distantes, - Egito, Calcutá- [...] ele não sabe ler ou escrever, mas tem todo o conhecimento adquirido por quinze a vinte anos de andanças...” *East Africa*, vol. 1, pp. 5 e 6.

¹⁰⁶ “Ele é um excelente mímico, e deleita sua audiência com imitações e descrições da cerimônia indiana, dança egípcia, veemência árabe, abuso persa, vivacidade europeia, e insolência turca. Com inventividade prodigiosa e um hábito de perpétua intriga, adquiridos em suas viagens, ele poderia ser chamado de “conhecedor, não fosse sua fraqueza verdadeiramente somali de mostrar na sua expressão o que se passa em sua mente. Este povo não pode esconder nada: os olhos inexpressivos, as narinas que se abrem, o cenho que se contrai e os lábios trêmulos, traem, a despeito deles mesmos, seus mais escondidos pensamentos”. *East Africa*, vol. 1, p. 6.

No começo desta nova passagem, reencontram-se algumas generalizações tipológicas, como se pode perceber. Note-se a característica de vivacidade européia em oposição à veemência árabe (que pode ser lida como impetuosidade, repetindo a afirmação da descrição anterior), à insolência turca ou ao abuso persa, como uma naturalização de uma característica positiva em oposição a outras que não contém esta mesma conotação. Portanto, Burton coloca nas representações de Hammal suas próprias generalizações

Mas o que mais interessa nesta passagem não são estas generalizações e sim a descrição que se segue, ou seja, a inventividade e o hábito da intriga são adquiridos em suas viagens e, portanto, são características derivadas de sua história. Neste sentido, elas poderiam alçá-lo à qualidade de conhecedor (*knowing man*), e só não o elevam devido à sua fraqueza *verdadeiramente somali*, de ser incapaz de esconder de sua face seus sentimentos.

O que é significativo aqui é que a história deste homem está de certa forma submetida à sua ascendência somali. Não totalmente, entretanto, pois ele não foi de maneira alguma incapaz de adquirir experiência e conhecimento, apenas este lhe será menos útil, pelo fato de que, sendo somali, não consegue dissimular. Esta relação tensa entre, digamos, características experienciais e históricas e peculiaridades raciais, é algo presente na descrição de Burton em muitos momentos. Porém, esta equação tendeu para diferentes lados em épocas diferentes.

Finalmente, a terceira descrição individual que será apresentada neste tópico diz respeito à sua viagem para a região dos lagos da África Central. Neste texto, este elemento aparece de maneira um pouco mais complexa. Há poucas descrições de indivíduos africanos, pois, em sua maior parte, os personagens que participam da caravana de Burton nesta viagem e que merecem descrição individual são árabes ou euro-indianos.

Talvez a descrição mais interessante teria sido de Sidi Bombaim, o escravo carregador de armas de Speke, o outro europeu presente nesta viagem.¹⁰⁷ Infelizmente, ele não o descreve mais detidamente neste livro, pois já havia sido descrito em relatórios anteriores, aos quais não se teve acesso para esta pesquisa. De qualquer forma, este se trataria de um caso à parte, pois pouca semelhança tem com os de sua origem, segundo Burton. Será este realmente o caso?

Podemos retomar a descrição de um africano, cuja posição era intermediária na hierarquia da caravana (abaixo dos guardas principais e acima dos carregadores.), nomeado Kidogo. Ele era o líder de oito escravos que atuavam como intérpretes, guias e soldados, conforme a necessidade. Na verdade, a própria descrição é uma história do seu comportamento dentro da caravana.

Burton começa destacando algumas qualidades deste homem:

“He was by no means a common man [...] he had a fixed and obstinate determination: among these puerile, futile African souls he was exceptional as a “sage Sciote or a green horse”. His point of honor consisted in the resolve that his words should be held as Median Laws and he had, as the African say, a “large head”, namely, abundant self esteem, that blessed quality which makes man independent of his fellows. Muiny Kidogo is a short thin coal black person, [...] he has a peaked beard a bulging brow, close thin lips a peculiar wall-eyed roll of

¹⁰⁷ John Hannig Speke era um oficial do exército da coroa inglesa, que havia desempenhado um papel secundário na expedição à África Oriental organizada por Burton anos antes. Ao final da grande viagem ao interior da África, Burton encontrava-se muito doente, e Speke rumou para a Inglaterra antes dele, tendo escrito um relato de sua autoria e retirado muito da glória de Burton no empreendimento. Este relato envolveu os dois numa grande polêmica sobre a verdadeira origem do Nilo, polêmica esta que teve grande repercussão na Inglaterra.

glance, and a look fixed, when unobserved, with a manner of fascination which man felt.”¹⁰⁸

Esta série de qualidades, que conferia a Kidogo grande ascendência sobre os demais africanos, principalmente os carregadores, levou Burton a tratá-lo com honras de homem importante, convidando-o inclusive para as reuniões diárias que decidiriam o destino da caravana no dia posterior. Imediatamente, Kidogo passou a exigir mais regalias, para ele e seus oito subordinados diretos, como não carregar fardos e não obedecer a ordens de outros elementos.

“Having received for answer that we could not all be sultans, he retires with a “ngema” – a “very well”, accompanied by a glance that boded little good. From that hour, the “sons of Ranji” [Kidogo e seus oito companheiros] went wrong. Before servilely civil, they waxed insolent; they learned their power – without them I must have turned to the coast – and they presumed upon it.”¹⁰⁹

Nesta história, que demanda duas longas páginas de Burton, a descrição é praticamente deixada em segundo plano, e o que interessa é a forma pela qual se pode compreender o comportamento da personagem; não há nenhuma tipologia, como seria de esperar. A palavra "africano" só aparece para diferenciar o personagem entre os “pueris”

¹⁰⁸“Ele não era de forma alguma um homem comum[...] tinha uma determinação fixa e obstinada: entre estas almas africanas pueris e fúteis ele era excepcional como um ‘sage sciote’, ou um cavalo verde. Seu ponto de honra consistia em decidir que suas palavras deveriam ser tidas como ‘median laws’, e ele tinha, como os africanos dizem, uma “cabeça grande”, ou seja, uma grande auto estima, aquela qualidade abençoada que faz os homens independentes de seus companheiros. Muiny Kidogo é uma pessoa pequena e fina da cor de carvão, [...] ele tem uma barba em forma de pico, uma sobrancelha saliente, lábios finos, e uma forma de olhar peculiar, e um olhar fixo, quando não observado, com uma forma de fascinação que os homens sentem.” *Lake Regions*, p. 110.

¹⁰⁹ “Tendo recebido como resposta que nós não poderíamos todos ser sultões, ele se retirou com um ‘ngema’, - um ‘muito bem’, acompanhado por um olhar que era de mau agouro. Desta hora em diante, os Filhos de Ramji se desencaminharam. Antes servilmente civis, eles afiguraram insolentes; eles aprenderam seu poder – sem eles eu poderia ter retornado à costa – e eles presumiram sobre isto.” *Lake Regions*, p. 111.

africanos, ou para citar uma expressão africana para auto estima. Kidogo não parece ser um africano.

Outro elemento presente nesta descrição e que se apresenta como bastante interessante é a própria posição de Burton, quase impotente frente aos seus “subordinados”, dos quais ele dependia totalmente para realizar o *seu* grande feito. Conhecendo um pouco a personalidade de Burton e sua concepção de superioridade, imagina-se como deve ter sido difícil para ele suportar praticamente quieto e impotente a rebeldia de escravos negros da África Oriental.

A análise destas descrições permite algumas considerações. Em primeiro lugar, nota-se uma importância relativamente pequena da descrição física. De fato, a apresentação de traços do caráter tem uma função bem mais importante no contexto destas passagens. Burton estava apresentando personagens que estão dentro de um enredo e, com isto, precisava conferir sentido à maneira como estes personagens reagiriam a situações diversas no decorrer da aventura.

Depois disto, nas primeiras duas descrições apresentadas aqui, pode-se notar a caracterização do personagem assentada em dois elementos básicos. Um deles é a generalização das características orientais, presentes principalmente na descrição do garoto da peregrinação para Meca, mas que também aparecem na descrição do somali, ainda que não seja ao próprio personagem que se referem estas generalizações. O outro, é uma recuperação de elementos da história da vida da personagem como definidores das suas características, ainda que Mohamed “al Hammal” seja limitado pelo fato de pertencer ao povo somali.

Este segundo elemento, a recuperação da história da vida da personagem, pressupõe uma troca de informações efetiva entre Burton e os personagens descritos. No

que se refere ao garoto Mohamed, do livro sobre Meca, ele foi mesmo anfitrião de Burton durante sua estadia na cidade mais sagrada para os muçulmanos. Burton conheceu sua família e, certamente, teve algumas longas conversas com o garoto, já que conhecia muito bem sua língua. Quanto ao outro Mohamed, ele serviu como intérprete para Burton e, portanto, não se pode questionar a condição de comunicação relativamente fácil entre eles. Em sua descrição, Burton recorre a uma frase do próprio Mohamed, o que permite supor que a própria personagem participou ativamente da sua descrição.

Esta busca da história e dos elementos generalizantes não ressurgem na terceira destas descrições, a do africano Kidogo. De fato, note-se que a história que esta descrição recupera para apresentar as características do caráter de Kidogo resume-se a acontecimentos relativos à própria viagem. A história anterior do personagem não aparece aqui, como nas outras.

O que transparece então da comparação entre estas três passagens é uma diferença sensível em duas condições básicas que Burton utiliza para construir seus personagens, isto é, a generalização orientalista que aparece de maneiras diferentes nas duas primeiras descrições e desaparece na terceira, e a recuperação da história do personagem, também presentes nas duas primeiras e ausente na última. Pode-se supor que a dificuldade de comunicação com o africano seja o fator do qual resulte esta ausência de história em sua descrição individual. Quanto à generalização do caráter do africano que também não aparece, só se pode creditar esta ausência ao fato de que o africano descrito não era um “homem comum”.

Como se verá adiante, nas descrições coletivas, estes elementos voltam a aparecer, o que faz com que se levante a hipótese de que a dificuldade de comunicação com os nativos e, conseqüentemente, a criação de uma barreira ao acesso de Burton a uma de suas

fontes importantes, é um dos fatores determinantes nas transformações de seus modelos de descrição populacional.

2.2 - As descrições coletivas.

A idéia de realizar descrições coletivas parte de dois pressupostos básicos: o primeiro deles é a diferença entre o leitor ao qual se dirige a descrição e o grupo descrito; o segundo é a existência de um grupo de pessoas que possui um determinado número de características comuns e, portanto, podem ser agrupados e descritos com base nestas semelhanças.

O primeiro destes pressupostos leva a uma reflexão sobre a possibilidade da definição da identidade do leitor em oposição a do elemento descrito, identificando no “outro” o que ele mesmo julga não ser. Em outras palavras, a identificação e descrição do “outro” parece ser construída em razão das diferenças com relação ao próprio observador. De fato, as descrições de Burton estão sempre necessariamente colocadas do ângulo de visão europeu.

Diversos elementos interagem na construção destas descrições, tornando possível para o autor caracterizar o grupo como um “tipo”, elementos que demonstram e asseguram a identidade deste grupo. Entre eles aparecem a origem, a aparência física, a semelhança de costumes, a língua, entre outros.

A observação da interação destes elementos na descrição populacional de Burton e o valor relativo que eles adquirem em diferentes relatos ajudam a perceber como se transformam ou não os elementos principais da sua concepção sobre as populações não européias. Além disto, a maneira pela qual ele constrói estes elementos também ajuda nesta tarefa, ou seja, a maneira pela qual ele reconstitui a origem, como ele procura explicar os costumes, ou o valor que ele confere a conceitos como o de *raça*, por exemplo.

De fato, trata-se de perceber qual a forma legitimadora da superioridade européia para Burton.

2.2.1 -Peregrinação a Meca: os “nobres selvagens”.

Quando da sua peregrinação a Meca, em 1853, pode-se dizer que Burton era um grande conhecedor do Oriente próximo. Ele conhecia profundamente a língua árabe e os preceitos da religião islâmica. Burton conseguiu mimetizar-se em muçulmano, ainda que nunca tivesse esquecido sua identidade européia. Marianna Torgovnick em seu livro *Paixões Primitivas*, analisa uma série de viagens realizadas já nas primeiras décadas do século XX e desenvolve um argumento interessante, segundo o qual o contato com o “primitivo”, ou seja, a viagem à África ou Oriente, apresentava-se como possibilidade de recuperação para homens que sofressem de “alienação cultural e esgotamento nervoso”¹¹⁰. Entretanto, ainda segundo Torgovnick, a experiência de homens como André Gide e Carl Jung apresentam uma outra faceta, pois durante a busca de recuperação, dão-se conta de uma necessidade de auto preservação da identidade, esta necessidade faz com que reafirmem sua condição de europeus e homens, em oposição ao primitivo e “feminino” identificado com as regiões pelas quais viajavam. A menção a Burton como um dos precursores deste tipo de viagem não parece fora do lugar em seu livro, especialmente quando se pensa em sua viagem à Península Arábica. A sua identificação com os árabes parece realmente intensa e sua imagem após esta viagem apareceria diretamente associada à opiniões simpáticas ao islamismo. Entretanto, em seu próprio texto é possível notar

¹¹⁰ Torgovnick, M. *Paixões Primitivas, Homens, mulheres e a busca do êxtase*. São Paulo, Rocco, 1998, p. 31.

momentos críticos nos quais a sua identificação parece tomar proporções perigosas ao mesmo tempo em que ele imediatamente reafirma sua identidade européia. Em sua primeira vista da cidade de Medina, após longa travessia do deserto, Burton descreve o entusiasmo religioso com que os beduínos saudavam a cidade sagrada, suas rezas, suas exclamações de júbilo e em seguida afirma:

*“It was impossible not to enter into the spirit of my companions, and truly I believe that for some minutes my enthusiasm rose as high as theirs. But presently when we remounted, the traveller returned strong on me: I made a rough sketch of the town, put questions about the principal buildings, and in fact collected material for the next chapter.”*¹¹¹

Pode-se compreender esta passagem como uma afirmação necessária de sua identidade de viajante frente ao perigo de “fundir-se” no mundo muçulmano, mas também como uma estratégia de reafirmação da posição de “outro”, de estranho, de europeu, a partir da qual Burton narra todo o texto. Embora este “outro” esteja numa posição privilegiada, de conhecedor, cujo conhecimento permite a eficácia de seu disfarce e o coloca numa posição de nítida vantagem frente ao árabe. Em outro momento, justamente outra passagem crítica da viagem, quando de sua primeira visita à pedra sagrada dos islâmicos, já em Meca, esta condição parece colocada de maneira mais clara. Burton comenta que a pedra não tinha nem a “magnificante antigüidade do fragmentos gigantes do Egito”, nem a “beleza e graça

¹¹¹“Era impossível não entrar no espírito de meus companheiros e, verdadeiramente, eu acredito que por alguns minutos meu entusiasmo se elevou tão alto quanto o deles. Mas no momento em que montamos novamente, o viajante retornou-me forte: fiz um esboço grosseiro da cidade, fiz perguntas sobre os prédios principais e de fato coletei material para o capítulo seguinte”. *Meca*, vol. 1, p. 280.

harmoniosa da Grécia e Itália”, mas constata que havia entre os que observavam aquele monumento uma grande emoção, e mais:

*“I may truly say that, of all the worshipers who clung weeping to the curtain, or who pressed their beating hearts to the stone, none felt for the moment a deeper emotion than did the haji from the far north. [...] But, to confess humbling truth, theirs was the high feeling of religious enthusiasm, mine was the ecstasy of gratified pride.”*¹¹²

Embora valorize “verdadeiro entusiasmo religioso”, em oposição a humilde verdade que revelava que o seu êxtase era o do orgulho satisfeito, esta é uma passagem emblemática na qual Burton volta a afirmar sua diferença em relação ao “outro”. Mesmo sendo possível valorizar o “outro”, não é possível identificar-se com eles, Burton é sempre o europeu que vive sua aventura sem se desfazer de sua identidade, e muitas vezes reafirmando-a. Apenas confirmando sempre seu grande conhecimento do islã.

Supõe-se, desta forma, que ele estava consciente de seu grande conhecimento, e confiava plenamente nele. Logo no início do livro, uma afirmação significativa desta confiança revela que Burton reconhecia a razão de seu sucesso. Após ter seu pedido de licença de três anos para a realização da viagem negado pela Companhia das Índias Orientais, sob alegação de que esta viagem era muito perigosa, ele havia recebido como compensação um ano livre para aprimorar seus estudos da língua árabe. Burton realizou a viagem assim mesmo; segundo ele, “o que me sobrou além de provar, tentando, que o que poderia ser perigoso para os outros era seguro para mim?”¹¹³

¹¹² “Eu devo verdadeiramente dizer que, de todos os adoradores que se agarravam chorando ao pano ou pressionavam seu coração palpitante à pedra, nenhum sentiu no momento uma emoção mais profunda do que o peregrino do distante norte.[...] Mas, para confessar a humilde verdade, o deles era o alto sentimento de entusiasmo religioso, o meu era o êxtase do orgulho gratificado.” *Meca*, vol. 2, p. 161.

¹¹³ *Meca*, vol. 1, p. 2.

Seu grande conhecimento prévio foi sem dúvida o que tornou realizável seu feito. A demonstração da efetividade deste conhecimento confere grande autoridade ao texto de Burton e, talvez, justamente como uma estratégia para impor seu lugar de autoridade, são recorrentes as afirmações do autor sobre as complexidades dos códigos orientais.¹¹⁴

Este relato, como já foi dito, está estruturado como uma narrativa de aventuras. Sendo assim, o texto reproduz uma seqüência de acontecimentos, tornando-se uma narração das ações do autor e dos fatos que ele presencia ao longo de sua viagem. Esta temporalidade só é rompida em poucos momentos, entre estes as descrições populacionais, que estão colocadas à parte da narrativa.

A primeira destas descrições refere-se à população de Medina, a segunda cidade em importância religiosa para os muçulmanos e, neste capítulo, pode-se recuperar alguns elementos importantes para análise.

Em primeiro lugar, a população começa a ser descrita pela origem. Neste local, Burton recupera a ascendência genealógica de cada parcela da população, dividida em seis categorias, sendo as cinco primeiras, os descendentes de auxiliares de Maomé, e a sexta, ou o “resto da população”, “é uma *raça* heterogênea, composta por desdobramentos de todas as nações do Islã”.¹¹⁵

Entre as cinco primeiras estão classificadas quatro famílias cujas ascendências são conhecidas, e uma quinta, de ascendência duvidosa.¹¹⁶ Todas elas são denominadas *raças*, e sua apresentação é acompanhada da função que cada uma delas exercia na sociedade de Medina. Além disto, Burton refere-se ao juízo negativo que todas formavam a respeito da

¹¹⁴ Ainda no começo do relato por exemplo, Burton fornece uma longa descrição de “cinco novidades, no simples ato de beber água”, pelo muçulmano. *Meca*. Vol. 1, p. 6.

¹¹⁵ *Meca*, vol. 2, p. 5.

¹¹⁶ 1- Byat al Ansari, 2- Byat abu Jud, 3- Byat al – Sha’ab, 4- Byat al Karrani, e uma última chamada al Nakawila, de ascendência duvidosa. *Meca*, vol. 2, p. 1.

última delas, denominada Al nakhawilah. Estes últimos eram tidos como inimigos, e havia vários relatos sobre “costumes horríveis” deste povo, aos quais Burton responde de uma maneira interessante:

*“It need scarcely be said that such tales coming from the mouths of fanatic foes are not to be credited. I regret not having had an opportunity to become intimate with any of the Nakhawilah, from whom curious information might be elicited”*¹¹⁷.

Nesta primeira descrição, pode-se perceber dois elementos interessantes, um deles é a variabilidade do termo *raça*, ora aplicado ao “restante da população”, ora a cada uma das famílias descendentes dos auxiliares de Maomé. Assim, no decorrer do relato, fica bastante claro que não há nenhuma precisão em sua utilização. O outro é a recuperação da fonte que Burton utiliza para realizar a descrição. Ele lamenta não ter falado com nenhum nakhawilah para conseguir informações, mas é certamente dos habitantes de Medina que ele consegue informações sobre a divisão da população da cidade. Nesta cidade, Burton hospedou-se na casa de um habitante local, que realizara a viagem do Cairo até lá em sua companhia.¹¹⁸

A segunda descrição que rompe a temporalidade do relato é a dos beduínos do Al Hijaz, a região geográfica localizada entre Medina e Meca, à qual Burton dedica muito mais espaço do que à população de Medina, aparecendo no relato bem mais sistematizada.

Burton começa o capítulo sobre os beduínos também propondo uma divisão, referindo-se às diferentes *raças* que compõem a população árabe:

¹¹⁷ “Quase não é preciso dizer que tais lendas vindas das bocas de fanáticos inimigos não devem merecer crédito. Eu lamento não ter tido a oportunidade de tornar-me íntimo de algum dos nakhawilah dos quais curiosas informações poderiam ser extraídas.” *Meca*, vol. 2, p. 3.

¹¹⁸ Chamado Hamid, cuja descrição individual está colocada nas mesmas bases que a do garoto Mohamed.

*“The Arab may be divided into three races – a classification which agrees equally well with the genesitic genealogy, the traditions of the country, and the observation of modern physiologists.”*¹¹⁹

Estas três *raças* estariam divididas em: indígenas ou autóctones, que seriam tribos sub-caucasianas; e dois grupos adventícios, que seriam uns descendentes de tribos mesopotâmicas puramente caucasianas, e outros descendentes de Ismael, também sub-caucasianos, com uma mistura de sangue egípcio, e que teria se originado em 1900 aC, que era de fato, para Burton, a *raça* dos beduínos que ele descreveu.¹²⁰

Após esta definição da origem da *raça* beduína, Burton procede a uma descrição física bastante detalhada. Esta descrição assemelha-se a um retrato falado de corpo inteiro. Seria cansativo enumerar aqui todas as partes do corpo descritas pelo autor nestas páginas. Basta notar que praticamente nada é deixado de lado, desde o cabelo, passando por todos os elementos da feição, até as canelas e os dedos merecem ser descritos. Trata-se, na verdade, da construção de um tipo ideal, pois a impressão é que o autor escolheu um representante da comunidade e descreveu-o com a maior quantidade de detalhes possíveis. Não se trata de formas mais gerais, mas sim de definições estritas de formato, que não permitem muita variação. Talvez esta tenha sido a estratégia do autor para reforçar a afirmação que vem logo em seguida, de que os beduínos não se misturam com outros povos, pois após este retrato falado de corpo inteiro, a afirmação subsequente é que “este é o beduíno, e este ele tem sido por eras”.¹²¹

¹¹⁹ “O árabe pode ser dividido em três raças – uma classificação que concorda igualmente bem com a genealogia do gênesis, as tradições do país e as observações dos modernos fisiologistas. *Meca*. Vol. 2, p. 76.

¹²⁰ Esta classificação é bastante complicada. Burton recorre à história antiga e à Bíblia para comprovar esta divisão e, além disto, em uma nota sobre a origem dos egípcios, Burton realiza especulações sobre um possível parentesco entre as línguas semíticas e jaféticas, ou entre o árabe e o latim, por exemplo.

¹²¹ *Meca*, vol. 2, p. 84.

O que Burton estava querendo dizer é que estes homens casam-se entre si e nunca se deslocaram no espaço o suficiente para sofrerem a ação transformadora de climas essencialmente diferentes. Embora este povo tenha uma origem mestiça, a preservação de suas características ao longo de tanto tempo parece conferir certa pureza à sua *raça*.

Após a descrição física, começa a consideração de Burton sobre as maneiras e os costumes deste povo. As maneiras dos beduínos são “livres e simples”, e mesmo os seus gestos mais corriqueiros, como um cumprimento entre amigos, ou como se serve o café, merecem não apenas descrição, mas também explicação.

O caráter do Beduíno surge como um “composto verdadeiramente nobre de determinação, gentileza e generosidade”¹²²; ele é simples, sensível, mas volúvel e vingativo, entre outras coisas. Mas o que interessa notar não é a simples enumeração das características do caráter do beduíno, mas sim que Burton busca uma explicação para estas, nas normas que regem a sociedade. Segundo ele, ao mesmo tempo em que estão sob uma forma de lei do mais forte, onde todos temem constantemente por sua própria vida, há uma espécie de instituição de costumes que data de tempos imemoriais, o “juízo dos árabes”, extremamente rigorosa em seus julgamentos.

Além destas condições para que a sociedade se sustente, Burton ainda nota que há uma pena de multa para qualquer morte, mesmo em batalha. Todas estas características, podem conferir uma aparência de covardia, para quem não conhece as razões pelas quais o beduíno termina uma batalha logo nos primeiros mortos.

Ainda há outras duas razões que, supostamente, colaboravam para amansar a ferocidade natural dos beduínos; são elas, o intercuro com habitantes da cidade, e a *posição da mulher na sociedade*. Este último fator é bastante interessante, pois aparece

aqui um julgamento favorável às sociedades puramente selvagens. A mulher ocuparia nestas tribos um lugar parecido com o que a mulher européia ocupa em sua sociedade de origem.

*“Rev. Charles Robertson, author of a certain ‘Lecture on Poetry, addressed to working Men,’ asserts that passion becomes love under the influence of Christianity, and the idea of a Virgin Mother spread over the sex a sancticity unknown to the poetry or to the philosophy of modern Greece and Rome.[...] I believe that all the noble tribes of savages display the principle.”*¹²³

Parece não haver dúvidas quanto aos juízos positivos de Burton sobre mais esta tribo de *nobres selvagens*. E mais uma vez, pode-se perceber que determinados elementos são muito mais valorizados por Burton numa sociedade puramente selvagem em detrimento daquelas semi-civilizadas. Pois segundo ele,

*“When the barbarian becomes a semi barbarian, as were the classical authors of Greece and Rome, then, the women fall from their proper place in society, become mere articles of luxury, and sink into the lowest moral condition.”*¹²⁴

Fica bastante claro que a valorização da pureza da sociedade não está centrada exclusivamente nas condições de pureza biológica. A população beduína é mestiça na origem, mas guarda características de um estado puramente selvagem e, portanto, está livre

¹²² *Meca*, vol. 2, p. 86

¹²³ “Reverendo Charles Robertson, autor de uma certa ‘aula de poesia endereçada a homens trabalhadores’, supõe que paixão torna-se amor sob a influência da cristandade, e a idéia da Virgem Mãe espalha sobre o sexo uma santidade desconhecida à poesia ou à filosofia da Grécia ou Roma modernas [...] Eu acredito que *todas as nobres tribos de selvagens apresentam o princípio*”. *Meca*, vol. 2, p. 90, itálicos meus.

da decadência que implica o estágio de semi-civilização. A pureza que importa aqui para Burton não é biológica, mas sim cultural.

O restante do capítulo é dedicado à comprovação da existência do amor na sociedade beduína, do cavalheirismo em seus homens e da honra em suas mulheres. Para isto, Burton recorre às poesias árabes, que se utilizam desta temática e a fatos da história árabe que supostamente comprovariam estas características¹²⁵. Esta argumentação só seria possível para um conhecedor desta literatura e desta história.

Apesar de Burton efetuar sua demonstração com base na história e na literatura árabes, é na permanência de costumes ancestrais, e não na sua transformação, que pode ser percebido o valor da pureza de cada *raça*. E os costumes dos beduínos parecem ser tão fixos quanto seu tipo físico. Para Burton, estes costumes e instituições, “criados pelo seu clima, sua natureza e suas necessidades”, permaneciam iguais aos de seus ancestrais, desde uma época anterior a Maomé, e deveriam permanecer “até que não sobrasse nenhum vestígio da Ka’abah” (a pedra sagrada do templo de Meca).¹²⁶

Nota-se, portanto, uma descrição que é quase atemporal. O beduíno é assim, e assim será até o fim. Entretanto, Burton estava pensando em estágios de sociedade, notadamente em três estágios diferentes, um deles puramente selvagem, outro semi-selvagem ou semi-civilizado e, finalmente, a civilização. Mas dificilmente se pode pensar em uma representação evolucionista, com um sentido único em direção ao progresso, pois o estágio intermediário é inferior ao primeiro.

¹²⁴ “Quando o bárbaro torna-se semi-bárbaro, como eram os autores clássicos de Grécia e Roma, então, as mulheres caem de sua posição apropriada na sociedade e tornam-se meros artigos de luxúria e afundam na mais baixa condição moral.” *Meca*, vol. 2, p. 90.

¹²⁵ *Meca*, vol. 2, pp. 91 a 119.

¹²⁶ *Meca*, vol. 2, p. 109.

Alguns elementos merecem especial atenção nestas descrições populacionais. Em primeiro lugar, pode-se perceber uma valorização do relato bíblico como uma das fontes comprobatórias das especulações sobre a origem da população que Burton descreve. Logo na sua divisão da população, ele julgou importante afirmar que ela estava de acordo também com a genealogia do Gênesis, e mesmo as suposições das descendências das diferentes *raças* fazem uso da escritura como fatos demonstrativos. Os Beduínos, por exemplo, são descritos como descendentes de Ismael (filho rejeitado de Abraão com sua escrava Ágai).

Em segundo lugar, há que se observar a apresentação dos costumes, a partir de uma coerência interna que regulamenta a sociedade. Estas especulações sobre a significação e a construção desta coerência, feitas por Burton, só foram possíveis em razão do conhecimento textual anterior que ele possuía da região da Península Arábica e dos preceitos da religião muçulmana. Há que se ressaltar ainda o esforço de compreensão do autor sobre a sociedade observada. Burton estava disposto a valorizar a sociedade beduína e o faz, recuperando, na história e na literatura, características com conotações positivas presentes nesta sociedade, tais como a existência do amor e do cavalheirismo. Estas reconstituições são necessariamente pautadas no conhecimento orientalista europeu, que se tratava em grande parte de uma representação exterior ao Oriente propriamente dito. Entretanto, não importa neste momento a relação da representação com o real, o que interessa é a construção desta representação. Note-se que a descrição individual do garoto Mohamed também faz uso tanto da sua própria história, quanto de generalizações orientalistas. Isto revela que o instrumental disponível para Burton, a saber, o conhecimento da língua árabe e dos textos orientalistas europeus, é que permite que o autor, num primeiro momento, simpatize com o Oriente, e depois seja capaz de buscar em

suas fontes uma forma positiva de reconstituição. Numa comparação que Burton faz entre duas “nobres tribos” de selvagens, qual seja, os beduínos e os pele-vermelhas da América do Norte de uma geração anterior, nota-se que:

*“Of these two chivalrous races of barbarians, the badawi claims our preference on account of his treatment of women, his superior development of intellect, and the glorious page of history which he has filled.”*¹²⁷

Em terceiro lugar, pode-se ressaltar uma passagem na qual Burton sugere, ainda que timidamente numa nota de rodapé, um parentesco entre as línguas semíticas e jaféticas, referindo-se a um vocábulo bastante semelhante presente nas línguas árabe, persa e latina que, segundo ele, poderia denotar uma antiga aproximação entre elas.¹²⁸

Finalmente, não se pode deixar de notar a variabilidade do termo *raça*. Como já se mencionou, a utilização deste termo de maneira muito livre por parte do autor não permite que se estabeleça uma significação determinada. De fato, Burton não credita nenhuma característica à *raça*, com exceção talvez da aparência física, procurando, ao invés disto, a explicação dos costumes na história e nas tradições da sociedade beduína.

Não se pode, em absoluto, afirmar nada de totalmente positivo quanto à apropriação de teorias européias sobre a população não européia do mundo por Burton neste período, já que ele não menciona nada a este respeito neste livro. Entretanto, parece

¹²⁷ “Destas duas raças cavaleirescas de selvagens, o beduíno tem nossa preferência em razão de seu tratamento das mulheres, de seu desenvolvimento superior do intelecto, e da página gloriosa da história que ele preencheu.” *Meca*, vol. 2, p. 119.

¹²⁸ “...pesquisas convenceram-me de que vocábulos como o árabe *Taur*, o Persa *Tora* e o latino *Taurus* denotam uma antiga aproximação, cujos mistérios ainda convidam a elucidação da ciência moderna.” *Meca*, vol. 2, p. 79. A filologia comparada era uma disciplina que se desenvolveu desde fins do século XVIII, buscando demonstrar, através do parentesco lingüístico, as relações entre diferentes nações. Uma de suas principais buscas era a de uma linguagem original, da qual teriam derivado todas as outras. Ao tratar da

ser possível notar as grandes semelhanças dos elementos julgados importantes por Burton para caracterizar os beduínos e uma das correntes dominantes da etnologia inglesa durante grande parte da primeira metade do século XIX na Inglaterra. Segundo George Stocking, elementos como a importância do relato bíblico e a utilização da filologia comparada como instrumento de demonstração de uma origem única da humanidade foram características da etnologia de James Prichard, já que, uma vez valorizando o relato bíblico, não poderia questionar a unidade primordial da humanidade.¹²⁹

2.2.2 - Os somalis, suas “origens e peculiaridades”.

Em outubro de 1854, Burton deixava a cidade de Áden, no sul da Península Arábica, para cruzar o Mar Vermelho e dar início à sua segunda viagem durante a década de 1850. Esta viagem era a concretização de uma demanda da Marinha indiana e da *Royal Geographical Society*, que desde 1849 buscavam tomar conhecimento “dos recursos produtivos do país somali na África Oriental”¹³⁰.

Burton retornara de sua última viagem, a peregrinação a Meca, e estivera na Inglaterra desde então, completando quase seis anos de licença praticamente ininterrupta de seu posto de capitão no exército da Cia das Índias Orientais. A viagem à região da atual Somália apresentava uma série de características comuns com a sua viagem anterior, como

possibilidade de que as línguas semíticas e jaféticas (caucasianas) fossem aparentadas, Burton provavelmente estava sugerindo uma origem única para toda a humanidade.

¹²⁹ Stocking, G.; *Victorian Anthropology*, New York; The free press, 1987. p 48 a 53. Segundo Stocking, a grande briga teórica de Prichard durante sua vida foi a busca de combater tendências a interpretações poligênicas, que ganhavam força principalmente na França desde o princípio do século XIX.

¹³⁰ *East Africa*, prefácio à primeira edição.

já se disse. Tratava-se de uma região em grande parte sob influência da religião muçulmana, especialmente a costa e a cidade de Harar, então objetivo último de Burton.

O autor faz questão de ressaltar novamente sua familiaridade com os preceitos da religião islâmica. Após desembarcar em Zayla, cidade portuária da costa oriental da África, de onde começaria sua viagem terrestre, e acomodar-se em seu quarto provisório, Burton afirma que

“The well known sounds of al Islam returned from memory[...]

After a peep trough the window, I fell asleep, feeling once more at home.”¹³¹

O fato de sentir-se em casa mais uma vez não implica numa negação da sua identidade européia, mas sim numa afirmação de seu grande conhecimento, inclusive experiencial, do Islã.

Entretanto, como já se notou, seu conhecimento orientalista, embora tenha sido importante para a concretização desta viagem, não lhe proporcionava todos os instrumentos que dispunha na Península Arábica. Embora Harar e a costa fossem regiões predominantemente islâmicas, nas regiões das tribos somalis que Burton atravessou, esta religião era praticamente nominal, pois não havia práticas e cerimônias islâmicas de fato. Burton não entendia completamente a língua, e precisava de um tradutor. Ele também não dispunha de um conhecimento da história ou da literatura da região comparável ao que possuía sobre estes temas na Península Arábica.

Mesmo assim, sua divisão da população da região da Somália segue padrões formais bastante próximos dos empregados para os beduínos. A população da Somália

¹³¹ “O bem conhecido som do islã retornou da memória.[...] Depois de uma espiada pela janela, eu adormeci, sentindo-me em casa mais uma vez.” *East Africa*, vol. 1, p. 18.

também estava dividida em três partes: os aborígenes, anteriormente descritos pelo “grande Couvier” e que, portanto, não precisavam ser apresentados¹³², os caucasianos quase puros do norte e, finalmente, as *raças* mestiças, que incluíam os Gallas, Absínios e os Somalis. Estes últimos seriam aqueles escolhidos por Burton como objeto de sua descrição.

Os somalis são recuperados como uma *raça*, baseado em reconstituições genealógicas complicadas, em informações árabes e nativas, e também através de uma etimologia dos nomes de tribos. O próprio nome do capítulo, *Os somalis suas origens e peculiaridades*, já indica a importância relativa do que será descrito.¹³³ Esta população já não merece a mesma avaliação de “nobre e antiga”, reservada aos beduínos da Arábia, entretanto, já no prefácio, Burton informa que :

*“The natives of the country [abssínios, gallas, somális] are essentially commercial: they have lapsed into barbarism by reason of their political condition – the rude equality of the Hottentots – but they appear to contain material for a moral regeneration.”*¹³⁴

Na descrição dos somalis não se encontra, ao menos em grande escala, a conotação positiva que se pôde observar na descrição dos beduínos da península arábica. Mesmo assim, como se pode perceber, Burton acredita que eles apresentam material para uma regeneração moral.

¹³² “os aborígenes, tais como os negros, hotentotes, *bushman*, e outras raças, tiveram suas peculiaridades fisiológicas e sua estereotipagem e outros desenvolvimentos descritos, em 1815 pelo Grande Couvier” *East Africa*, vol. 1, p. 70. Couvier foi um dos principais anatomistas comparativos franceses do começo do século XIX, Stocking considera que ele esteve bem próximo de adotar uma postura poligênica. Stocking, G. op. cit., p. 27.

¹³³ *East Africa*, vol. 1, pp. 70 a 75.

¹³⁴ “Os nativos do país são essencialmente comerciais: eles caíram no barbarismo em razão de sua condição política – a rude igualdade dos hotentotes – mas eles parecem conter material para a regeneração moral.” *East Africa*, prefácio, p. XXIX.

Nesta descrição, Burton continua valorizando as tradições do país, e parece ser importante para o autor afirmar que as suas suposições em relação à origem dos somalis são corroboradas pelas tradições do próprio lugar. Ao final da complicada genealogia traçada ao longo de quase cinco páginas, sua conclusão refere-se, entre outras coisas, justamente a estas tradições.

*“The Somal, therefore, by their own traditions, as well as their strongly marked physical peculiarities, their customs, and their geographic position, may be determined as a half-caste tribe, an offshoot of the great Galla race, approximated, like the originally Negro-Egyptian, to the Caucasian type by a steady influx of pure Asiatic blood.”*¹³⁵

É digno de nota que as aparências e os costumes sejam enumerados também para comprovar a origem mestiça desta população, e que seja esta a principal característica deste povo. Ainda assim, pode-se notar também alguns ecos de um certo difusionismo, por conta das observações sobre as migrações caucasianas do Oriente.

De fato, talvez por esta porcentagem de sangue caucasiano, a raça somali não predisponha negativamente (*not unprepossessing*), à primeira vista, o que parece bastante estranho, já que se tratava de uma população bastante escura, “negro carvão”, como notou Burton. E para ele, a aproximação com o negro, numa fase posterior de sua vida seria algo que, certamente, predisporia negativamente esta população.

¹³⁵ “Os somalis, portanto, por suas próprias tradições, bem como por suas peculiaridades físicas fortemente marcadas, seus costumes e sua posição geográfica podem ser determinados como uma tribo mestiça (half-caste), um desdobramento da grande raça Galla, aproximada, assim como os originalmente negros egípcios, ao tipo caucasiano por um fluxo contínuo de sangue puro asiático.” *East Africa*, vol. 1, p. 75.

Realmente, a estrutura descritiva segue os mesmos padrões daquelas do livro anterior, ou seja, uma descrição bastante detalhada da aparência física, na qual a comparação principal, entretanto, é sempre com o negro, tanto para aproximar quanto para distanciar:

“The eyes are large and well formed, and the upper features are frequently handsome and expressive. The jaw, however, is almost invariably prognathous and African; the broad, turned out lips betray approximation to the Negro;[...] the mouth is coarse as well thick lipped; the teeth rarely projects as in the Negro, but they are not good.”

136

Na verdade, a aproximação com o negro, aqui, ainda não é suficiente para que um juízo totalmente negativo seja expresso. Neste momento a negrofobia do autor ainda não está totalmente cristalizada. Embora, como se pode notar, já exista de certa maneira, uma predisposição a associar negro a coisas ruins.

Especialmente na parte onde Burton passa a descrever o caráter do povo, começa-se a notar uma série de opiniões que estariam presentes de maneira muito mais efetiva e determinante em seu relato sobre a África Central.

Os somalis apresentam, por exemplo, toda a “leviandade e instabilidade do caráter negro”; sua mente não estava preparada para receber nenhum ensinamento, pois isto parecia “torná-los loucos”.¹³⁷

¹³⁶ “os olhos são largos e bem formados, e as feições superiores são freqüentemente bonitas e expressivas. A mandíbula, entretanto, é quase invariavelmente projetada e africana, os lábios amplos, voltados para fora traem sua aproximação com o negro, [...] a boca é áspera e tem lábios grossos, os dentes raramente se projetam como no negro, mas não são bons.” Idem, p. 76.

¹³⁷ *East Africa*, vol. 1, pp. 77 e 78.

É interessante notar que, neste momento, apenas um ano depois da viagem para a Península Arábica, onde Burton, como se viu, elaborou uma explicação para o funcionamento da sociedade beduína com objetivo de livrá-la das acusações de covardia, encontra-se no relato para a África Oriental uma afirmação de que os somalis são covardes *como todos os selvagens*.¹³⁸

A dificuldade de compreensão, ou mesmo de construir uma tentativa de compreensão dos valores somalis, devido à ausência das fontes através das quais Burton conhecia os beduínos da Arábia, faz com que o autor julgue as suas atitudes de maneira bem menos elaborada do que as apresentadas no livro anterior.

Neste relato, começam a aparecer também algumas passagens comparando os somalis a crianças.¹³⁹ Como se verá, estas comparações passaram a ser recorrentes nos livros de Burton a partir de sua viagem à África Central.

É também neste relato que começam a surgir explicações mais assentadas numa espécie de determinação racial. Já se notou na descrição de Mohamed Hammal, que ele estava de certa forma limitado por sua origem somali. Embora Burton não se referisse ao termo *raça* explicitamente nesta passagem, pode-se inferir que ele estava se referindo a limitações raciais. Em outra passagem de seu texto, quando sua pequena caravana estava realizando uma jornada mais longa e forçada que as demais, Burton nota a fraqueza de seus “companheiros”, que mal podiam suportar o peso de suas lanças, mesmo enquanto montados nos camelos.

¹³⁸ “No que diz respeito à coragem, eles não são exceção à generalidade dos selvagens [...] usualmente eles correm antes da queda de meia dúzia de homens.” *East Africa*, vol. 1, p. 78.

¹³⁹ “eu vi muitas vezes um homem batendo palmas e dançando, como criança, sozinho para aliviar a exuberância de seu espírito”. *East Africa*, vol. 1, p. 78.

*“I had now an opportunity of seeing how feeble a race is the Somali. [...] This cannot arise from the poor diet, for the citizens, who live generously, are yet weaker than the badawin; it is a peculiarity of race.”*¹⁴⁰

Como se notou, em sua viagem para Meca, em nenhum momento Burton recorreu a características raciais para explicar qualquer peculiaridade dos beduínos. Sua fonte sempre foi outra: a história, ou a literatura, ou mesmo as generalizações orientalistas. Aqui, estas informações não conseguem mais responder aos seus questionamentos.

Embora se mostrasse relativamente entusiasmado com a literatura somali, Burton não possuía um conhecimento dela comparável ao que possuía sobre os textos árabes. Além disto, não havia literatura escrita, e as tradições eram totalmente orais. Segundo Burton, “é estranho que um dialeto que não possui caracteres escritos possa ser tão abundante em poesia e eloquência”.¹⁴¹ Mas o fato é que ele mesmo não conseguia entender as canções e poesias somalis, em virtude de que elas eram “composições tão idiomáticas que mesmo os árabes assentados no país por anos não conseguiam compreendê-las perfeitamente, ainda que estivessem familiarizados com o estilo de conversação”¹⁴².

É importante notar que, embora muito mais superficial, o capítulo sobre os somalis retoma praticamente a mesma estrutura formal do capítulo sobre os beduínos da Península Arábica. Primeiro uma divisão da população, seguida de uma descrição física generalizante, e depois referências ao caráter da população e, finalmente, uma descrição da mulher nestas sociedades.

¹⁴⁰ “Eu tive então uma oportunidade de ver quão fraca é a raça somali. [...] Isto não pode se originar da dieta pobre, pois os cidadãos, os quais vivem generosamente, são ainda mais fracos que os beduínos; é uma particularidade da raça.” *East Africa*, vol. 1, p. 114.

¹⁴¹ *East Africa*, vol. 1, p. 81.

¹⁴² *East Africa*, vol. 1, p. 82.

Em comparação com a mulher árabe, em seus atributos de honra e coragem, a descrição da somali parece uma inversão total. Embora fisicamente mereça alguns breves elogios, quando o assunto é a moral, o juízo parece bastante negativo.

*“As regards to their morals, I regret to say that the traveller does not find them in the golden state which teetotal doctrines lead him to expect. After much wandering, we are almost tempted (sic) to believe the bad doctrine that morality is a matter of geography. That nations and races have, like individuals, a pet vice, and that by straining one you only exasperate another.”*¹⁴³

Quando Burton sugere o “estado dourado”, no qual o viajante espera encontrar as mulheres somalis, estava provavelmente se referindo ao habito da infibulação, ou sutura dos órgãos femininos ainda na infância, que supostamente guardariam a virgindade da mulher até o casamento.¹⁴⁴ Edward Rice refere-se ao apêndice sobre infibulação escrito por Burton, que não consta da edição disponível para esta pesquisa. Nestas páginas, o autor procura demonstrar, entre outras coisas, as maneiras pelas quais as mulheres conseguiam driblar os impedimentos gerados pela infibulação.

“Os que desconfiam da fidelidade da esposa, quando saem para alguma viagem, costumam novamente a abertura do órgão; mas

¹⁴³ “No que diz respeito à sua moral, eu lamento dizer que o viajante não as encontra no estado dourado que a doutrina abstinência o leva a esperar. Depois de muitas andanças, nós somos quase tentados a acreditar na má doutrina de que moralidade é uma questão de geografia. Que nações e raças têm, como os indivíduos, um vício predileto e que reprimindo um você apenas aumenta um outro.” *East Africa*, vol. 1, p. 84.

¹⁴⁴ A edição original deste livro deveria constar de um apêndice sobre as práticas da infibulação. Segundo a edição disponível para a pesquisa, uma cópia da edição memorial de 1894, este apêndice, cujos editores da primeira edição, em 1856, “julgaram necessário omitir”, não foi encontrado. Entretanto, Rice cita-o em sua biografia.

uma mulher cuidadosa rompe a sutura com a maior facilidade e a costura de novo depois de satisfazer seus desejos.”¹⁴⁵

Burton utiliza-se aqui de um interessante artifício retórico, ou seja, ele é *quase* tentado a acreditar na *má doutrina* na qual a moralidade é uma questão de geografia. Entretanto, não procura outras explicações para o fato da infidelidade ser algo supostamente tão comum. Apesar de notar a extrema violência dos maridos para com suas esposas, não associa as duas coisas. De fato, quase em oposição ao seu julgamento moral dos beduínos da Península Arábica, ele condena o somali ao desconhecimento do sentimento do amor, que como pode-se observar no relato a Meca, é um dos elementos principais na caracterização da honra do beduíno árabe.

*“The somal know none of the exaggerated and chivalrous ideas by which passion becomes refined affection amongst the Arab badawin and the sons of civilization.”*¹⁴⁶

Algumas comparações entre este relato e o anterior, sobre a peregrinação a Meca, são importantes para que se possa perceber as diferenças no conceito de Burton sobre as populações descritas. A estrutura formal das duas principais descrições de cada livro, como já se notou, é bastante parecida. O mesmo não se pode dizer quanto ao juízo de Burton em relação as duas populações. Entretanto, ainda se pode notar alguns momentos, no relato sobre a África Oriental, nos quais o autor valoriza as tradições do país, como no caso da própria divisão das *raças*.

Enquanto Burton, na Península Arábica, procurava fazer notar a antigüidade dos beduínos e sua pureza mantida ao longo do tempo, isto embora a população tenha sido

¹⁴⁵ Citado por Rice em sua biografia. Servi-me da edição da Cia das Letras, de 1998, p 248.

apresentada como de origem mestiça, neste relato, a principal característica da população é justamente a sua origem mestiça.

Vale lembrar, entretanto, que Burton logo no prefácio supõe que os somalis, embora decaídos, “apresentam material para uma regeneração moral”. Quando se pensa em regeneração, necessariamente se sugere um estágio anterior mais elevado. O que parece surgir entre as linhas de Burton é que, embora nominalmente selvagens, os somalis estariam representando o estágio entre a pureza selvagem e a civilização. As suas passagens sobre a moralidade feminina são um bom indício desta graduação. As mulheres da península arábica apresentam qualidades como honra e coragem e, como se notou no relato sobre Meca, o autor supõe que num estágio de semi-civilização as mulheres decaem de seu estado natural na sociedade para retornar a ele na civilização. De fato, as mulheres somalis parecem representar o estágio moral inerente a sociedades semi-civilizadas tais como as conceituara Burton. O mesmo se pode dizer quanto à existência do amor, pois para ele, os somalis não conhecem “nada da grande e cavalheiresca idéia pela qual a paixão se torna refinada afeição”, idéia esta presente tanto na sociedade beduína da Arábia, quanto na civilização européia.

Ainda se nota neste relato o início da apropriação de idéias que viam a *raça* como determinante no desenvolvimento de um povo. Tanto na descrição individual de Hammal, quanto em outros momentos da caracterização geral do somali, estas idéias vêm substituir a explicação baseada nos costumes e nas tradições, à qual Burton recorria na Arábia.

Algumas idéias podem ser agrupadas, no entanto, na tentativa de compreensão das construções de Burton no que diz respeito à representação populacional. A busca da

¹⁴⁶ “O somali não conhece nada das grandes e cavalheirescas idéias pelas quais paixão torna-se afeição refinada entre os beduínos árabes e os filhos da civilização.” *East Africa*, vol. 1, p. 86.

origem, assentada, como se viu, em comparações lingüísticas (como nos selvagens da Índia), ou em migrações orientais para estas regiões, como na Arábia e na África Oriental; a valorização do elemento cultural puro; a crença na possibilidade de regeneração moral; entre outros fatores, leva a acreditar que Burton estivesse se movimentando dentro de um modelo degeneracionista, no qual o contato parece gerar a degeneração. Mesmo neste relato sobre a África Oriental, no qual começam a surgir análises baseadas nas características raciais da população, a regeneração moral ainda é possível.

O importante, porém, é notar que Burton parecia realmente pensar ainda dentro de modelos degeneracionistas, uma vez que podia idealizar o selvagem, valorizar suas tradições, e inferir sobre as possibilidades de regeneração. Ainda que se possa avaliar como evolucionista o fato de que ele pensava em estágios de civilização, este evolucionismo é muito ambíguo e certamente não linear.

Pode-se pensar, então, como o autor representou as populações da África Centro-Oriental, para que surjam novos elementos de comparação.

2.2.3 África Central : o negro criança.

No começo de 1854, Burton retornou para Áden, onde começou a organizar uma outra expedição pela região somali. Entretanto, enquanto estava reunido em Berbera antes de partir para a viagem, seu acampamento foi atacado por uma multidão de somalis. Burton sofreu graves ferimentos e, em razão de uma lança que atravessou-lhe a face, retornou então para a Inglaterra, para se recuperar.

Neste período, segundo Rice, Burton esteve durante algum tempo envolvido em episódios secundários da guerra da Criméia, mas não chegou a participar ativamente da batalha. Enfim, em 1856, novamente na Inglaterra, programou uma nova viagem para a África, desta vez em busca das nascentes do rio Nilo.

Mais uma vez, Burton partiu para uma viagem de aventuras, e não estava disposto a sacrificar sua personalidade à tarefa de fazer de seu texto um relatório. Em seu prefácio, informa Burton ao leitor que o livro combinava “etnologia, geografia e uma narrativa das ocorrências”, que faziam parte de uma viagem como a que empreendera. A sua posição central no livro também é abordada logo no prefácio. “Eu não tentei evitar a introdução de assuntos de natureza pessoal e privada para o leitor; seria impossível evitar o egoísmo numa narrativa puramente egoísta.”¹⁴⁷

De fato este relato está estruturado, à semelhança dos outros dois anteriores, a Meca e a Somália, como uma narrativa da sequência de acontecimentos que Burton viveu e presenciou durante a viagem. A população, entretanto, está apresentada de maneira diferente. Burton dividiu sua viagem em quatro regiões, e a cada uma delas dedica um capítulo sobre etnologia e a geografia. Além disto, no final do livro, organizou um capítulo intitulado “O Caráter do Africano Oriental”, no qual realiza uma descrição mais geral de toda a população destas regiões.¹⁴⁸

Nesta viagem, entretanto, Burton esteve doente durante muito tempo. Teve de ser carregado durante a maior parte do caminho, ou seja, esteve impossibilitado, durante boa parte do percurso, de tomar notas mais cuidadosas. A travessia do interior do continente africano apresentava grandes dificuldades aos europeus, e estas dificuldades transparecem

¹⁴⁷ *Lake Regions*. Prefácio, p. VIII.

¹⁴⁸ *Lake Regions*, pp. 489 a 522.

no texto deste relato. Mais do que isto, o estado de febre quase constante, a necessidade de ser carregado, e a péssima condição de saúde de Burton, certamente, influenciaram na sua condição de análise das sociedades pelas quais viajava, ou seja, ele parece relativamente incapaz de apreender ou ao menos de tentar apreender os significados internos destas sociedades.

Neste relato, a dificuldade de Burton com a linguagem dos nativos é muito grande; ele não consegue, por exemplo, elaborar praticamente nenhum vocabulário, e embora diga que conseguiu aprender o dialeto da costa, revela grande exasperação por não conseguir se fazer entender pelos ‘*selvagens*’. Os árabes que encontra pelo caminho são seus principais interlocutores.

Na divisão da população, a referência à origem praticamente desaparece, entretanto, a etnologia parece ser a coisa mais importante para ser descrita nestas partes do mundo.

*“The ethnology of Africa is indeed its most interesting, if not its only interesting feature. Every thing connected with the habits and the customs, the moral and religious, the social and commercial state of these new races, is worthy of diligent observation careful description, and minute illustration.”*¹⁴⁹

A etnologia, portanto, é compreendida como composta pela observação, ilustração e descrição dos costumes, da moral e da religião destas *novas raças*.

A caracterização dos africanos como uma *raça* nova é bastante significativa, em oposição, por exemplo, à antigüidade e nobreza dos beduínos e à lembrança de que os

nativos da Somália haviam decaído, embora apresentassem material para recuperação moral.

As *raças* centro africanas eram, portanto, novas, sem história. De fato, logo a seguir, Burton justificando sua opção pela descrição etnológica, comenta sobre a redundância da paisagem geográfica, falando que nada de interessante havia, que fosse merecedor de nota, exceto as eventuais correções a serem feitas pela “verdade” sobre a “fábula” referindo-se às conjecturas européias sobre a geografia africana que careciam de comprovação empírica. Além disto, o próprio Burton informa ao leitor sobre a ausência de história, ou seja, a falta de interesse histórico nas regiões centrais da África, pois não há tradições, anais, ruínas, enfim, nada do “esplendor passado tão querido do viajante e do leitor de viagens”.¹⁵⁰

Nem mesmo a pompa “bárbara” e a “grandeza selvagem” da África ocidental restam ao infeliz viajante destas paragens. Mas a etnologia sim, esta tem suas novidades: o fetichismo, o estado social destas tribos, enfim, os *costumes, a moral e a religião destas novas raças*.

Em direta contraposição às descrições coletivas anteriores, nas quais como se viu, a origem era um dos principais elementos de classificação e de qualificação da população, neste livro praticamente nada é relatado sobre a origem dos povos descritos. A designação dos povos não é mais pela ascendência comum, mas passa a ser realizada pela região. Desta forma, a própria divisão dos capítulos que tratam da população está efetuada tendo como base delimitações geográficas. Burton, segundo ele mesmo, continuava tentando

¹⁴⁹ “A etnologia da África é de fato sua feição mais interessante, senão a única interessante. Todas as coisas relacionadas aos hábitos e costumes, aos estados moral e religioso, comercial e social destas novas raças é merecedor de observação diligente, descrição cuidadosa, e ilustração detalhada.” *Lake Regions*, p. 88.

¹⁵⁰ *Lake Regions*, p. 88.

conseguir informações dos nativos, mas desistiu de acreditar neles logo no começo, pois não conseguiam fornecer nem mesmo as informações mais simples, como a distância entre dois pontos de parada. Estas, juntamente com outras “falsas” informações que obtivera, levaram Burton a se dirigir ao leitor nos seguintes termos :

*“The reader may gather from this sample some idea of the difficulties besetting those who would collect information concerning Africa from the Africans. It would not have happened had an Arab been consulted. I soon resolved to doubt for the future [of all the Africans]”*¹⁵¹

Ainda assim, a nomenclatura utilizada por Burton para designar as diferentes populações é aquela das próprias tribos que, por sua vez, concorda com a sua divisão geográfica. Na verdade, não se tem muito material para avaliar este tipo de designação, já que a informação que possuímos é do próprio Burton, ou seja, segundo ele, os próprios africanos se auto designavam pela região, através do prefixo wa (habitantes) à frente da região geográfica (Mrima, por exemplo).

No entanto, embora se esperasse encontrar, neste relato, descrições físicas bastante detalhadas, quando se observa a definição de etnologia fornecida pelo próprio Burton, e já mencionada anteriormente, nota-se que não há nenhuma referência à aparência física. Desta maneira, as descrições físicas ficam no último plano da narrativa neste relato, e quando procura descrever uma tribo, ou *raça*, Burton valoriza infinitamente mais os ornamentos do que as feições, ou o tamanho do crânio, ou pernas e braços. Somente quando julga importante para a caracterização desejada, é que ele recorre a certas

peculiaridades físicas. Assim, ao descrever os waniamwezi (habitantes do Uniamewezi)¹⁵², uma população assentada relativamente próxima à costa, nota que muitos deles têm as canelas abauladas, e deduz que seria resultado da ocupação principal desta tribo, ou seja, eram carregadores, e começavam a carregar cargas pesadas muito cedo em suas vidas e, como resultado disto, só poderiam ter as canelas abauladas. Ou então, quando se destacam das demais populações por alguma peculiaridade física marcante, como os wagogo (habitantes do Ugogo).¹⁵³

*“Their main peculiarity is the smallness of the cranium compared with the broad circumference at and below the zygomata: seen from behind the appearance is that of a small half bowl fitted upon one of considerably larger basis; and this with the widely extended ears, gives a remarkable expression to the face. Nowhere in eastern Africa is the lobe so distended.”*¹⁵⁴

Assim, há apenas uma menção à forma do crânio seguida de um comentário sobre a aparência pitoresca, quando associado à orelha, já alterada pela distensão proposital do lóbulo. O que vem a seguir são mais comentários sobre os enfeites e acessórios, cicatrizes e tatuagens utilizados pelos africanos, e esta descrição pode se alongar por muitas páginas, pois são estas características que servem como instrumento para que Burton diferencie as populações africanas. Quanto a costumes e ao caráter do africano, eles vêm sendo descritos

¹⁵¹ “O leitor pode formar por esta amostra alguma idéia das dificuldades que cercam aqueles que coletariam informações a respeito da África dos próprios africanos . Isto não teria acontecido se um árabe tivesse sido consultado. Eu logo resolvi duvidar no futuro [de todos os africanos].” *Lake Regions*, p. 43.

¹⁵² Uniamwezi é a denominação utilizada por Burton para definir a região mais próxima da Costa oriental da África; compreende a planície costeira da região da atual Tanzânia.

¹⁵³ Denominação utilizada por Burton para definir a região planáltica no interior da atual Tanzânia

¹⁵⁴ “Sua principal peculiaridade é a pequenez do crânio comparada com a ampla circunferência no e abaixo do zigoma: vistos de costas a aparência é a de uma pequena jarra pela metade encaixada sobre uma de tamanho

e exemplificados ao longo de todo o texto, entretanto, ao final do livro está colocada uma peça da etnologia de Burton que merece uma abordagem especial, justamente por apresentar significativas diferenças no julgamento do autor com relação àqueles expressos no corpo do texto do relato.

Trata-se do ensaio “*O Caráter do Africano Oriental*”, onde estão elucidativamente dispostas as concepções do autor, resultantes de sua grande aventura na região africana. Este texto foi escrito provavelmente depois do final da viagem, e deve ter sido a última coisa a ser terminada na composição do livro, pois retoma, como se verá, várias passagens do relato quase literalmente, embora com avaliações bastante diferentes. Este mesmo ensaio foi republicado como apêndice da biografia de Burton escrita por Isabel, sua esposa, e publicada originalmente em 1893.¹⁵⁵

Embora faltasse o primeiro parágrafo no excerto publicado na biografia, o texto é aparentemente idêntico, apresentando apenas algumas pequenas diferenças, talvez falhas tipográficas (grafias diferentes, uma palavra faltando, entre outros). É justamente no parágrafo ausente na biografia escrita por Isabel que se encontra a seguinte e importante passagem:

*“The study of psychology in eastern Africa is the study of man’s rudimental mind, when subjected to the agency of material nature, he neither progresses nor retrogrades. He would appear rather degeneracy from the civilized man than a savage rising to the first step, were it not for his apparent incapacity for improvement.”*¹⁵⁶

consideravelmente mais larga; e isto com a orelha largamente distendida, dá uma notável expressão à face. Em nenhum lugar na África oriental o lóbulo é tão distendido.” *Lake Regions*, p. 212.

¹⁵⁵ Burton, Isabel. *Life of Cap. Sir Richard Francis Burton*; Londres, Chapman and Hall, 1893.

¹⁵⁶ “O estudo da psicologia na África Oriental é o estudo da mente rudimentar do homem, quando sujeita a ação da natureza material, ele nem progride nem retrocede. Ele pareceria mais uma degenerescência do

O *selvagem* para Burton neste momento, já não é mais, pois, o resultado de uma degeneração moral, como pudemos notar em seu livro sobre a África Oriental, embora ainda guarde semelhanças com este estado anteriormente descrito. A única característica da concepção de Burton que parece mudar é a crença na incapacidade de aprendizagem do selvagem para que pudesse se aperfeiçoar. De fato, boa parte deste ensaio é uma reafirmação da incapacidade de aprendizado do selvagem, pois Burton não conseguia compreender muita coisa da sociedade que havia estado observando nos últimos três anos, grande parte possivelmente em razão da péssima condição de saúde na qual esteve durante a maioria do tempo da viagem, o que o fazia repetir, por exemplo, que o selvagem era guiado pela paixão.

É bastante significativo que o ensaio de Burton comece com seguidas demonstrações da sua dificuldade *civilizada* em compreender os significados internos da sociedade africana, como ele mesmo afirma,

*“He appears therefore to the civilized man a paralogic being, - a mere mass of contradictions; his ways are not our ways, his reason is not our reason. He deduces effects for causes that we ignore.”*¹⁵⁷

Esta condição de selvageria parecia incompreensível para Burton. Ele não podia mais acreditar que o selvagem que ele observava era o resultado de um processo degenerativo, ou seja, que em algum momento ele pudesse ter sido um ser igual a todos os outros seres humanos, inclusive os civilizados. Sua condição selvagem parece ser algo

homem civilizado do que um selvagem erguendo-se ao primeiro passo, não fosse sua aparente incapacidade para o aperfeiçoamento.” *Lake Regions*, p. 489.

¹⁵⁷ “Ele parece portanto ao homem civilizado um ser paralógico, - uma mera massa de contradições, seus caminhos não são os nossos caminhos, sua razão não é a nossa razão. Ele deduz efeitos de causas que nós ignoramos.” *Lake Regions*, p. 490.

exterior a si próprio, ele “*é calculado para deixar perplexo àqueles que fazem da consciência um instinto que eleva o homem ao mais alto grau da inteligência humana*”¹⁵⁸.

Na verdade, deve-se pensar a situação de Burton quando provavelmente escreveu este ensaio, para que se possa, talvez, compreender sua lógica. Este empreendimento foi uma viagem de proporções épicas, durante a qual, diferentemente das duas outras viagens de aventuras anteriores, Burton esteve submetido a vontades que não as suas próprias: esteve doente a maior parte do tempo, não podia dispor de certos elementos da caravana, como se pôde notar na descrição de Kidogo, e logo perdia o comando que lhe era tão caro. As dificuldades de compreensão da linguagem, e de construção dos significados das sociedades africanas pelas quais viajara, que já apareciam anteriormente na análise deste livro, levava-o a generalizações e inferências, que ressurgem ainda mais ácidas nesta porção final do texto.

Ao final desta grande viagem, bastante debilitado fisicamente, suportava ainda o peso de um meio fracasso, pois embora tivesse conseguido “descobrir” o lago Tanganika, não havia estabelecido provas definitivas de que ele era a origem do rio Nilo. Sua auto estima, pode-se supor, estava também bastante afetada.

O fato é que Burton utiliza-se de passagens às vezes literais do corpo do relato para construir este ensaio, mas consegue criar uma imagem bastante piorada do africano, ou seja, reproduz, quase literalmente, passagens do texto do relato, modificadas apenas o suficiente para que se crie uma imagem do *selvagem* africano ainda mais inferiorizado. Por exemplo: no ensaio final sobre o caráter do africano, Burton argumenta que uma das principais características do africano é o egoísmo, e uma das principais consequências

¹⁵⁸ *Lake Regions*, p. 490.

advindas deste fato é que “o africano não reconhece nem mesmo a mão que o alimenta”.¹⁵⁹ Esta frase já aparecera anteriormente, embora o julgamento ainda não fosse tão enfático. Num momento determinado da viagem, Burton oferece aos africanos uma recompensa em contas e em grãos em troca de sua obediência,

*“It acted well, saving outfit, time, and a host of annoyances; moreover it gave us command, as the African man, like the lower animals, respects only, if he respects any thing, the hand that gives – that feeds him.”*¹⁶⁰

A estratégia, que de resto parece ter funcionado para lhe dar o tão desejado comando, transformou-se num juízo ao final que coloca, portanto, o africano ainda abaixo dos animais inferiores. Esta relação entre ensaio final e corpo do texto parece se repetir quando cita uma passagem sobre um acontecimento muito semelhante. Quando estava saindo da região dos Wagogo, lembra que esta *raça* não tem a menor noção de maneiras, que entram na tenda de estranhos sem a menor cerimônia e que:

*“Upon the road a mob of both sexes will press and follow a caravan for miles. The women, carrying their babes in leopard skins bound behind the back, and with unveiled bosoms stand or run fiercely shouting with the excitement of delight, and the girls laugh and deride the stranger as impudently as boys would in more modest lands.”*¹⁶¹

¹⁵⁹ *Lake regions*, p. 490.

¹⁶⁰ “Isto funcionou bem, economizando tecido, tempo e uma porção de aborrecimentos; além do mais, nos deu comando, já que o homem africano, assim como os animais inferiores, só respeita, se é que respeita alguma coisa, a mão que oferece – que o alimenta.” *Lake Regions*, p. 432. Negritos meus.

¹⁶¹ “Na estrada uma multidão de ambos os sexos irá empurrar e seguir a caravana por milhas. As mulheres, carregando seus bebês atrás das costas, e com os seios desvelados paravam ou corriam ferozmente gritando com o entusiasmo do deleite, e as garotas riam e zombavam do estrangeiro tão impudentemente como os garotos fariam em terras mais modestas.” *Lake Regions*, p. 215.

Esta passagem continua com uma reflexão do autor, a respeito de como esta porção da população africana tem maior tendência a evoluir, pois em outros lugares, não havia presenciado estas e outras manifestações de curiosidade (*inquisitiveness*), ao contrário, o que ele tinha observado era uma apatia geral que parecia condenar o africano à estagnação.

No ensaio final sobre o caráter africano, esta cena ganhou um tratamento literário interessante. Embora esta passagem tenha a mesma função de demonstrar a ausência de “maneiras” nas populações africanas, parece ser interessante fazer esta comparação. Observe-se esta nova passagem:

*“On the road, hosts of idlers, especially women, boys and girls, will follow the caravan for hours; it is a truly offensive spectacle – these uncouth figures, running at a “gymnastic pace”, half clothed except with grease, with pendant bosoms shacking in the air, and cries that resemble the howls of beasts more than any effort of human articulation.”*¹⁶²

Pouco precisaria ser dito a respeito das diferenças entre as duas passagens citadas aqui, mas é realmente notável que dois estados de espírito tão diferentes em relação a um acontecimento tão semelhante estejam presentes no mesmo livro. Pode-se inferir, ainda, que esta cena não tenha se repetido muitas vezes, já que ela é citada primeiramente para ressaltar também a qualidade de uma população, segundo o próprio autor, diferente das demais.

¹⁶² “Na estrada, uma multidão de preguiçosos, especialmente mulheres, garotos e garotas, seguirá a caravana por horas, isto é um espetáculo verdadeiramente ofensivo – estas figuras grosseiras, correndo num “gymnastic pace”, meio vestidos a não ser por gordura, com seios pendentes chacoalhando no ar, e gritos que lembravam os uivos de bestas mais do que qualquer esforço de articulação humana.” *Idem*, p. 496.

Outra estratégia de Burton para criar a imagem dos africanos nesta parte do texto é a exaustiva repetição da característica infantil destes “selvagens”. Torna-se realmente notável a frequência com que as palavras “*child*”, “*childish*”, “*embryo*”, “*birth*”, aparecem seguidas vezes no início do capítulo¹⁶³, como se o autor tentasse convencer a si mesmo de que os africanos eram crianças e não degenerados, dando crédito às suas primeiras linhas neste ensaio.

Esta imagem do selvagem como criança é, talvez, a grande alteração de suas concepções neste momento. Em seus livros anteriores, desde sua imagem idealizada do selvagem na Índia, à construção dos significados internos da sociedade beduína, até o “material para regeneração moral” dos somalis, aparentemente, Burton vinha pensando em termos relativamente degeneracionistas. Da mudança que ocorre neste texto, derivam uma série de conseqüências. Uma delas é o surgimento de uma tendência ao poligenismo - embora esta nunca apareça referenciada de forma explícita em seus textos de viagem - pois para considerar o selvagem africano como “infância” da humanidade, a estratégia de Burton é afirmar que seu intelecto é limitado, portanto intrinsecamente diferente do europeu. Outra delas é a adoção de um pensamento de certa maneira evolucionista, condicionado pelas características raciais, especialmente no que diz respeito à limitação do intelecto. Ainda que o pensamento evolucionista esteja em aparente contradição com as tendências poligênicas e afirmações de limites raciais, assim,

“In intellect, the East African is sterile and incult, apparently unprogressive and unfit for change. Like the uncivilized generally, he observes well, but he can deduce nothing profitable from his

¹⁶³ Como nas páginas 491, 492, 493, 499, entre outras.

perceptions. [...] Like the Asiatic, in fact, he is stationary, but at a much lower level.”¹⁶⁴

Teria então Burton mudado totalmente suas concepções ao final de sua viagem à África Central?

Aparentemente, ao menos, esta mudança não foi total. O próprio Burton compreende que seu esboço sobre o africano não é dos mais agradáveis, e ele mesmo se apressa a justificar o motivo de tão sombria exposição, ou seja, “muito desta degradação moral pode ser explicado pelo trabalho ao longo dos séculos, do comércio escravo,” e que as tribos de selvagens “não são mais o que a natureza fez delas”¹⁶⁵. De fato, sua explicação continua sendo uma mistura de fatores naturais, com problemas derivados do contato com a civilização, ou seja, assim como o fetichismo é uma forma religiosa primitiva derivada diretamente dos elementos naturais que cercam o africano¹⁶⁶, a degradação produzida pelo tráfico escravo é externo à natureza africana, e deriva do contato com estrangeiros, dos quais os africanos haviam retido a corrupção e nada mais.

Neste momento é importante notar uma certa mudança de modelo, e perceber que Burton começava a pensar em termos evolucionistas, embora se tratasse de um evolucionismo bastante ambíguo, pois não sugeria um desenvolvimento das *raças* ao longo do tempo, mas a fixidez de suas diferenças em relação a outras, ao mesmo tempo que parecia sugerir uma escala de desenvolvimento ao classificar o *selvagem* africano como criança.

¹⁶⁴ “Em intelecto, o africano oriental é estéril e inculto, aparentemente não progressivo e incapaz de mudanças. Como os incivilizados geralmente, ele observa bem, mas não consegue deduzir nada de proveitoso de suas percepções [...] Como o asiático de fato, ele é estacionário, mas num nível bem inferior.” *Idem*, p. 497.

¹⁶⁵ *Lake Regions*, p. 499

A idéia de que havia estágios de civilização diferenciados, e que tendiam ao progresso em direção à civilização européia, barrados, talvez, por características inerentemente raciais, parece estar bastante claro neste momento para Burton, como nos indica esta passagem sobre a essência do fetichismo:

*“...fetissism is a rude and sensual superstition, the faith of an abject fear, and of infant races that have not risen, and are, perhaps, incapable of rising to theism – the religion of love and the belief of the highest types of mankind.”*¹⁶⁷

A explicação de Burton sobre o estágio de desenvolvimento dos africanos é bastante diferente, portanto, das apresentadas anteriormente. Neste caso, o selvagem está bem distante de qualquer idealização positiva. Ressalte-se que aqui a *raça* como elemento determinante das possibilidades da população assume importância muito maior na explicação das características dos africanos do que em qualquer outro momento da descrição populacional de Burton em seus outros relatos.

As dificuldades de compreensão de Burton em relação ao africano, derivadas das condições adversas da viagem e da ausência de instrumentos lingüísticos e históricos parecem empurrá-lo para explicações antes menos importantes em seu esquema descritivo. Tem-se a impressão de que ele não consegue reproduzir seu esquema degeneracionista e passa a pensar de outras maneiras. Entretanto, ao mesmo tempo em que parece assumir um caráter evolucionista, ao classificar o africano como criança, busca a explicação da sua situação em supostos limites raciais, que o aproxima de concepções poligênicas e,

¹⁶⁶ “A origem do fetichismo pode ser facilmente explicada, pelo aspecto do mundo físico, o qual coloriu seus pensamentos e dirigiu as crenças do homem: ele reflete, de fato, o fantástico e monstruoso caráter das produções animais e vegetais ao seu redor.” *Lake Regions*, p. 499.

consequentemente, não dinâmicas, mas estáticas quanto ao desenvolvimento ao longo do tempo. Um poligenismo evolucionista parece ser relativamente contraditório, mas é justamente esta contradição que permite representar a ambigüidade do pensamento de Burton neste momento. Seu próprio texto é ambíguo, como se nota em seu ensaio final que apresenta conclusões diferentes das que o corpo do texto parecia sugerir. Sua própria experiência africana é relativamente contraditória: sua viagem foi ao mesmo tempo um sucesso e um fracasso, pois embora tenha conseguido atingir o tão desejado “mar de Ujiji”, ou lago Tanganika, como foi rebatizado por ele, não conseguiu demonstrar que era ali a origem do rio Nilo (e de fato não era). E embora o relato possua o valor de afirmação do poder europeu sobre a região, Burton sentiu na pele todas as dificuldades da viagem, inclusive a desagradável experiência de descobrir que sem os africanos não teria sido possível a realização do *seu* grande feito, o grande feito europeu, isto é, a tomada de posse simbólica de um dos grandes lagos interiores da África central. A sua dependência em relação aos africanos aparece mesmo no seu relato, como se viu na descrição de Kidogo.

A esta situação experiencial contraditória soma-se a dificuldade de compreensão em razão da ausência de elementos que Burton possuía quando de suas outras viagens, a Meca e a Somália, ou seja, do recurso à história, das suas fontes e informantes nativos, da própria boa vontade que podia ter em relação aos beduínos, em virtude de seu conhecimento. O resultado destas condições aparece de forma lapidar em seu ensaio final sobre o “africano oriental”.

Nota-se, portanto, uma interferência direta das condições da viagem e das experiências do contato nas transformações das concepções do autor ao longo deste relato.

¹⁶⁷ Fetichismo é uma superstição rude e sensual, a fé de um medo abjeto, e de raças infantis que ainda não se elevaram, e são, talvez, incapazes de elevarem-se ao teísmo – a religião de amor e a crença dos tipos mais

Em experiências anteriores, o conhecimento da língua e, em certa medida, da história das regiões através da qual havia viajado, permitia a Burton um tipo de descrição que não era mais possível na África Central. A situação delicada na qual Burton esteve em contato com os africanos moldou de certa maneira suas concepções a respeito destas populações, da mesma forma que seus esquemas classificatórios e descritivos não serviam mais para descrever esta nova experiência. Seus modelos de descrição populacional começavam a se alterar, e as contradições presentes em seu livro sobre a África Central repercutiram em seus relatos posteriores, na qual sua posição em relação às populações descritas estava assentada sobre uma outra legitimidade, não mais o militar da Índia, ou o aventureiro europeu da Arábia e da África, mas sim na condição de representante consular britânico, nas viagens que realizou para a África Ocidental e para o Brasil. No próximo capítulo ver-se-á como estas novas experiências contribuíram para as transformações nas concepções de Burton sobre as populações não-européias do mundo.

CAPÍTULO 3 - O PERÍODO CONSULAR:

Nos capítulos anteriores, pôde-se observar as descrições populacionais de Burton a partir de duas perspectivas diferentes: a primeira delas na Índia, a perspectiva do militar de certa forma imbuído das idéias de manutenção e administração do império inglês naquele continente. No primeiro capítulo, foi possível perceber como as descrições das populações sob regra portuguesa e inglesa apresentavam-se de maneira diferente, em parte em razão do projeto colonial sustentado pelo autor. Ainda neste relato sobre a Índia, notou-se, no momento da descrição dos habitantes das “montanhas azuis” indianas, no qual a questão do império não estava diretamente colocada, uma certa idealização do *selvagem*, na qual transpareceram idéias tais quais a crença numa origem única da humanidade, de uma “idade do ouro” que se mantinha na condição vivida por determinadas parcelas desta população, que enfim tendiam a degenerar e desaparecer a partir do contato com outras culturas supostamente superiores. Tratava-se, pois, de uma conceituação estática da população e, em certos momentos, até mesmo degeneracionista.

A segunda perspectiva a partir da qual Burton descreve a população é a do explorador e aventureiro, analisada no capítulo dois, posição em que ele se coloca para narrar os relatos realizados durante a década de 1850, a Meca, Harar e ao Lago Tanganika. Com a análise destes relatos, procurou-se mostrar as transformações na abordagem descritiva do autor como derivadas da forma do relato de aventura, e das diferentes experiências as quais ele esteve submetido durante estas viagens. Foi possível perceber, então, algumas transformações em seus modelos de descrição e representação: na Península Arábica, Burton continuava apresentando a população a partir de concepções

ambiguamente monogênicas e estáticas, já nas viagens para a África Oriental e Central, suas descrições tendiam a apresentar os povos *selvagens* como cada vez mais determinados por suas características raciais, com suas possibilidades limitadas, de certa maneira, pelo seu pertencimento à uma *raça* específica, ao mesmo tempo em que cedia espaço para interpretações de cunho evolucionista.

Neste terceiro capítulo, serão analisados dois relatos nos quais está colocada uma terceira perspectiva por meio da qual o autor observa e descreve suas viagens: trata-se dos relatos sobre a África Ocidental e sobre o Brasil¹⁶⁸. Esta nova perspectiva, que conforma de certa maneira as possibilidades de sua experiência nas regiões pelas quais viajou, deriva de sua posição consular, como representante oficial da coroa britânica. O objetivo deste capítulo é, então, notar como interagem as concepções de Burton no que diz respeito à ação inglesa nas regiões periféricas com o resultado das observações derivadas do tipo de contato ao qual o autor esteve submetido nestas viagens, tendo como parâmetros de comparação os modelos de descrição populacional que se construíram ao longo de seus relatos anteriores.

¹⁶⁸ Burton, Richard. *Wanderings in West Africa*. New York, Dover publications, 1991, mencionado de agora em diante apenas como *West Africa*, e *Explorations of the Highlands of Brazil; with a full account of the gold and diamond mines; also, canoeing down 1500 miles of the great river San Francisco, from Sabará to the sea*. London, Tinsley Brothers, 1869, mencionado de agora em diante simplesmente como *Highlands of Brazil*.

3.1 A Viagem para Fernando Pó.

Em abril de 1859 terminava a mais longa viagem de aventura de Richard Burton. Com a saúde ainda bastante debilitada, Burton permaneceu em Áden por cerca de um mês antes de retornar à Inglaterra. Speke, por sua vez, partiu imediatamente para a Europa, prometendo a Burton esperar sua chegada para que ambos apresentassem o relato da viagem para a *Royal Geographical Society*, que havia financiado a expedição. Entretanto, Speke não cumpriu sua promessa, e assim que chegou a Londres tomou para si quase todos os méritos da grande viagem africana, reduzindo Burton a um papel de coadjuvante na maior parte dos acontecimentos. Quando este último chegou à Europa, teve início um longo e acalorado debate sobre as circunstâncias da viagem, e sobre a questão da origem do Nilo, que havia sido um dos motivos principais da expedição. Ao que parece, a imagem de Burton saiu bastante desgastada destes episódios, tendo Speke conseguido novo financiamento para uma segunda expedição com intuito de estabelecer definitivamente a questão.¹⁶⁹

Em janeiro de 1861, após uma breve viagem para a América do Norte, Burton casou-se com Isabel Arundell, e sete meses depois, em agosto, partiu para tomar posse de seu posto de Cônsul em Fernando Pó, conseguido, segundo Rice, graças a infatigável insistência de sua mulher com pessoas importantes e altos funcionários da Coroa.¹⁷⁰ Neste mesmo ano, a Coroa exonerou-o de seu cargo de capitão no exército.¹⁷¹

¹⁶⁹ Rice, E. op. cit., capítulos 21 e 23, pp.283 - 326 e 350 - 356.

¹⁷⁰ Idem, p. 364-5

¹⁷¹ Em 1857, após a revolta dos Cipayos na Índia, a Coroa inglesa acabou com a Companhia das Índias Orientais, e assumiu a administração dos territórios indianos, criando um vice reinado e um código de lei para a colônia. Woodward, William H. *A Short History of the Expansion of the British Empire*, Cambridge University Press, 1941. Segundo Rice, era comum anteriormente que os oficiais acumulassem cargos políticos, o que parou de acontecer depois da extinção da Companhia. Rice, E. op. cit., p.365.

Fernando Pó, para onde Burton foi indicado Cônsul, era uma ilha próxima à costa ocidental africana, sob possessão espanhola desde 1844¹⁷². Entre 1827 e 1843, a marinha britânica havia usado a localidade como base para sua frota de repressão ao tráfico negreiro na costa africana. Localizada no Golfo da Guiné, a ilha revelava-se como ponto estratégico no mapa do tráfico atlântico, em razão de que as regiões continentais próximas a esta ilha, especialmente o Reino de Daomé, eram grandes fornecedoras de braços para o comércio de escravos no Atlântico.¹⁷³

Desde 1807, a Inglaterra combatia o tráfico de escravos no Atlântico. Neste ano, o parlamento inglês aprovou a medida que considerava o tráfico ilegal sob a pressão de uma série de fatores, dentre eles, segundo J. F. Ade Ajayi e B. O. Oloruntimehin, o principal seria o *revival* religioso, associado à figura de John Wesley, que havia feito do abolicionismo uma bandeira popular na Inglaterra.¹⁷⁴

A presença da frota anti-escravista inglesa na costa ocidental africana, entretanto, não foi eficiente para a diminuição do tráfico atlântico, que só iria se reduzir significativamente após a efetiva proibição da importação de africanos no Brasil em 1850 e finalmente com a abolição da escravidão nos EUA em 63.¹⁷⁵ Foi, portanto, já nos estertores do grande tráfico de escravos que Burton partiu para assumir seu primeiro consulado.

É da viagem de navio da Inglaterra a Fernando Pó, que resultou o primeiro relato que será analisado neste capítulo, *Wanderings in West Africa*. Trata-se de uma viagem curta, com pequenas paradas em cada um dos portos do caminho, resumidas muitas vezes a

¹⁷² Atualmente a ilha chama-se Bioko, e pertence à Guiné Equatorial. A região foi possessão espanhola até 1963.

¹⁷³ Burton inclusive esteve no Daomé, em missão oficial para protestar contra rituais de sacrifício humano e contra a instituição da escravidão, em 1864. Rice, E. op. cit., p. 385.

¹⁷⁴ J. F. A. Ajanyi e B. O. Oloruntimehin, "West Africa in the Anti-slave Trade Era", in *The Cambridge History of Africa*, vol 5, John Flint Editor, Cambridge University Press, 1976. p. 207

¹⁷⁵ Idem. p. 210.

poucas horas; isto não foi obstáculo, entretanto, para que cada uma destas paradas merecesse um capítulo a parte. Desta forma, o texto está dividido justamente em capítulos que representam cada um dos portos nos quais o navio parou no caminho entre a Inglaterra e Fernando Pó. Esta rápida permanência em cada local tornou necessário que o autor construísse uma nova forma de dar crédito às suas palavras.

*“I am convinced, however, that if a sharp, well-defined outline is to be drawn, it must be immediately after arrival at a place; when the sense of contrast is still fresh upon the mind, and before the second and third have ousted the first thoughts;”*¹⁷⁶

É interessante comparar esta informação com relatos anteriores de Burton, como o da viagem para Meca, por exemplo. Lá, afirmava Burton, que apenas alguém que conhecesse profundamente a sociedade poderia descrevê-la e explicá-la; aqui, o que acontece é o inverso, são as primeiras impressões que produzem um esboço bem definido, principalmente por manter o senso de contraste, ou seja, é claramente por oposição a Europa que se define o objeto.

Em razão desta “opção” de Burton, ele nos diz que não poderemos contar com “o capítulo *normal* de costumes e maneiras da população”.¹⁷⁷ De fato, este capítulo não está presente no livro, entretanto, o relato revela-se um excelente local para que o estudioso observe, não tanto as descrições detalhadas, mas as opiniões de Burton. Seis horas no *Cape of Cocoa Palms* rendem quase sessenta páginas escritas. É com suas opiniões e juízos que Burton preenche as lacunas das descrições, e ele não se furta de comentar praticamente

¹⁷⁶ “Estou convencido, de qualquer modo, que se um esboço bem definido e perspicaz pode ser desenhado, ele deve ser feito imediatamente após a chegada em um lugar, quando o senso de contraste ainda esta fresco na mente, e antes que os segundos e terceiros tenham substituído os primeiros pensamentos”. *Wanderings in West Africa*, vol. 1, p. 21

¹⁷⁷ idem, p 21 Este tipo de capítulo apareceu em todos os seus livros de viagem analisados nesta pesquisa.

qualquer assunto que se apresentava, mesmo que para isto tivesse que entrar em confronto com algumas das políticas inglesas na África Ocidental.

E a opinião de Burton sobre este assunto não aparece em tons muito favoráveis. Ele critica a política de paz mantida pela Inglaterra, especialmente em relação às regiões da África Ocidental. Note-se que, obviamente, ele não estava se referindo ao combate ao tráfico, mas à política de relativa liberdade para com as regiões coloniais. Comparando as ações da Inglaterra e da França na região, tece o seguinte comentário:

*“She [France] show her force, and impresses the natives before proceeding to treat [...] this warlike imperial colonial policy contrasts strongly with our Quaker like peacefulness; about Gambia the natives have sneeringly declared that they will submit to the French, who are men, but not to us.”*¹⁷⁸

Entretanto, apesar de julgar necessária a demonstração de força antes de começar a negociar (“*treat*”), Burton não se desvincula de uma idéia muito influente deste período na Inglaterra, a do livre mercado. De fato, esta é justamente a crítica momentânea que faz à França, pois antes de se mostrar favorável ao tipo de política colonial francesa, ele faz uma ressalva sobre a questão do comércio, na qual criticava a excessiva burocracia francesa, que gerava interferência nos assuntos comerciais. Apesar disto, afirma logo a seguir que esta interferência era transitória, e que “no tempo de Luiz XIV, o princípio da não interferência em assuntos comerciais era reconhecido, e será reconhecido novamente”¹⁷⁹

¹⁷⁸ “Ela (França) mostra sua força e impressiona os nativos antes de proceder a negociação [...] esta política imperial colonial guerreira (warlike) contrasta fortemente com nossa pacificidade semelhante aos quaker; em Gâmbia, os nativos têm desdenhosamente declarado que se submeteriam aos franceses que são homens, mas não a nós.” *West Africa*, vol. 1, p. 137.

¹⁷⁹ Idem, p. 136.

Pode parecer de certa forma estranho que Burton defenda a intervenção estatal para ampliar os domínios britânicos e, ao mesmo tempo, o liberalismo econômico nas relações comerciais com as regiões africanas; entretanto, esta contradição é apenas aparente. Em um artigo intitulado “*O Mito da Descolonização Liberal na Inglaterra Pré-Vitoriana*”, Maria Odila Dias analisa o período do início do século XIX na Inglaterra, e aponta justamente para a idéia de que a expansão imperial não era apanágio de nenhuma facção política, e que mesmo os liberais defendiam um programa expansionista, ainda que esta expansão estivesse justificada por motivos diferentes, ou seja, enquanto os conservadores justificavam e legitimavam a expansão através de uma ideologia humanitária e filantrópica, com intuito “civilizador”, os liberais enxergavam a necessidade de expansão sob uma ótica econômica, com objetivo de criar mercados e promover desenvolvimento econômico nas colônias¹⁸⁰. Como foi mencionado, Burton viajou para a África Ocidental em 1861, em plena “era do capital”, para utilizar a expressão de Hobsbawn e, neste momento, a Inglaterra procurava simultaneamente combater o tráfico escravo e desenvolver novos tipos de troca comercial, oferecendo manufaturas em troca de marfim, ouro, *palm oil*, entre outros tipos de artigos. De fato, a intenção inglesa era ampliar a zona de influência comercial metropolitana na África, e Burton estava de acordo com esta idéia. Mesmo julgando necessária a presença da ação do Estado, não se afastou da idéia de que o mercado livre era o caminho para o desenvolvimento em direção à civilização.¹⁸¹

¹⁸⁰ Dias, Maria Odila L. S., “O Mito da Descolonização Liberal na Inglaterra Pré-Vitoriana”, in *Revista de História*, volume LII, 1975.

¹⁸¹ Apesar da opinião de Burton, a política inglesa não parecia ser totalmente pacífica para com as regiões de contato, haja visto, por exemplo as anexações de Áden, em 1839 e Lagos em 1861 que, entretanto, foram efetivadas, segundo Martin Lynn, para dar sustentação a tratados de livre comércio. Lynn Martin, “British Policy, Trade, and Informal Empire in the Mid-Nineteenth Century”, in *The Oxford History of British Empire*, Andrew Porter editor, Oxford, Oxford University Press, 1999, p. 108.

Com uma linguagem tradicionalmente irônica, Burton critica o que ele chama de “ultra-filantropia” inglesa, que garantia tudo que o poeta etíope sonhara e reproduz, ou produz, um poema africano.

*“I wish de legislatur would set dis darkie free,
Oh what a happy place den the darkie world would be!
We’d have a darkie parliament,
An’ darkie code of law
An’ **darkie judges on the bench,**
Darkie barristers and aw’!”*¹⁸²

Seu alvo específico com esta crítica era a situação da colônia de Serra Leoa. Ela havia sido fundada em 1787, praticamente como um Estado autônomo, com constituição própria - embora escrita por um inglês - baseada em ideais libertários e igualitários e de autogoverno, com intenção de “espalhar os valores morais cristãos pela África”.¹⁸³ Após seguidas tentativas frustradas de fixação de colonos, a companhia faliu em 1808, e Serra Leoa tornou-se colônia inglesa, governada desde então pela metrópole. A localidade era utilizada como destino para os escravos recapturados pela marinha britânica na costa africana através de sua frota naval. Entretanto, a coroa inglesa continuou permitindo certa liberdade para os novos colonos negros, que mesmo sob a regra da metrópole, criavam suas próprias instituições e governos locais, elegiam chefes e juízes. Burton considerava caótico

¹⁸² *West Africa*, vol. 1, p. 268, grifos no original. “Eu gostaria que a legislação deixasse os negros livres/ Oh que lugar feliz então o mundo negro seria/ teríamos um parlamento negro/ um código de leis negro/ e juízes negros como magistrados/ advogados negros e tudo.” A ironia do poema aparece na grafia errada e tosca das frases, imitando provavelmente o sotaque africano.

¹⁸³ O idealizador de Serra Leoa foi Grenville Sharp, que conseguiu a licença para montar uma companhia privada para financiar a fundação da Colônia, e escreveu sua constituição. Seu objetivo era, além de “espalhar os valores morais cristãos pela África”, assentar lá parte dos negros fugidos da guerra da secessão nos EUA, e outros refugiados. As informações sobre Serra Leoa foram extraídas de Fyfe, Christofer. “Freed Slave

o estado das coisas nesta colônia, principalmente o fato de que, por vezes, causas entre europeus e africanos eram julgadas por juízes negros.¹⁸⁴ Após sugerir que a Inglaterra, com a manutenção da colônia e da frota de combate ao tráfico escravo, estava tentando espiar seus próprios pecados pela participação em décadas anteriores nesta empresa comercial, ele jocosamente afirma que “eu nem por um momento lamento nossa filantropia, *mesmo com sua terrível perda de dinheiro e ouro*”, e, enfim, propõe uma nova forma de administração da colônia de Serra Leoa, baseada no trabalho forçado de sete anos para escravos recapturados e na implantação de tribunais coordenados e julgados por ingleses¹⁸⁵

A contradição aparente entre liberalismo econômico e intervencionismo político no posicionamento de Burton em relação à ação inglesa na África Ocidental resolve-se também na conceituação do africano neste relato. Como se verá, o negro, embora muito inferiorizado, aparece caracterizado como capaz de galgar alguns passos em direção a um processo civilizador, mas somente sob a tutela européia.

Apesar disto, o relato sobre a viagem da Inglaterra a Fernando Pó parece ser o momento mais radicalmente negativo da opinião pessoal de Burton com relação aos negros. É neste momento que as atitudes pessoais do autor para com o africano assumem suas formas mais rudes. Refere-se ele numa passagem do citado relato, por exemplo, a dois negros que estavam no navio, um missionário e um lojista jamaicano como “gorila ou elo perdido”, e “cascavel”, respectivamente.¹⁸⁶ Ele revolta-se ao se ver obrigado a comer ao lado destes negros no navio, cujo nome, um tanto irônico neste contexto, era *Blackland* e não *Blackbird* como informa Rice em sua biografia. Nas palavras de Burton:

Colonies in West Africa”, in *The Cambridge History of Africa*, vol 5, John Flint Editor, Cambridge University Press, 1976. pp. 170 a 199.

¹⁸⁴ *West Africa*, vol. 1, p. 264 em diante.

¹⁸⁵ Idem, pp. 268 - 273.

¹⁸⁶ *West Africa*, vol. 1, p. 207.

*“It is a political as well a social mistake to permit these men to dine in the main cabin, which they will end by monopolizing: a ruling race cannot be too particular about these small matters. The white man position is rendered far more precarious on the coast than it might be if the black man were always kept in his proper place.”*¹⁸⁷

A esta conotação extremamente negativa do negro soma-se o fato de que o tipo de viagem da qual resulta este relato - naval, muito rápida (durou cerca de três semanas), sem tempo para observações detidas - não contribui para a constituição de descrições muito detalhadas. Um dos resultados desta equação é a diferença no que diz respeito às descrições dos indivíduos com relação aos relatos observados no capítulo anterior, qual seja, neste texto não encontram-se tais passagens.

Deriva também, em parte, destas condições, o fato de ser este o único livro dentre os que são abordados nesta pesquisa no qual Burton coloca abertamente sua opinião como sendo pessoal. Este relato não representa um esforço na busca da exatidão descritiva, mas sim uma exposição das impressões pessoais da viagem. Não poderia ser diferente dado o pequeno tempo gasto em cada uma das paradas. Há momentos em que o texto parece narrado de dentro de um carro, e as impressões como se fossem vistas da janela do veículo em movimento. O autor explica já no prefácio que

¹⁸⁷ “É um erro tanto político quanto social permitir que estes homens jantem na cabina principal, a qual eles acabarão por monopolizar: uma raça governante não pode ser tão condescendente sobre estes pequenos assuntos. A posição dos homens brancos torna-se muito mais precária na costa do que poderia ser, se o homem preto fosse sempre mantido no seu devido lugar”. *West Africa*, vol. 1, p. 211 .

“To relieve the dryness of details I have not hesitated to indulge in such reflections as the subject suggested, and to sketch the types, not the individualities, of fellow travellers.”¹⁸⁸

Não se poderia esperar, portanto, descrições detalhadas e rebuscadas. O que acontece neste relato é a comparação de certos elementos de outros livros com a opinião pessoal do autor. Uma vez que não dispunha de tempo para exercitar suas observações detidas e traduzí-las em descrições minuciosas, Burton contenta-se em comparar suas breves observações com textos anteriormente produzidos sobre as regiões pelas quais passava, emitindo sua opinião para corroborar ou negar as informações destes textos.

Pode-se notar de forma relativamente clara a maneira pela qual se constrói boa parte do texto na passagem que discute a abrangência territorial dos Guanche, antigos e, já então extintos, habitantes de Tenerife.

“The term Guanches is applied by the uninitiated, the Rev. Thos. Dubary (Notes of a residence in the Canary Islands, etc. London: 1851), Dr. Prichard (Researches into the physical History of Mankind, book 3, chap.2, etc.) included, to the natives of all the Canary Islands. The earliest and most correct writers limit it to the people of Tenerife.”¹⁸⁹

Como se nota, o autor recorre a outros escritos, para lhes negar ou conferir veracidade. Enquanto Prichard e Dubary estavam errados, outros mais antigos estavam certos. Burton retoma também a etimologia do nome para afirmar que os Guanches eram

¹⁸⁸ “Para compensar a escassez de detalhes eu não hesitei em entregar-me a reflexões assim que o assunto sugeria, e a descrever o tipo, e não as individualidades, dos companheiros viajantes”. *West Africa*, prefácio.

¹⁸⁹ O termo Guanche é aplicado pelos não iniciados, o Rev. Thos Dubary [...] e Dr. Prichard [...] inclusos, aos nativos de todas as ilhas Canárias. Os escritores mais antigos e mais corretos limitam-lhe ao povo de Tenerife”. *West Africa*, vol.1, p. 115.

habitantes apenas de Tenerife. E sua explicação para esta afirmação está baseada, em grande parte, em relatos de viajantes que atestaram que as línguas faladas nas diferentes ilhas eram praticamente ininteligíveis para os outros povos.¹⁹⁰

A discussão de Burton sobre os Guanche, além de servir para demonstrar como está construído o texto, com constantes referências a outros autores, permite pensar também sobre as concepções do autor sobre o desenvolvimento e evolução, através da discussão que esboça com outros autores que se debruçaram sobre a questão da origem da linguagem Guanche.

Burton supõe que, pela semelhança nas formações do feminino e nos nomes dos numerais, a linguagem desta população era uma variação da grande família semítica, ao mesmo tempo em que assume a hipótese da existência de uma grande família lingüística indo-européia. Burton estava discutindo, nestas passagens, com um lingüista português chamado Costa de Macedo, “secretário perpétuo da Real Academia de Ciências de Lisboa”, que discordava da idéia de que a simples semelhança entre os nomes dos numerais em diferentes línguas poderia atestar que estas línguas eram parentes, pois se assim fosse, “o alemão e o português” pertenceriam à mesma família. Burton responde a estas ponderações da seguinte maneira:

“Did the learned secretary forget that Portuguese and German are the same in origin, - cousins german (sic), both branches of the great Indo European family.”¹⁹¹

¹⁹⁰ Idem, Ibidem.

¹⁹¹ “Esqueceu o erudito português que os portugueses e alemães têm a mesmo origem – primos germânicos, ambos ramos da grande família indo – européia”. *West Africa*, vol. 1, p. 116.

O problema era, agora, explicar por que línguas da mesma família e aparentemente sem contato com outras línguas puderam se diferenciar a ponto de tornarem-se ininteligíveis entre si. A proposição de Burton é a seguinte:

*“I differ also toto coelo from the author who asserts that
“Languages do not change their physiognomy, and are not corrupted
except by the contact with other languages and by the augmentation of
the wants and commerce of the people who use them”. The manifold
dialects of Upper Hindostan, all descended palpably from one stock, and
the confusion of tongues in East Africa, prove how powerful is isolation
and total want of communication in modifying man’s speech.”*¹⁹²

Pode-se notar nesta passagem talvez um primeiro eco darwiniano, pois o próprio isolamento prolongado é um poderoso elemento modificador da linguagem, assim como o é em relação à espécie para Darwin. De qualquer forma, pode-se afirmar com certa segurança que Burton conhecia o livro de Darwin, *A Origem das Espécies*, lançado dois anos antes de sua viagem para Fernando Pó, enquanto ainda estava na África Oriental. Aparecem neste relato termos como “seleção das espécies”, como quando fala do já citado negro missionário que estava no navio que “reconhece em seu próprio caso uma *seleção de espécies* e não vê final nos séculos antes que exista uma nação [africana] igual a ele mesmo”.¹⁹³

¹⁹² “Eu discordo também, *toto coelo* do autor [Costa de Macedo] que garante que as ‘línguas não mudam sua fisionomia, e não se corrompem exceto pelo contato com outras linguagens e por um aumento das necessidades e do comércio das pessoas que as utilizam’. Os muitos dialetos do Indostão superior, todos palpavelmente descendentes de uma única linhagem, e a confusão de línguas na África Oriental, provam quão poderoso é o isolamento e a total ausência de comunicação na transformação da fala do homem (*Man speech*)”. Idem, *ibidem*.

¹⁹³ *West Africa*, vol. 1, p. 210. Itálicos meus

Mesmo assim, a diferença entre europeus e africanos nunca foi tão grande para Burton como aqui. Os africanos estão acima somente dos aborígenes australianos na escala intelectual das raças; a passagem seguinte é significativa para exemplificar a opinião do autor neste momento.

*“From humbling aspiring to be owned as a man, our black friend now boldly advances his claims to égalité and fraternité, as if there could be brotherhood between the crown and the clown! The being who ‘invents nothing, originates nothing, improves nothing, who can only cook, nurse and fiddle;’ who has neither energy nor industry, save in rare cases that proves the rule! – the self constituted thrall, that delights in subjection to and imitation of superior races.”*¹⁹⁴

Tem-se então uma questão colocada aqui; como pode se explicar uma diferença tão grande entre as raças existentes?

A unidade da criação bíblica já não parece explicação totalmente aceitável. Como se viu, anteriormente, Burton ao menos julgava importante para dar crédito às suas classificações populacionais o próprio livro do Gênesis, e muitas vezes tratava como verdade o texto do relato bíblico, como em sua descrição da população da Península Arábica em seu relato sobre a viagem para Meca, onde dizia que sua classificação concordava igualmente bem com “a genealogia do Gênesis, a tradição do país e os modernos fisiologistas”.¹⁹⁵ Neste relato, como se verá, as alusões à Bíblia são relativamente

¹⁹⁴ “Da humilde aspiração de ser considerado como homem, nosso amigo preto agora corajosamente avança em seus objetivos de *égalité* and *fraternité*, como se pudesse haver igualdade entre a coroa e o palhaço! O ser que ‘não inventa nada, que não origina nada, que não melhora nada, que é capaz somente de cozinhar, cuidar e trapacear;’ que não tem nem energia nem indústria, salvo em raros casos que provam a regra! o escravo auto constituído, que se delicia na sujeição à e na imitação das raças superiores.” *West Africa*, vol. 1, p. 175.

¹⁹⁵ veja-se citação anterior à nota 119 desta dissertação.

sarcásticas e, de certa maneira, ela aparece desprovida do crédito antes conferido ao seu relato¹⁹⁶.

Pode-se avaliar um pouco mais as impressões momentâneas de Burton neste livro nas passagens onde aparecem de forma mais sistemática as suas concepções raciais, ou seja, no momento em que faz algumas “considerações antropológicas” sobre a população de toda a África, reduzida então a apenas duas grandes *raças*: significativamente divididas em *Nobre e Ignóbil*.

A *raça* nobre é caracterizada como norte africana, uma população semitizada por migrações árabes anteriores ao século X da era cristã, na qual a influência positiva de uma religião monoteísta como a islâmica e do sangue semita faz-se sentir ao longo dos séculos. Mesmo na aparência, esta *raça* aparece desenhada em tons não tão negativos, chegando Burton a dizer que no Sudão, “há uma classe de negros-brancos, *i.e.*, [...], com um tipo de expressão inteligente e quase grega, muito barbados e robustos, de fato um povo ‘preto mas agradável’”.¹⁹⁷

A crítica à poligamia e à escravidão, costumes comuns a populações muçulmanas, como características de ausência de civilização, é combatida pela comparação com costumes presentes entre as populações não-islâmicas da África de então, ou seja, o infanticídio, o canibalismo, e o fetichismo, entre outros. Após haver atacado vários críticos do Islã na África, principalmente na figura de missionários cristãos, Burton afirma que:

“In opposition to all such assertions, I would record my sincere conviction that El Islam has wrought immense good in Africa.

¹⁹⁶ Numa citação subsequente, ver-se-á como Burton considera “fábula” o episódio da maldição da descendência de Ham. Dizendo que “Não é de maravilhar-se que os caucasianos ensinam a si mesmos, por uma *fábula*, a acreditar que esta raça foi amaldiçoada para ser os serventes dos serventes”, ver nota 200.

¹⁹⁷ *West Africa*, vol. 1, p. 177.

*That it taught the African to make that first step in moral progress,
which costs so much to barbarous nature.”*¹⁹⁸

O que aparece nestas passagens é a clara influência para Burton de dois elementos numa possível evolução em direção a instituições e costumes *civilizados*, ou seja, tanto a miscigenação biológica, pelo advento da migração populacional árabe, que teria ocorrido a cerca de há mil anos, bem como a disseminação de uma religião monoteísta, que era, para Burton, claramente superior às tradições fetichistas de grande parte dos africanos, apesar de comportar costumes tais como a poligamia e a escravidão.

Já a *raça ignóbil*, ou “*pure breed*”, composta, segundo Burton, por aborígenes, era qualificada como “excepcionalmente degradada na Guiné, e melhorando enquanto caminha-se em direção ao sul e se mistura com os Kafir, que devem ser um povo de sangue misturado”¹⁹⁹ – teriam sido estes aborígenes criados em separado na África? Sua apresentação é a mais desqualificadora possível, tanto física quanto moralmente.

“In his lowest organization he is a prognathous, and dolico-kephalic (sic), with retreating forehead, more scalp than face; calfless, cucumber-skinned, lark-heeled, with large broad and flat feet; his smell is rank, his hair crisp and curly, and his pile like peppercorns. His intellect weak, morale deficient, amiability strong, temperament enduring, destructiveness highly developed, and sensibility to pain comparatively blunt. It is not wonderful that the Caucasian man taught

¹⁹⁸ “Em oposição a todas estas asserções, eu devo deixar marcada minha sincera convicção de que o Islã forjou um bem imenso na África; que ensinou aos africanos a dar aquele primeiro passo no progresso moral, o qual custa muito para a natureza bárbara.” *West Africa*, vol. 1, p. 180.

¹⁹⁹ *West Africa*, vol.1, p. 177

*himself by a fabliau to believe that this race had been cursed to be the
“servants of the servants”.*²⁰⁰

A despeito da ironia afiada e da espécie de humor sarcástico que aparecem nestas descrições, é relativamente claro que a posição do negro “ignóbil” não é de nenhuma maneira favorável na conceituação de Burton. Entretanto, nem tudo parece perdido para os africanos. Durante sua estada em Serra Leoa, o autor critica duramente a política da metrópole, citando a opinião expressa no jornal *Sierra Leone Weekly Times*, e concordando com ela. Segundo o editor deste jornal: “A política inglesa tem sido permitir a mentes não formadas uma liberdade de ação para escolher suas próprias idéias e princípios dentre as muitas influências opostas que os cercam, sem nenhum esforço de coerção ou direcionamento”²⁰¹. Mais à frente, surge uma passagem na qual parece claro que o autor acredita numa possibilidade de desenvolvimento dos negros em direção à civilização, ainda que devidamente tutorados pelos europeus.

*“Many who have studied the African character will bear
witness to the truth, that the African is far more innocent and natural
creature when he has never been brought within the range of civilized
life. But the fault lies not in any natural incapacity for civilization, but in
our method of imparting it.*

*We shall not be considered as decrying the African race when
we say that it is not fitted, without a guiding hand to exercise the*

²⁰⁰“Na sua mais baixa organização, ele é dolicocefálico, tem a mandíbula projetada, a testa retraída, mais escalpo que face, sem barriga da perna, com pele de pepino, calcanhar de cotovia (*lark heeled*), com pés largos amplos e chatos; seu cheiro é fétido, seu cabelo é esturricado e crespo, e seus pelos são como sementes de pimenta. Seu intelecto fraco, moral deficiente, amabilidade forte, temperamento resistente, destrutividade altamente desenvolvida, e sensibilidade à dor comparativamente pouca. Não é de maravilhar-se que os caucasianos ensinam a si mesmos por uma fábula a acreditar que esta raça foi amaldiçoada para ser os serventes dos serventes”. *West Africa*, vol. 1, p. 178.

privilege of English citizenship [...] we have only to point to this colony to obtain convincing proofs that we have merely stated a particular application of an universal law – the gradual development of the human mind.”²⁰²

É significativo que Burton considerasse que a “falta” que tornava esta população *ignóbil* menos inocente e natural quando trazida à civilização não se encontrava numa “incapacidade natural” do negro em civilizar-se, mas no método europeu de civilizá-lo, pois a possibilidade de civilização passa a ser derivada da ação européia. Além disto, a caracterização do negro desta forma, ou seja, atrasado, mas apto a evoluir sob a norma européia, resolve em parte o problema da contradição aparente entre intervencionismo político e administrativo e liberalismo comercial.

De outro ponto de vista, claramente já surge neste relato um Burton crente em alguma forma de evolução, como já se disse, há alusões à “seleção das espécies”, ao desenvolvimento positivo da população *nobre* da África do Norte, entre outros elementos que permitem esta consideração. Isto faz pensar que ao mesmo tempo em que as diferenças podem se acentuar entre as populações, a questão da origem não parece mais tão importante como elemento definidor destas diferenças quanto em outros relatos do autor. E embora se aproxime de considerações poligenistas, ele nunca se manifestou, ao menos nos textos observados aqui, categoricamente sobre esta questão; ao contrário, pode-se afirmar que

²⁰¹ *West Africa*, vol. 1, p 221.

²⁰² “Muitos que já estudaram o caráter do africano darão suporte ao testemunho da verdade, que o africano é criatura muito mais inocente e natural quando nunca foi trazido ao alcance da vida civilizada. Mas a falta não esta assentada em nenhuma incapacidade para civilização, mas no nosso método de fornecê-la. Nos não devemos ser considerados como desmerecendo a raça africana quando dizemos que ela não é apta, sem uma mão que a guie, a exercer os privilégios da cidadania inglesa[...] Mas só temos que apontar para esta colônia para obter provas convincentes que somente demonstramos uma aplicação particular de uma lei universal – o desenvolvimento gradual da mente humana.” *West Africa*, vol. 1, p. 221, negritos meus.

Burton nunca questionara a unidade humana, e ao longo do tempo, o que fez foi buscar elementos para explicar uma disparidade cada vez maior frente a seus olhos europeus.

Este livro foi lançado em 1863, mesmo ano no qual Burton presidiu a primeira reunião da *London Anthropological Society*, segundo Stocking, uma instituição com fortes tendências a idéias poligênicas. A total concordância teórica dos membros da instituição, entretanto, não existia, e muitos autores que escreveram para suas publicações eram monogenistas.²⁰³ Além disto, este autor também demonstra como, mesmo após a publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, muitos autores, embora nominalmente monogenistas, podiam pensar partindo de idéias via de regra consideradas poligênicas, argumentando, como o próprio Alfred Wallace, que a diferenciação das raças humanas havia se dado há tanto tempo que se poderia então falar que “há muitas, originalmente distintas, raças de homens”²⁰⁴

Durante sua permanência em Fernando Pó, Burton realizou muitas viagens às regiões interiores da África, e durante uma delas, em abril de 1862, recolheu material para a elaboração de um artigo intitulado “*A Day Amongst the Fans*” (Um Dia Entre os Fans), segundo Burton, uma tribo de canibais do interior do Gabão, artigo este publicado no primeiro número da revista da *London Anthropological Society*, no ano de 1863.²⁰⁵ Este texto pode fornecer indicações importantes sobre as concepções do autor neste momento.

²⁰³ Stocking, G. *Victorian Anthropology*...capítulo 7.

²⁰⁴ Stocking, G. “The Persistence of Polygenist Thought in Post Darwinian Anthropology”. In: *Race Culture and Evolution*. New York, Free Press, 1968. Alfred Russel Wallace foi um viajante inglês, nascido em 1823, que viajou pela região do Rio Amazonas entre 1847-1852, e depois, esteve no arquipélago Malaio, entre 1854-1862. Wallace era correspondente de Darwin, e segundo várias interpretações, teria influenciado a decisão deste último de publicar seu “Origem das Espécies” em razão de que desenvolvia teoria muito semelhante a dele. Suas crenças sobre o desenvolvimento do homem estavam assentadas, ao menos nominalmente, em idéias monogênicas e evolucionistas.

²⁰⁵ A versão que disponho deste texto aparece no livro *Selected Papers on Anthropology. Travel and Exploration by Sir Richard Francis Burton*, Editado por N.M. Penzer, London, A. M. Philpot LTD, 1924, pp. 92-108.

Novamente, entretanto, tratou-se de uma viagem muito curta, e a mesma evocação da importância das primeiras impressões reaparece neste artigo.²⁰⁶ Mas, neste caso, não se tratou de permanência de apenas algumas horas, mas sim de quase uma semana, e neste período foi possível para o autor observar uma gama relativamente grande de assuntos.

Logo em sua chegada, o excessivo barulho produzido pelos *fans* parece a Burton um fator positivo, pois o fato de fazer barulho, “assim como a curiosidade, é um bom sinal nos *bárbaros*. As tribos inferiores são muito apáticas para gritar com ou para observar algo, por mais estranho que seja para eles.”²⁰⁷ A seguir, após uma breve descrição da aldeia, Burton passa a descrever as pessoas, pois eram “muito mais interessantes”²⁰⁸

*“Expecting a large limbed, black-skinned and ferocious looking race, I was astonished to see a finely made, light-coloured people, of decidedly mild aspect. The features also, were sub African, many, if whitened, might pass for Europeans;[...] Their aspect however, is that of a people freshly emerged from the “bush”. Many of them point their teeth...”*²⁰⁹

Esta surpresa positiva continua por quase todo o artigo, passando pela descrição das vestimentas, dos ornamentos, da linguagem, do hábito de não se tatuar muito, entre outros. Este povo aparece como mais honesto que a maioria dos africanos: valorizam a castidade das mulheres, demonstram amor à mãe, trabalham o ferro, fazem uso da moeda,

²⁰⁶ “first impressions, however are not to be despised”. *Selected Papers*, p. 94.

²⁰⁷ *Selected Papers* p. 94. Pode-se lembrar que a curiosidade entre os *bárbaros* já apareceu como positiva em alguns momentos do relato sobre a África Central. Isto pôde ser notado nos parágrafos precedentes à nota 162 desta dissertação.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ “Esperando uma raça de aparência feroz, de pele negra e membros grandes, fiquei espantado ao ver um povo bem feito, relativamente claro, de aspecto decididamente pacífico. As feições também eram sub africanas, muitas, se branqueadas, poderiam passar por européias. [...] seu aspecto, contudo, é de um povo recém saído da mata. Muitos deles afiam os dentes...”. Idem, p. 95.

enfim, tratava-se, segundo Burton, de um povo relativamente diferenciado. É importante dizer que os elementos de comparação que Burton usa neste texto são as tribos e povos da costa ocidental africana, os quais o autor considerava especialmente degradados, em razão da proximidade com o do tráfico escravo.

A questão que se coloca é: como se explica esta avaliação positiva? Embora este artigo seja um texto relativamente curto, é possível relacionar algumas explicações para esta pergunta. Como se viu, apesar de sub-africanos, os Fans conservam a aparência de recém saídos da mata, ou seja, relativamente livres do efeito pernicioso do contato com culturas diferentes. Mas não é justamente sob a tutela européia que se pode levar os africanos em direção à civilização? A explicação é a seguinte: este povo é “mais honesto e másculo que os povos da costa em razão de que ainda não tiveram tempo de serem corrompidos, de perderem as pequenas sem adquirir as grandes virtudes”.²¹⁰ Esta é talvez uma das explicações para o tão citado estágio de semi-barbarismo, ou de semi-civilização, o qual para Burton parece inferior mesmo ao bárbaro puro.²¹¹

Ainda assim, o “caráter do Fan apresenta seu lado feroz”. Eles eram sabidamente canibais, embora Burton não tivesse presenciado nenhum rito antropofágico. Além disto, praticavam, segundo o autor, torturas selvagens contra seus prisioneiros, e “as crianças podiam ser vistas lambendo seu sangue no chão”²¹². Neste momento, Burton sai da especificidade da descrição dos Fans, e passa a considerações sobre os *selvagens* africanos em geral, questionando-se sobre o “grande desenvolvimento da destrutividade no cérebro dos africanos”, em razão da qual eles só pareciam se divertir infligindo dor e sofrimento aos

²¹⁰ Idem, p.103

²¹¹ Isto foi notado, embora em outro contexto, no relato referente à viagem para Meca.

²¹² *Selected Papers*, p. 99.

outros. A esta questão ele procura responder por meio de um exemplo, citando outro povo *selvagem* que havia estado em contato com europeus, os *Efik of old Calabarese*, ele afirma:

*“For two hundred years they have had intercourse with Europeans, who certainly would not encourage these profitless horrors, yet, no savages could show such an extent of ferocity as the six thousand wretched remnants of the race. I cannot believe this abnormal cruelty to be the mere result of uncivilization. It appears to me rather the work of an arrested development, which leaves to the man all the bloodthirstiness of the carnivore”*²¹³

Como se pode notar, Burton associa a suposta tendência à violência para com os prisioneiros e, de certa forma, o próprio canibalismo à “destrutividade altamente desenvolvida” entre os africanos, e credita esta característica a um desenvolvimento paralisado da *raça*; esta é uma forma de explicar a grande diferença que surge aos olhos de Burton entre as populações negras e brancas, ou entre as diferentes *raças* humanas, o que volta a legitimar a ação civilizadora européia a seus olhos.

Embora tenha sido possível notar que a diferença entre as populações nunca pareceu tão grande para o autor, a sua explicação parece utilizar elementos *aparentemente* contraditórios. Ao mesmo tempo em que conceitos evolucionistas estão presentes no relato sobre a viagem para a África Ocidental, também aparecem termos como “escala de criação”²¹⁴. É interessante notar que mesmo após a publicação de *A origem das espécies* em 1859, os debates entre concepções poligênicas e monogênicas não se encerrou, e muitos

²¹³ “Por duzentos anos eles tiveram contato com os europeus, os quais certamente não encorajariam estes horrores improfícuos, ainda assim, não há selvagens que mostrem tal extensão de ferocidade como os seis mil malditos remanescentes da raça. Eu não posso acreditar que esta crueldade anormal seja resultado apenas da falta de civilização. Ela me parece mais o trabalho de um desenvolvimento detido, o qual deixa para o homem toda a sede de sangue do carnívoro.” Idem, p. 100.

autores procuraram associar as duas tendências, como o próprio Alfred Wallace, em passagem já citada neste texto. A explicação de Burton parece muito com a suposição de Wallace, que sugeria que apesar de ter a humanidade se originado de um único par de seres humanos, a diferenciação das raças havia se dado há tanto tempo, que poderia se falar em “muitas, originalmente distintas, raças de homens”.

O que começa a ficar claro aqui é a noção, para Burton, de que a influência e a ação européia são os elementos necessários para que o continente negro finalmente possa evoluir, não importa se Inglaterra, França, ou qualquer outro país europeu. Lembrando, por exemplo a ocupação francesa acima do rio Benim,

*“The civilisation of the coast, or rather its redemption from a worst state than the merest savagery, can be effected only by passing into hands of Europe. Japhet must not only live in the huts of Ham; he must gird his loins for a harder task than he has ever dreamed of in the idle tents of his brother Shem.”*²¹⁵

Note-se que o autor fala em civilização, ou antes, sua redenção de uma estado “pior do que a mera selvageria”, ou seja, aquele estado no qual já haviam, portanto “perdido suas pequenas virtudes, sem adquirir as grandes”. É por volta deste período que o conceito de diferença intrínseca entre as várias populações do mundo assume talvez o maior peso para Burton. É o momento mais claro, em seus textos, da assunção da diferença como abismo de inferioridade entre as diferentes populações do mundo.

²¹⁴ *West Africa*, vol. 2, p. 24.

²¹⁵ “A civilização da costa, ou antes sua redenção de um estado pior do que a mera selvageria, só pode ser efetuado pela passagem nas mão da Europa. Jafé não deve apenas viver nas choupanas de Ham, ele deve estar pronto para uma tarefa mais dura do que ele jamais sonhou nas barracas preguiçosas de seu irmão Sem.” *West Africa*, vol.2, p. 220.

Ao final da análise deste relato, pode-se ressaltar algumas características importantes da conceituação de Burton sobre as populações não-europeias. Estas populações aparecem aqui certamente como muito inferiores, não que a superioridade europeia tivesse sido questionada pelo autor em qualquer momento de sua vida, mas é neste momento que esta diferença aparece muito ampliada, derivando ao mesmo tempo das limitações e diferenças intrínsecas de cada *raça*, e das diferenças na evolução destas ao longo do tempo.

Este arcabouço a partir do qual Burton estava pensando as diferentes populações do mundo encaixava-se precisamente na noção de que a Europa tinha como função guiar os povos menos favorecidos em direção ao progresso, idéia esta abertamente expressa pelo autor nas páginas deste relato. É através desta construção, por exemplo, que Burton procura justificar a necessidade da intervenção inglesa na colônia de Serra Leoa, e de maneira mais ampla, o direito da Europa em colonizar aquelas costas africanas tão desfavorecidas em relação à ilustrada metrópole.

3.2 O “Futuro Brilhante” do Brasil e dos Brasileiros

Burton permaneceu como Cônsul Britânico em Fernando Pó até 1865, com breves porém constantes períodos de afastamento, num dos quais, no início de 63, presidiu a reunião inaugural da *London Anthropological Society*. Em 1865, graças novamente aos esforços e amizades de Isabel, segundo Rice, conseguiu sua transferência para Santos, no Brasil. Este novo posto não parece ter agradado muito a Burton, que se refere ao período em que esteve no Brasil, entre 1865 e 68, como um “exílio”.²¹⁶

Em 1867, Burton realizou uma viagem, enquanto estava de licença de seu cargo consular, que daria origem ao segundo relato abordado neste capítulo. Este livro apresenta significativas diferenças em relação àquele sobre a África Ocidental. Enquanto aquele derivou de uma curta viagem naval, este foi resultado de uma viagem mais longa, tanto terrestre quanto fluvial, que durou cerca de cinco meses. Burton seguiu seu plano inicial de deslocar-se por terra a partir do Rio de Janeiro, viajando de carruagem, trem e lombo de mula, até atingir a província de Minas Gerais, na qual se encontrava um dos principais objetivos de sua viagem, qual seja, realizar uma análise das condições das empresas e regiões mineradoras ao redor de Ouro Preto, entre elas, uma companhia inglesa chamada “St. John d’el Rey Mining Company”, que igualmente às outras companhias mineradoras inglesas e, contraditoriamente aos ideais anti-escravistas da Inglaterra, utilizavam de mão de obra escrava para seus trabalhos.²¹⁷ Esta parte da viagem, que compõe o primeiro

²¹⁶ No prefácio de *The captivity of Hans Staden of Hesse*, traduzido para o inglês por Albert Tootal, New York, Burt Franklin publisher, p. I.

²¹⁷ Segundo Marshall Eakin, que analisa a história da companhia entre sua fundação em 1830 até a década de 1960, a firma inglesa possuía grande capacidade de adaptação às condições de produção local, especialmente quanto à utilização de escravos que, de acordo com estudo de Douglas Cole Libby eram mais rentáveis para a mineração do que o trabalhador livre, ao menos até a década de 1870. Ainda segundo Eakin, a companhia fazia pressão contra a proibição da posse de escravos para súditos ingleses datada de 1845, conseguindo

volume de sua obra no Brasil, descreve o único percurso dentre todas as viagens analisadas aqui, no qual esteve acompanhado de sua esposa Isabel.

O segundo volume é inteiramente dedicado à descrição da viagem fluvial de Sabará até o Oceano Atlântico, primeiramente pelo Rio das Velhas e depois pelo São Francisco. Com esta parte de seu relato brasileiro, Burton queria demonstrar a navegabilidade do São Francisco, ao mesmo tempo que apresentava as possibilidades de desenvolvimento das regiões pelas quais passava, prevendo que este rio seria a “grande artéria”, que escoaria as inumeráveis riquezas que futuramente seriam produzidas no Brasil.²¹⁸

O relato de Burton no Brasil foi escrito após dois anos de permanência como Cônsul, diferentemente do livro sobre a África Ocidental, que descreve a viagem na qual Burton pela primeira vez dirigia-se àquela região. De fato, Burton também nunca havia estado nas regiões que visitou no Brasil em 1867, entretanto, sua experiência na posição consular o havia colocado em contato com parte da elite brasileira, já que estivera por várias vezes no Rio de Janeiro, e mesmo com o Imperador D. Pedro II. Segundo Frank McLynn, Burton gozava de certo prestígio junto ao Imperador, que teria mesmo o convidado para dar uma aula à sua família, sobre suas viagens anteriores.²¹⁹ Ainda segundo McLynn, a razão da popularidade de Burton junto às elites cariocas derivava de sua posição

manter os escravos comprados antes desta data, e derrubando a emenda que impedia o aluguel de outros. Eakin, Marshal, *British Enterprize in Brazil*, Durham and London, Duke University Press, 1989, pp. 31 – 37.

²¹⁸ Sobre a região cortada pelo rio São Francisco, Burton afirma que iria tornar conhecida a “futura grande artéria do Império, [...] a vastidão de suas riquezas e a imensa variedade de suas produções, que abarca todas as coisas, entre sal e diamantes, que o homem pode desejar.” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 4.

²¹⁹ McLynn, Frank. *From Sierras to the Pampas*, London, Century, 1991, p. 97.

abertamente contrária à pressão inglesa para conter o tráfico escravo nos anos anteriores à sua estada no Brasil.²²⁰ Burton afirmava, já em seu relato sobre o Brasil, que

*“We still devote fifteen vessels of war, 1500 men, and nearly a million of money per annum, to support a coffin or sentimental squadron, which has ever proved powerless to prevent negro export, wherever and whenever black hands were in due demand, and whose main effect upon west africa has been to pamper Sierra Leone, that Hamitic Sodom and Gomorrah, to fill a few pockets, to act as a political machine of throwing dust into the public eyes, and greatly to increase the miseries of the slave and the misfortunes of his continent”.*²²¹

Entretanto, apesar desta séria crítica à política inglesa, o autor parece concordar com a necessidade do desenvolvimento do comércio entre Inglaterra e Brasil, o que, de fato, está de acordo tanto com as intenções inglesas quanto com o ideal de parte da elite brasileira, que buscava suporte em capitais e investimentos ingleses com objetivo de desenvolver linhas de comunicação, estradas de ferro, linhas de vapor, além de sistemas de crédito que permitissem a participação do Brasil como elemento de uma estrutura internacional de comércio.²²²

²²⁰ Em sua biografia de Burton, Mclynn afirma que Richard teria dito que “Aberdeen Bill [which abolished the Brazilian Slave trade] was one of the greatest insults wick a strong ever offered to a weak people.” Mclynn, F. op, cit., p. 79.

²²¹ “Nós ainda devotamos quinze navios de guerra, 1500 homens, e aproximadamente um milhão em dinheiro por ano, para sustentar um esquadrão sentimental ou de caixões (navios imprestáveis) que sempre se mostrou impotente para prevenir a exportação de negros, onde e quando as mãos negras tivessem demanda, e cujo principal efeito sobre a África Ocidental tem sido mimar Serra Leoa, esta Sodoma e Gomorra hamítica, encher alguns bolsos, agir como máquina política de jogar areia nos olhos públicos e grandiosamente aumentar a miséria do escravo e o infortúnio de seu continente” *Highlands of Brazil*, “Ensaio Preliminar”.

²²² Sobre o financiamento inglês à construção de estradas de ferro no Brasil durante a segunda metade do século XIX, sobre a grande predominância de produtos ingleses na balança comercial do Brasil neste período,

Segundo Hobsbawn, desde a década de 1840, parte do grande excedente de capital na Inglaterra, resultado da revolução industrial, passara a ser aplicado no financiamento de estradas de ferro nas regiões periféricas.²²³ O Brasil recebeu grande aporte de capital inglês neste período, criando uma espécie de dependência financeira para com o país europeu.²²⁴

Sem dúvida, Burton reflete, em grande parte, os interesses comerciais ingleses no Brasil, mas também se alinha com parte da elite brasileira, em especial nos assuntos relativos à escravidão e ao negro. A questão da abolição da escravidão e das consequências futuras resultantes das instituições escravistas no Brasil estava colocada com especial ênfase desde a abolição efetiva da importação de africanos em 1850. O problema de como perpetuar uma estrutura de poder tradicional, criada sobre as relações escravistas, ao mesmo tempo em que se intentava constituir a imagem do Brasil como uma nação soberana e civilizada preocupava os idealizadores do Estado brasileiro. Segundo Manoel S. Guimarães, estava em curso no Brasil, desde a independência, um processo de consolidação do Estado nacional; e foi neste processo que se viabilizou um projeto definido de como pensar a história do Brasil²²⁵. A criação do IHGB é compreendida como parte deste projeto. A busca e a construção da identidade da nação é um esforço programático do Instituto Histórico desde sua fundação.²²⁶ Ainda segundo Guimarães, o artigo de Von Martius, *Como escrever a História do Brasil*, premiado em 1847, “definiu um projeto

e sobre a criação de bancos ingleses no Brasil durante a década de 1860, ver Graham, Richard, *Grã Bretanha e o início da modernização do Brasil*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1973.

²²³ Hobsbawn, *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

²²⁴ Alguns autores utilizam-se da expressão “imperialismo informal” como o próprio Richard Graham, *Grã Bretanha...* e Maria Odila Dias, *O fardo do Homem Branco: Southey o Historiador do Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1974.

²²⁵ Guimarães, M. Salgado, “Nação e civilização nos Trópicos”. in *Estudos históricos* n° 1, 1988.

²²⁶ O IHGB surgia ligado a um saber oficial, ou representante do Imperador, pois era em grande parte financiado pelo Estado, e D Pedro II, seu presidente honorário, participou de muitas de suas reuniões a partir de 1840. Vide Schwarcz, Lília. *O Espetáculo das Raças*, São Paulo, Cia das Letras, 1993, especialmente o capítulo “Os Institutos Históricos e Geográficos: ‘os Guardiões da História Naional.’” Pp. 99 – 140.

historiográfico capaz de garantir a identidade – especificidade à nação em construção”²²⁷. Neste artigo, Martius traçou alguns caminhos que seriam seguidos pela historiografia “oficial” brasileira do século XIX, entre eles, a idéia de que a identidade nacional derivava das três raças que participaram de seu processo histórico, mas com pesos distintos: o índio, como mito potencial da nacionalidade, o branco europeu como elemento civilizador, e o negro, fadado ao desaparecimento.²²⁸

Burton compôs seu relato sobre o Brasil amplamente sobre estas premissas, do comércio livre e da presença européia como civilizadora e como parte necessária do processo histórico em direção à civilização. Entretanto, parece simultaneamente preservar outros valores importantes para as elites brasileiras em especial quanto às instituições escravistas. Burton defende a abolição, mas condicionada ao incremento da imigração européia, pois segundo ele, a imigração maciça de pobres irlandeses seria uma solução para dois problemas de uma só vez: ao mesmo tempo que desonerava a coroa britânica com a diminuição do contingente miserável da população, eliminava a questão da demanda de braços escravos no Brasil, diminuindo, portanto, a necessidade de exercer pressão sobre a escravidão. Além disto, em sua construção da população brasileira, ele colocou o negro como hierarquicamente inferior, “viável apenas como escravo” e tendente ao desaparecimento. Ilmar Matos sugere que “os fundadores e consolidadores do Império

²²⁷Guimarães, M. op. cit., p. 16.

²²⁸Guimarães, M. op. cit. Maria Helena P. T. Machado, nota que Martius “propõe uma narrativa bem organizada, na qual a manutenção da raça branca na sala de visitas da história, depende da exclusão pessimista dos negros para os cantos mais sombrios na construção senhorial. Os índios, aos quais fica sugerido o significativo lugar de símbolo da nacionalidade, deveriam ficar expostos em magníficas vitrines na sala de biblioteca”. Machado, M. H. “Um País em Busca de Moldura, o Pensamento de Couto de Magalhães, o Selvagem e os Sertões” in *Confronto de Culturas : Conquista, Resistência, Transformação*. São Paulo, Edusp, 1993 É interessante notar que embora não se encontre em seu relato sobre o Brasil praticamente nenhuma referência a populações indígenas do Brasil, a figura de capa deste mesmo livro é a representação de uma índia Tupi, o que, de fato, concorda com a idéia de que o índio era o “símbolo da nacionalidade”.

Brasileiro tinham os olhos na Europa e os pés na América...”²²⁹ : os “olhos na Europa”, pela aspiração de incluírem o Brasil entre as nações civilizadas, como Estado soberano, que acompanhara o curso das conquistas dos estados europeus e de suas instituições liberais e garantias constitucionais, e os “pés na América” pela necessidade de conferir especificidade a esta nação, que guardava em si as tradições escravistas e, conseqüentemente, precisava garantir a conservação de uma ordem hierárquica interna pelo controle do contingente populacional excluído.²³⁰

Enfim, Burton parece concordar tanto com os ideais comerciais da Inglaterra, quanto com a manutenção da estrutura de poder no Brasil e com os projetos de consolidação do Estado nacional brasileiro. Estas opiniões transparecem certamente na construção que o autor realizou sobre a população brasileira. Talvez, esta postura que concordava com os projetos dos “consolidadores do império brasileiro”, nas palavras de Mattos, se devesse ao contato com parte das elites imperiais durante os dois anos nos quais esteve no Brasil, antes de partir para a viagem que daria origem ao seu relato sobre o Brasil.

Nos tópicos seguintes, ver-se-á primeiramente como estas idéias aparecem em seu livro sobre o Brasil e, em seguida, como a população mineira aparece construída sobre estes ideais de progresso e como Burton equaciona suas concepções sobre evolução e *raça* constituídas ao longo dos relatos anteriores.

3.2.1 “Viagem aos planaltos do Brasil”

²²⁹ Mattos, Ilmar R. *O Tempo Saquarema*, São Paulo, Hucitec, 1987. Refere-se aos fundadores como “Bonifácio, D. Pedro I, Vasconcelos, Evaristo, Feijó e alguns mais,” e a consolidadores como “Nabuco de

O relato que Burton escreveu sobre o Brasil foi publicado pela primeira vez em 1869, e a preparação para a edição ficou a cargo de Isabel, que viajou com os originais para Inglaterra, enquanto o autor estava presenciando acontecimentos da Guerra do Paraguai.

Neste texto, Burton procura logo no início apresentar uma estratégia descritiva que visa conferir certa legitimidade a seu discurso, ou seja, oferece uma descrição detalhada de uma região relativamente conhecida explicando que :

“My object is partly that the thousands who well know the way thus be able to test the accuracy of my description. Books of travel, it may be remarked, depend for permanent character upon the opinion of the ‘experts’ - that is to say of those who live, or who have lived, amongst the scenes depicted ”²³¹.

Pode-se notar a importância da exatidão descritiva para o autor, ao mesmo tempo em que implicitamente critica relatos de quem desconhece a região. Esta legitimação de sua precisão baseia-se em razões bastante diferentes do que a “importância das primeiras impressões”, nas quais ele apoia-se no relato analisado anteriormente. Além disto, no livro sobre o Brasil estão presentes comparações ou lembranças de outras regiões as quais ele já havia viajado e, desta maneira, a autoridade de seu discurso está assentada em duas características : de um lado, é uma descrição detalhada, de alguém que busca a exatidão como se pode notar na passagem citada acima e, de outro, que tem elementos para compará-la e analisá-la em relação a outros lugares. Referências a outras regiões são muito

Araújo, Saraiva, Zacarias, Cotegipe, Paraná, Rio Branco, Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José de Alencar, Varnhagen, Vitor Meireles e outros”.

²³⁰ Mattos, I. op. cit., especialmente “Um império e três mundos”, pp. 109 - 129.

²³¹ Meu objetivo é parcialmente que aqueles milhares que já conhecem bem o caminho sejam então capazes de testar a precisão de minha descrição. Livros de viagem, deve ser lembrado, dependem para que sejam permanentes, da opinião dos “experts” – significa dizer, daqueles que vivem, ou viveram, entre as cenas

freqüentes; como exemplo, ele compara a paisagem da viagem entre o Rio de Janeiro e Juiz de Fora com a “natureza da África equatorial e das planícies do Indostão”, ou quando vê as cabras no começo de sua viagem para Juiz de Fora e lembra-se da África. O mesmo acontece quando trata das casas de cupins, que lhe lembra a Somália e regiões da Índia. Mais do que comparações instrumentais, com sentido de clarear a descrição para os europeus, esta estratégia parece muito mais ter uma função de legitimar a autoridade do autor, pois as comparações são majoritariamente com outras regiões extra-européias - embora as comparações com a Europa também estejam presentes - desconhecidas da grande maioria de seus leitores, a não ser através de outros textos.²³²

O resultado textual desta intenção auto-proposta de realizar descrições detalhadas e extensivas comparações com outras regiões é bastante confuso. A grande quantidade de temas abordados, e a narrativa estruturada a partir do deslocamento espacial faz com que muitos assuntos misturem-se, unicamente por referirem-se à problemas de um mesmo lugar. Observe-se este parágrafo:

*“ The capela de Mattias Barbosa, a hill chapel on the right, announces Mattias Station, umquwhile, Registro Velho. It was in colonial days the principal “Contagem”, where the toll was taken, and even in 1801, the dues were called “quintos” (Royal), Fifths (of gold)[...] Here, for sometime lived my friend Dr. G..... whose successful practice in treating psora deserves notice. The patient when a slave, was rolled in mud, and solemnly sundried into the necessity of bathing...”*²³³

descritas. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 30. A região descrita em tantos detalhes por Burton é a estrada União Indústria, que ligava o Rio à Petrópolis.

²³² As referências citadas neste parágrafo encontram-se nas páginas 36 e 59 do primeiro volume de seu relato.

²³³ “A capela de Matias Barbosa, uma capela no monte à direita, anuncia a estação Matias, antigamente, Registro Velho. Era nos tempos coloniais, a principal “contagem”, onde as taxas eram pagas, e ainda no ano

Assim, pode-se observar num mesmo parágrafo, uma informação sobre a cobrança do quinto e uma descrição da forma do tratamento da sarna unicamente por se tratar de assuntos relativos àquele lugar, o quinto, pela existência de uma antiga “contagem”, e o tratamento da sarna, em razão de lembrar-lhe seu amigo que lá morou.

Há, no entanto, um motivo que transparece ao longo dos dois volumes: trata-se da representação do Brasil como uma nação do futuro com amplas possibilidades de desenvolvimento, e parceiro comercial de crescente importância para a Inglaterra. A representação resultante desta motivação implica no fato de que Burton credita à má administração inglesa, e não a condições inerentes ao Brasil e aos brasileiros, o fracasso de boa parte dos empreendimentos ingleses, especialmente na área da mineração. As condições para que o capital porventura aplicado no Brasil produza dividendos compensadores eram duas: de um lado, as condições naturais do país e, de outro, o gerenciamento adequado dos investimentos. A primeira condição, segundo Burton, era seguramente propícia; os insucessos seriam pois resultado apenas da falta de planejamento adequado.²³⁴

A idéia do desenvolvimento futuro do Brasil está presente durante todo o relato. Já no “Ensaio Preliminar”, Burton afirma que seu plano era visitar a futura “grande artéria” do Império e tornar conhecida “a vastidão de suas riquezas e a imensa variedade de suas produções, que abarca todas as coisas, entre sal e diamantes, que o homem pode desejar”²³⁵, referindo-se à segunda parte de sua viagem, na qual desce de canoa um pedaço do rio das Velhas e todo o Rio São Francisco. Tudo o que precisava ser feito para que este futuro

de 1801, os impostos eram chamados “quintos”.[...] Aqui, por algum tempo, morou meu amigo Dr. G... cuja prática de sucesso no tratamento da sarna é digna de menção,. O paciente quando escravo, rolava no barro, e então solenemente advertido sobre a necessidade do banho...”*Highlands of Brazil*, vol. 1, p 45.

²³⁴ *Highlands of Brazil*, ensaio preliminar e capítulo “Notas sobre a mineração em Minas Gerais”.

²³⁵ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 4.

profícuo se tornasse realidade, era o desenvolvimento de linhas de comunicação e comércio.

Neste texto, a própria concepção de civilização para o autor aparece diretamente ligada ao comércio e à comunicação, por via de estradas de ferro e linhas de navegação fluvial. Segundo ele, as suas páginas iriam mostrar como “neste Império, que está para ser tão grande e magnificante, a comunicação significa civilização, prosperidade, progresso – tudo”²³⁶. Esta idéia concordava com uma parcela da elite intelectual brasileira que tomava corpo na metade do século XIX, que estava preocupada com a “modernização” do estado brasileiro e com sua unidade e integração. Segundo Maria Helena Machado, esta modernização implicava numa questão fundamental, qual seja, a “constituição de uma infra-estrutura de transporte, principalmente de estradas de ferro e de companhias de navegação a vapor...”, com intuito de integrar e manter a unidade do território nacional e criar condições para seu desenvolvimento. De acordo com Machado : “A partir da segunda metade do XIX, e sobretudo na década de 1870, a questão da premência do estabelecimento de uma infra-estrutura de transporte integradora e a questão da modernização do sertão, [...]com a absorção do seu habitante às atividades comerciais úteis e lucrativas, vai monopolizar a atenção de uma importante parcela das elites nacionais.”²³⁷

Burton, ao que tudo indica, não estava aparentemente tão preocupado com a integração do habitante nacional ao processo produtivo, que estava associado para ele à

²³⁶ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 59. Na verdade, trata-se neste texto de uma grande apologia ao desenvolvimento das linhas de comunicação, como se pode notar na epígrafe do capítulo 10 “de Barroso à S. J. d’El Rey”. Citando Macaulay, o texto diz: “De todas as invenções, excetuando-se apenas o alfabeto e a imprensa, aquelas invenções que diminuem as distâncias são as que mais têm feito para a civilização de nossa espécie”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 107.

²³⁷ Machado, Maria Helena P. T., “O Olhar Imperial Sobre a América”, in *História : Fronteiras*. Humanitas, 1999, p. 443. Segundo Maria Helena, “duas inserções se fazem presentes” nesta parcela da elite brasileira, uma delas derivada da Academia de Direito de São Paulo, de cunho liberal e nacionalista, e outra, advinda dos

imigração estrangeira; entretanto, o desenvolvimento dos meios de transporte era certamente um de seus temas mais importantes. Talvez a passagem mais significativa em que aparecem associadas as idéias de progresso e desenvolvimento com a constituição de vias de comunicação e transporte esteja explicitada neste longo porém importante parágrafo:

*“Of undefinable interest is the first sight of a newly born stream in these new lands, suggestive as the sight of an infant, with the difference that the source must go to the riverhood, whereas the child may never become a man. A panorama passes before the eyes. The little stream so modestly purling down its channel shall presently become a mountain torrent with linns and kieves and cataracts and inundations that sweep all before them. Then will it widen to a majestic river, watering acres untold, its banks clothed with croft and glade with field and forest, and supporting the lowly hamlet and the mighty city. Last in the far distance spreads the mouth and looms the port, busy with shipping, the link in the chain of communication which makes all nations brothers, and which must civilize if it has not civilized mankind.”*²³⁸

É realmente significativo, pois a fonte *deve* atingir a maturidade como um rio, e o rio na sua ligação com o mar perfaz o elo que une as nações, que as faz irmãs e civiliza a

quadros militares, especialmente após a Guerra do Paraguai, bastante preocupada com a manutenção da unidade e incentivo ao desenvolvimento do território nacional.

²³⁸ “De interesse indefinível é a primeira vista de um recém nascido riacho nestas novas terras, sugestiva como a vista de uma criança, com a diferença que a fonte deve crescer até atingir a maturidade de um rio (riverhood), enquanto a criança pode nunca se tornar um homem. Um panorama passa ante os olhos. O pequeno riacho descendo em seu canal irá presentemente tornar-se uma torrente de montanha com suas cataratas e inundações varrendo tudo a sua frente. Então, irá ampliar-se num rio majestoso, irrigando acres inestimáveis, suas margens vestidas de chácaras e clareiras, com campos e florestas e sustentando lugarejos e grandes cidades. Finalmente expande sua foz e aproxima-se do porto, ocupado com a atividade dos navios, o

humanidade. O caminho em direção ao progresso é tão certo quanto o fato de que uma pequena fonte nascida nas montanhas virará um rio. É inevitável, e é em direção ao comércio. Não parece coincidência o fato de Burton ter escolhido o rio para sugerir tal metáfora, a intenção de sua viagem era também demonstrar a navegabilidade do Rio São Francisco, e com isto aproximar as regiões interiores do oceano e da Europa. O progresso, assim como o rio, *varre* tudo à sua frente, e necessariamente civiliza. O desenvolvimento da humanidade tem um sentido definido, assim como o rio corre para o mar; e seu caminho é em direção ao progresso, cuja personificação é a grande atividade comercial, e cuja condição de realização é apenas a existência de comunicação. Mas restava ainda um obstáculo que bloqueava este caminho teleológico, era preciso que houvesse produção, e para isto, era preciso que houvesse uma população que produzisse. Talvez fosse esta a criança que poderia não se tornar um homem, ainda que a fonte necessariamente se tornaria um rio. A questão que se coloca, então, é observar como Burton resolve este problema, ou seja, qual é a população que ele apresenta em seu relato e, principalmente, qual seu destino.

Como já se notou, concepções de cunho evolucionistas começaram a aparecer já em seu relato para a África Central, e acentuaram-se em seu livro sobre a viagem para a África Ocidental. Antes disto, entretanto, Burton manjava dentro de outras premissas, ou seja, podia pensar em populações que não evoluíam, e se mantinham numa espécie de idade do ouro, como no caso dos beduínos, por exemplo, ou até mesmo em linhas gerais num sentido degeneracionista.²³⁹

elo na corrente de comunicação que faz todas as nações irmãs e que deve civilizar, se ainda não civilizou a humanidade.” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 177.

²³⁹ De fato, Nancy Stepan sugere que até a década de 50 do século XIX, “tradicionalmente, a degeneração do homem de um estágio originário de civilização era visto como tão provável como seu avanço progressivo”. *The idea of Race in Science*. Oxford, MacMillan, 1987, p. 56.

Comumente, costuma-se pensar em termos de um antagonismo entre poligenismo e monogenismo, sendo que o primeiro aparece associado a conceitos como a fixidez do tipo racial, a análises da antropologia física, à subordinação da cultura à raça, entre outros, enquanto o segundo associa-se à etnologia, à diferenciação ao longo do tempo devido a fatores externos, como o clima, e logo a concepções evolucionistas. Estas divisões, entretanto, não parecem resolver a questão do pensamento sobre o desenvolvimento do homem e da civilização ao longo do século XIX. Como já se viu, mesmo após a publicação de *A Origem das Espécies* de Darwin, em 1859, é inegável a permanência de certas tendências associadas a concepções poligenistas; de fato, a década de 1870 representa o auge da antropologia física européia. A frenologia, que submete o desenvolvimento cultural a características formais do crânio e do cérebro continuaria influente até o começo do século XX. A crítica à miscigenação racial como elemento que causa degeneração da espécie, que também aparece ligada a idéias poligenistas, ainda exerceria influência nas últimas décadas do século XIX, e mesmo após estes anos.²⁴⁰

As descrições populacionais de Burton desafiam as tentativas de transformar estas oposições em blocos rígidos e impermeáveis. Como foi possível notar, enquanto manjava dentro de padrões passíveis de aproximação com idéias monogenistas, podia pensar ao mesmo tempo em termos degeneracionistas, como nos dois primeiros relatos apresentados nesta dissertação. Quando a partir do final da década de 50 começam a surgir tendências que sugerem um pensamento evolucionista nos textos do autor, simultaneamente aparecem indicações que o ligam a idéias poligênicas. O fato de seus relatos não se caracterizarem como trabalhos científicos contribui para esta *aparente* ausência de coerência e, de fato, ele

²⁴⁰ Stocking, G. *The Persistence of Polygenist Thought in Post Darwinian Anthropology*. Gould, S. J. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo, Martins Fontes, 1999 e Stepan, Nancy. op. cit.

utilizou-se livremente de diferentes aspectos destas concepções teóricas para conseguir traduzir suas opiniões e seus projetos, suas experiências e suas observações nas regiões pelas quais viajou. No Brasil, não foi diferente, embora assine a dedicatória do livro como “ex-presidente da *London Anthropological Society*”, o que claramente o coloca mais próximo das principais correntes poligenistas européias²⁴¹, é possível perceber referências diretas a noções tais como *aclimação* que destoam da posição explicitamente assumida pelo autor²⁴².

É, pois, momento de observar como estão construídas as suas descrições populacionais no relato sobre a viagem pelo Brasil.

3.2.2 Interpretação sobre o destino da população brasileira:

Como já se pôde notar, Burton tinha como praticamente inevitável o desenvolvimento do Brasil em direção ao progresso; entretanto, era preciso resolver um problema que se colocava para que esta evolução tivesse lugar, qual seja, a grande parcela da população que era composta por negros e mestiços. Uma das primeiras impressões de quase todos os viajantes que estiveram no Brasil durante o século XIX foi, invariavelmente, o assombro com a porcentagem de negros e mestiços na população.²⁴³

²⁴¹ Stocking, G. *Victorian Anthropology*, especialmente o capítulo 7 “Evolutionary Ideas and Anthropological Institutions”, e Sol Tax, *The settings of the Science of Man*, in *Horizons of Anthropology*. Chicago, Albine, 1964. Já se mencionou que Tax fala de uma “guerra dos trinta anos” entre antropologia e etnologia, uma antropologia biológica e ‘científica’ e uma etnologia histórica e ‘humanitária’.

²⁴² *Aclimação* pressupõe uma possibilidade do homem adaptar-se a um clima diferente daquele de sua região natal. Como se verá nas referências a Robert Knox no próximo tópico, alguns dos defensores mais radicais da fixidez do tipo racial acreditavam ser impossível esta adaptação, e ainda mais a transformação de caracteres físicos e morais pela ação de fatores externos.

²⁴³ Durante o desenvolvimento de minha monografia de graduação, intitulada *Viagem Entre os Textos*, apresentada no departamento de História da UNICAMP em dezembro de 1998, sob orientação de Silvia Hunold Lara, foi possível notar este assombro em textos de diversos viajantes que estiveram no Brasil, durante a segunda metade do século XIX, entre eles : Smith, Herbert H. *Do Rio de Janeiro à Cuiabá, notas de um naturalista*. São Paulo, Cia Melhoramentos de São Paulo, 1922. Lamberg, Maurício. *O Brasil*. Rio de

Esta questão resolve-se para Burton da seguinte maneira: o negro deixara de ser perfectível, não poderia conviver com a civilização. Para ele, “o negro não pode viver na presença do homem civilizado: o Brasil prova que, a menos que seja recrutada de casa, a população negra não é mais viável que o ‘índio vermelho’”. Com esta afirmação, o autor estava se referindo à constante renovação de braços derivada do tráfico.²⁴⁴ Em nota subsequente, ele constatou a predominância de mortes sobre nascimento e a constante diminuição da população negra nas colônias Inglesas nas Antilhas e em Tobago. Além disto, a própria epígrafe do capítulo no qual trata do trabalho escravo nas minas de ouro, remete à extinção do negro frente à civilização, tal qual acontecia com os índios.

*“As the Indian is killed by the approach of civilization, which he resists in vain, so the black man perishes by that culture to which he serves as an humble instrument”*²⁴⁵

Para reforçar esta idéia, ou seja, a idéia que o negro não pode conviver com a civilização, ele utiliza de um artifício, e passa a sugerir que os africanos não conseguem viver no Brasil inclusive em razão de que não são capazes de se aclimatar, segundo Burton:

*“The Negro in the Brazil is an exotic, he is out of his proper ethnic centre; it is difficult to keep him alive, as the next quarter century will prove...”*²⁴⁶

Janeiro, Tipografia Nunes, 1896. Canstatt, Oscar. *Brasil: terra e gente*. Rio de Janeiro, Conquista, 1975. Bigg Wither, Tomas P. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos*. Rio de Janeiro, José Olímpio, Curitiba, UFPR, 1974.

²⁴⁴ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 277.

²⁴⁵ “Como o índio é morto pela aproximação da civilização, a qual ele resiste em vão, assim também o homem negro perece pela cultura a qual ele serve como humilde instrumento. Epígrafe, citada de conde Oscar Reichembach. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 270.

²⁴⁶ “O negro no Brasil é um exótico, está fora de seu centro étnico apropriado; é difícil mantê-lo vivo, como o próximo quarto de século irá provar”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 242.

Na seqüência desta afirmação, aparece uma nota, na qual o autor discorda de duas proposições contrárias. Em primeiro lugar, a idéia de St. Hilaire, segundo a qual, o “negro tende a se aperfeiçoar” no Brasil e, do outro lado, a sugestão do “excêntrico e erudito Dr. Knox”, de que o negro iria expulsar os europeus do Brasil, assim como tinha feito com os franceses em São Domingos. Robert Knox foi um médico, que após servir como cirurgião do exército inglês durante o início do século XIX, esteve em Paris, onde estudou anatomia comparativa com Cuvier. Suas idéias eram fortemente assentadas sobre a crença na herança fixa dos caracteres raciais. Entre outras coisas, Knox sugeria que qualquer pretensão à colonização permanente dos trópicos pelos europeus estaria fadada ao fracasso, em razão da impossibilidade da aclimação²⁴⁷. Knox era bastante mais radical em suas asserções do que Burton, que considerava o negro “fora do lugar” no Brasil mas, em contrapartida, sugeria a possibilidade de uma aclimação dos europeus, como no momento em que sugere que, em Ouro Preto, “o clima é subtropical, e as raças do norte tem que estar aclimatadas antes que possam prosperar nele”.²⁴⁸

Estas considerações de Burton sobre a não perfectibilidade do negro e sua necessária degenerescência em razão dele estar “fora do lugar” parecem servir de explicação para que ele possa repetir a já tão propalada brandura das relações escravistas no Brasil, uma vez que a alta taxa de mortalidade dos negros poderia ser explicada por elementos climáticos e não pela violência intrínseca ao sistema escravista, entre outros fatores.²⁴⁹ De fato, a maior parte destas considerações sobre o negro aparecem em seu capítulo dedicado ao trabalhador escravo nas minas de ouro; este capítulo é justamente

²⁴⁷ Stocking, G. *Victorian Anthropology*, pp. 64-5.

²⁴⁸ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 345.

²⁴⁹ Burton repete, por exemplo, a afirmação do Príncipe Max de que “os escravos no Brasil são geralmente tratados muito docemente”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 171.

dedicado à crítica da racionalidade do trabalho escravo como mão-de-obra. A simples análise de alguns dos dados fornecidos pelo próprio autor seria suficiente para rebater a idéia da escravidão branda no Brasil.²⁵⁰

De qualquer maneira, a tendência do elemento negro no Brasil seria o desaparecimento, especialmente a partir do momento da extinção da escravidão no Brasil; para Burton, “o negro só é absolutamente necessário, na presente fase, para a agricultura, e mesmo aí, ele é meramente provisório, até que a imigração da Europa tenha estabelecido com um fluxo copioso e constante.”²⁵¹ Além disto, não era necessário se preocupar com os remanescentes livres, resultado da futura emancipação, eles tenderiam a desaparecer, como visto, pela proporção inferior da taxa de natalidade sobre a mortalidade.

Havia ainda, entretanto, um outro problema, a questão da miscigenação. A mistura para Burton, sempre foi condenável, quer seja cultural, quer biológica, e no Brasil esta idéia permanece. O mulato aparece comparado à mula, em tons não favoráveis²⁵². Fala no “resultado deplorável” da grande intimidade permitida pelos portugueses e brasileiros em relação aos africanos.²⁵³ Na primeira parte do capítulo “O Mineiro”, o autor, referindo-se à composição mestiça da população, afirma que :

²⁵⁰ Enquanto o autor cita como uma das grandes vantagens do escravo no Brasil a possibilidade de comprar a alforria, no ano anterior a sua visita às minas, haviam comprado sua alforria 16 escravos, ou seja, aproximadamente 1.1% do plantel de 1450, (*Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 277) morreram no mesmo ano 89 negros, ou aproximadamente 6.1% do plantel (p. 276). Não é o objetivo deste trabalho refletir sobre a violência intrínseca do sistema escravista, estes dados estão aqui somente para demonstrar a necessidade que Burton teve de explicar esta mortalidade, e ele o faz através das inferências sobre a inadaptabilidade do negro à nova terra. Marshall Eakin, em seu livro *British Enterprize in Brazil*, incrivelmente não trata da taxa de mortalidade negra, embora discuta a maior rentabilidade do escravo frente ao trabalhador livre durante boa parte do século XIX nesta mina, e cite Burton, por outros motivos, como uma fonte sua.

²⁵¹ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 263.

²⁵² A Mula e o mulato, juntamente com o eunuco são descritos como “ monstros amáveis que parecem encarar toda a criação com um ódio geral e indistiguível”, que nunca se afeiçoam pelo seu mestre, que são cheios de truques. Além disto, “é um erro acreditar na resistência destes brutos”, eles se revelam fracos e preguiçosos. *Highlands op Brazil*, vol. 1, p. 96.

²⁵³ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 270.

*“But when the agriculture began in the earnest the African was imported, and the servile mixture, at all times and in all places a dishonour amongst the white races, who in this point obey an unerring instinct, advanced at a rapid pace”*²⁵⁴

Embora a passagem estabeleça com clareza a crítica à miscigenação, em outros aspectos ela permanece relativamente ambígua, pois, qual seria o *instinto inequívoco* obedecido pelas *raças brancas*? Seria o que as leva a sentirem-se desonradas com a miscigenação ou um que as levaria justamente à tendência de se misturar?

Segundo George Stocking, muitos pensadores de tendências poligenistas, especialmente os americanos, acreditavam que o *instinto das raças brancas* era o de não se misturar.²⁵⁵ Desta forma, estes pensadores misturavam critérios biológicos com sociais ou psicológicos, pois a aversão à mistura teria tido origem nas crenças de que a prole mestiça era biologicamente inferior, inclusive estéril em menor ou maior grau. Ao transferir estas concepções para atitudes sociais (como a escolha do parceiro por exemplo), nas quais supostamente as diferentes raças tenderiam a não se cruzar por instinto de aversão, a transferência de critérios biológicos para o social estaria sendo feita de maneira direta.²⁵⁶ Entretanto, para o Conde de Gobineau, um grande crítico dos resultados “deploráveis” da miscigenação racial, este *instinto* originalmente avesso à mistura havia se invertido nos europeus. Segundo Poliakov em *O Mito Ariano*, o que Gobineau fez foi cristalizar concepções já bastante comuns na Europa no que diz respeito à crítica da miscigenação, com a diferença de apresentar conclusões pessimistas quanto ao futuro da humanidade em

²⁵⁴ “Mas quando a agricultura começou, cedo o africano foi importado, e a mistura servil, em todos os tempos e em todos os lugares uma desonra entre as *raças brancas*, as quais neste ponto obedecem um instinto inequívoco, avançou em ritmo acelerado”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 384.

²⁵⁵ Stocking, G. *The persistence of polygenist thought...*, op. cit., pp. 51 - 53.

²⁵⁶ Idem.

razão da inversão deste instinto. O resultado desta inversão seria desastroso, pois o produto da miscigenação era necessariamente a degeneração da humanidade.²⁵⁷

Burton, embora crítico da miscigenação não chegava a tais exageros, e sugeria mesmo que o “mulatismo no interior do Brasil”, entendido como o resultado da mistura de *raças*, era um mal necessário, pois serviria como possibilidade de aumentar o povoamento destas regiões.²⁵⁸ O autor observava então, que a sociedade mineira era muito miscigenada, na qual havia cidades onde, dentre “três e cinco mil almas”, apenas duas famílias permaneciam com o sangue puro europeu.

Se a miscigenação biológica, instintiva ou não, era avaliada negativamente, embora se mostrasse às vezes necessária, a mistura cultural também lhe parecia condenável, talvez ainda mais que a biológica. Quando Burton encontra dois ingleses que viviam em São João del Rei, sua reação é bastante indicativa deste sentimento:

*“It was pleasant to fall so unexpectedly upon these two cultivated English gentleman, [...] More pleasant still to find that their Home habits had not permitted themselves to become Brazilianized. Brazilian is good, and English is good; the mixture, as is said of others matters which shall be nameless, spoils to good things”.*²⁵⁹

²⁵⁷ Poliakov, Leon. *O Mito Ariano*, São Paulo, Perspectiva, USP, 1974, ver especialmente o capítulo “Gobineau e seus contemporâneos”. Poliakov, entretanto, faz algumas ressalvas, notando que o próprio Gobineau era menos radical do que muitos outros pensadores em seu juízo sobre o negro, pois este surgia em seu trabalho como muito diferente do macaco, e possuía o “poder universal da imaginação”, característico do ser humano.

²⁵⁸ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 384. Burton inclusive em outro momento sugere, pouco ortodoxamente, que a poligamia era uma das soluções possíveis para este problema de escassez populacional. Ao comentar que nasciam mais mulheres do que homens, perguntava “pense leitor, não é perda de material produtivo? não é lamentável ver o homem cego por seus preconceitos de educação, negligenciando então os bens que os deuses provém? vol. 1, p. 172.

²⁵⁹ “Foi agradável encontrar inesperadamente estes dois ingleses cultos [...] Mais agradável ainda verificar que seus hábitos ingleses não permitiram que se tornassem abrasileirados. Brasileiro é bom, inglês é bom; a mistura, como é dito de outras coisas que não devem ser nomeadas, estragam duas coisas boas.” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 113.

Enfim, o que fica relativamente claro é que tanto a miscigenação cultural, como a biológica aparecem como absolutamente negativas neste relato. Entretanto, mesmo em se tratando de um povo mestiço, que habitava os trópicos, o autor pôde projetar um “futuro brilhante” para o “mineiro”. Burton dedica um capítulo inteiro para a descrição das características da *raça* mineira, que como seus “ancestrais paulistas” eram representantes do “típico homem do Brasil”²⁶⁰. Este capítulo intitulado “O Mineiro”, está dividido em três seções: “O mineiro visto historicamente”, “O Homem Físico”, e “O Homem Moral”.

A primeira parte, segundo o próprio autor, é importante, pois:

*“...a mere sketch of the events which distinguished her capital will show the spirit which animated the race.”*²⁶¹

Após um realmente breve esboço, no qual o autor apresenta apenas algumas revoltas contra a cobrança extorsiva de impostos, além de rápidas menções à Inconfidência Mineira e à Independência, Burton julga ter apresentado o suficiente para afirmar que:

“...the past should warn statesman that a race so fiery must have no reasonable subject of complaint, if it be expected to remain quiet and content. Its sole grievance at present is want of postal and telegraphic communication, of roads, railways [...] and river navigation; with these improved it may confidently look to a great and glorious future”.²⁶²

²⁶⁰ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 383.

²⁶¹ “um simples esboço dos eventos que distinguiram a sua capital irá mostrar o espírito que anima a *raça*” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 385.

²⁶² “O passado deve avisar os homens de estado que uma *raça* tão ardente não deve ter nenhum motivo razoável para aborrecer-se, se é esperado que ela permaneça quieta e contente. Seu único motivo de queixa presentemente é a necessidade de comunicações postais e telegráficas, de estradas, ferrovias [...] e navegação fluvial; com isto melhorado, ela pode olhar confiante para um futuro grande e glorioso”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 388.

Ao final desta sugestão, que na verdade reitera o poder civilizador das linhas de comunicação e transporte, tem início a descrição da população mineira, que Burton considera como derivada do sangue paulista, que por sua vez tivera origem em “nobres” linhagens portuguesas²⁶³. A ascendência nobre da população que migrara de São Paulo para Minas é um dos principais elementos definidores de seu caráter: estes teriam se deslocado para Minas em busca de ouro. O outro elemento importante na definição desta população era a miscigenação, com índios, mas principalmente com negros africanos. Desta maneira, havia tido origem a assim chamada população mineira, dona da gloriosa e “ardente” história de reivindicações acima mencionada.

Enfim, este povo assim definido por Burton mereceu uma descrição minuciosa de sua parte, que então passa a tratar então do “Homem Físico”, ou seja, “a fazer algumas anotações sobre a antropologia descritiva de Minas Gerais”.²⁶⁴ E a primeira constatação parece relativamente surpreendente para o leitor. Segundo Burton, havia uma “notável aproximação” entre os anglo-americanos e os luso-brasileiros, que se assemelharam ao longo do tempo ao tipo indígena, segundo ele:

*“This modification and approximation to the Indian type I hold to be a fat, and I cannot explain it except as the effect of climate which in Indostan develops the lymphatic and in Utah the nervous temperament.”*²⁶⁵

²⁶³ Segundo Burton, o Frei Gaspar da Madre de Deus investigou as origens da população de São Paulo, e “comprovou que eles haviam pertencido a honradas famílias de Portugal e Itália”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 383.

²⁶⁴ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 389.

²⁶⁵ “Esta aproximação ao tipo índio eu sustento como um fato, e não posso explicá-la a não ser pelo efeito do clima, o qual no Indostão desenvolve o temperamento linfático, e no Utah o nervoso.” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 391.

Assim, o minero guarda a mesma proporção de semelhança para com o português que o norte americano guarda para com o britânico, ambos tendo se aproximado dos tipos autóctones da América. O que surpreende é que Burton refere-se ao clima, e não à miscigenação para explicar este “fenômeno”; esta referência a ação transformadora do clima sobre a *raça*, não estava desprovida de problemas, especialmente em razão da postura de “antropólogo” assumida por Burton, como se verá.

É neste texto, dentre todos os que estão sendo analisados neste trabalho, que Burton apresenta de maneira mais clara suas concepções sobre antropologia, e em razão disto, torna-se necessário transcrever mais uma passagem relativamente longa:

“The older comparative anthropologists, from the great monogenist Hippocrates to Buffon, Prichard, and Buckle, made the great differentiator between nation and nation “climate”, i.e., the aggregate of all the external physical circumstances appertaining to each locality, in its relation to organic nature. And the first modern school being orthodox monogenists (sic), boldly asserts that black and white skins – for the question was then but skin deep – were mere modifications of each other, produced by the complicated agencies which they evoked. This palpable absurdity was rejected by serious students almost as soon as it was propounded. Presently the anatomists and physiologists, pressing to the other extreme, everywhere detected fixity of type with race, and race only in history. “Race is everything” said Dr. Knox.

I venture to opine that the truth lies between the two, and that the both schools have generalized upon insufficient grounds.”²⁶⁶

Como já se notou aqui, a apropriação de elementos normalmente associados a duas tendências supostamente antagônicas não era propriamente incomum; assim, Burton pôde questionar ambos os pressupostos mais radicais presentes na etnologia/antropologia de então. Ao negar a total ingerência do clima na configuração física e moral do homem, criticava indiretamente a suposição de uma igualdade original; entretanto, também parecia bastante cético ao referir-se à fixidez do tipo racial. Para ele, portanto, nem um nem outro explicava a totalidade, a verdade “estava entre os dois”.

Em clara contradição com sua suposição de que os africanos não se adaptam à regiões que não suas próprias de origem, o primeiro elemento que Burton julga necessário mencionar em sua descrição do mineiro é a aproximação do tipo europeu ao autóctone, justamente pela influência do clima, assim:

“The notable approximation of the Ibero-Brazilian and the Anglo-American of the Union, two people sprung from two distinct and different ethnic centres (sic), can hardly be explained except as the result of local causes, that assimilated the advenae to the autochthonic type, the so called Red Man”²⁶⁷

²⁶⁶ “Os antropólogos comparativos mais antigos, do grande monogenista Hipocrates a Buffon, Prichard e Buckle, fazem do “clima” o grande diferenciador entre as nações, i.e., o agregado de todas as circunstâncias físicas externas pertencentes a cada localidade, nas suas relações com a natureza orgânica. E a primeira escola moderna sendo monogenistas ortodoxos, corajosamente afirma que peles pretas e brancas – pois a questão então era apenas a profundidade da pele – eram meras modificações uma da outra, produzidas pelas complicadas agências que evocavam. Este palpável absurdo foi rejeitado por estudantes sérios quase tão cedo quanto foi proposto. Presentemente os anatomistas e fisiologistas, pressionando o outro extremo, detectam em todo lugar a fixidez do tipo com a raça, e somente com a raça, na história. “Raça é tudo”, disse Dr. Knox. Eu me arrisco a opinar que a verdade está entre os dois, e que ambas as escolas têm generalizado sobre bases insuficientes”. *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 390.

²⁶⁷ “A notável aproximação entre os íbero-brasileiros e dos anglo-americanos da União, dois tipos advindos de dois distintos e diferentes centros étnicos, dificilmente pode ser explicada, a não ser pelo resultado de causas

É esta aproximação, segundo Burton, que explica a finesa das mãos, a transformação nos cabelos entre outras supostas características comuns à norte americanos e brasileiros.

Entretanto, Burton tem exata noção de que esta é uma crença que está em contradição com parte do *catecismo* poligenista. Minha utilização do termo catecismo é uma grande ironia, mas tem sua explicação. Embora se tenha notado que muitas vezes a oposição binária entre antropologia física e etnologia – ou poligenismo e monogenismo – não seja suficiente para dar conta das inúmeras possibilidades de construções teóricas a respeito das origens das diferenças raciais, ou da conceituação destas diferenças, parecia existir uma certa animosidade entre os autores que se colocavam nominalmente de cada lado. Algo parecido como uma profissão de fé, que Burton compreendia quase exatamente desta forma, uma vez que em seu próprio texto, utiliza um discurso com termos religiosos para se expressar sobre a questão. Para ele:

*“This **belief** in “creolism” may be **heretical**, and if so, the sooner it is stated and disproved the better. But the instances popularly cited to prove the absolute permanence of race, as the Parsees in Western India, and the Jews in Aden[...] do not touch the question. These tribes have moved over a small area of ground”²⁶⁸*

locais, que assemelharam os adventícios aos tipos autóctones, o assim chamado índio vermelho.” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p 390.

²⁶⁸ “Esta **crença** no ‘crioulismo’ pode ser **herética**, e se for, quanto antes isto for confirmado e se prove em contrário melhor. Mas os exemplos normalmente citados para provar a absoluta permanência da raça, como os parses da Índia Ocidental e os Judeus em Áden, não tocam na questão. Estas tribos moveram-se em uma pequena área...” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 391. **Negritos meus**. Não deixa de ser interessante notar que entre os “exemplos normalmente citados”, para demonstrar a fixidez das raças, estava um que ele mesmo utilizara cerca de vinte anos antes para criticar a teoria da ação transformadora do clima sobre a pele (o caso dos parses da Índia Ocidental). Vide capítulo um desta dissertação, nota 42.

Ora, segundo Burton, a crença podia ser herética mas era baseada em observações *in loco*. Mesmo assim, se fosse errada, o quanto antes isto ficasse provado melhor. Os debates a respeito do desenvolvimento do homem pareciam para Burton, neste momento, uma mera questão de crença. Apesar de elogiar os “sérios estudantes”, que rejeitavam a total influência do clima na configuração física e moral nas diferenças entre as *raças*, e de ele próprio se auto intitular antropólogo – ele assina a dedicatória do livro para Lord Stanley como “Ex-presidente da *London Anthropological Society*” - tudo ainda parecia uma questão de opção de fé. Ele mesmo achava que as duas correntes “havam generalizado sobre bases insuficientes”. Mas embora tenha podido suspeitar de uma influência climática “herética”, claramente Burton coloca-se ao lado dos “antropólogos”, e paga seu tributo a este posicionamento na descrição física dos mineiros. Esta exposição do seu *locus* teórico tem pouco a ver, portanto, com a observação do “tipo” mineiro, mas sim com uma concepção que tem raízes anteriores à experiência brasileira de Burton.

A descrição física do mineiro é muito detalhada e precisa, lembrando passagens de outros relatos, especialmente a descrição dos beduínos. Entretanto, as semelhanças atém-se ao nível de detalhes descritos e à redução da população a uma forma, ou antes a um tipo extrema e estreitamente definido. Mas seria mesmo a população mineira redutível a tal formato descritivo? A resposta tende a ser negativa e, neste caso, uma explicação ou justificativa possível, para estas passagens, é que Burton procurou valorizar ao máximo a descrição das características físicas da população, quase que pagando seu *dízimo* à antropologia física, mesmo descrevendo o “mineiro”, que não caracteriza especialmente uma *raça* ou mesmo um *povo*.

A linguagem utilizada pelo autor nesta descrição não esteve presente com tal intensidade em nenhum de seus outros relatos; observe-se :

*“The Mineiro’s skin is of a warm dark brown, rarely lit up at the cheeks, and often yellow from disturbed secretion of the bile, or from obstruction of the ducts, or from excess of choleric acid in the system, tinging the cutaneous blood vessels.”*²⁶⁹

Como se pode ver, não basta mais a descrição formal, mas a explicação fisiológica também está presente de maneira bastante enfática. Compare-se esta passagem com a descrição da cor da pele do beduíno árabe que aparece em seu relato sobre a viagem à Meca:

*“Bartema well describes his colour as a ‘dark leonine’, it varies from a deepest Spanish to a chocolate brown, and its varieties are attributed by the people to the blood.”*²⁷⁰

Outras passagens podem ser mencionadas para avaliar esta afirmação, como por exemplo, na utilização de termos como “tórax” e “laringe”, antes não utilizados normalmente pelo autor.²⁷¹

A descrição continua no mesmo nível, tratando de cabelos, olhos, sobrancelhas, e outros caracteres físicos, bem como a capacidade de trabalho, a propensão a determinadas doenças, a fecundidade, passando pela forma de tratamento das crianças e, finalmente, breves comentários sobre a vestimenta da população.

²⁶⁹ “A pele do mineiro é de um marrom escuro morno, raramente iluminada nas bochechas, e muitas vezes amarelada por distúrbios da secreção biliar, pela obstrução dos dutos ou pelo excesso de ácido *choleric* no sistema, tingindo os vasos sangüíneos cutâneos” *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 392.

²⁷⁰ “Bartema bem descreve sua cor (dos Beduínos) como um ‘leonino escuro’; ela varia do mais profundo espanhol a uma cor de chocolate, e suas variedades são atribuídas pelo povo ao sangue”. *Meca*, vol. 2, p. 80. De fato, na descrição física do beduíno, talvez pela sua minuciosidade, também aparecem termos técnicos, como “fossas temporais”, ou “zigoma”, entretanto, nunca aparecem explicações fisiológicas tais como a que foi possível notar na descrição do mineiro.

²⁷¹ “O pescoço é longo, a laringe é proeminente, o tórax quase sempre carece de largura”. *Highlands of Brazil* vol. 1, p. 392.

O item seguinte do capítulo de Burton intitula-se “O Homem Moral”, seção que se inicia com uma lista de crimes, e passa pela tendência à intoxicação e pela forma da religião católica e termina com um relatório sobre a situação das escolas e da imprensa em Minas. Mais do que a pequena proporção da descrição do caráter do *povo* mineiro em relação à sua descrição física - pois não parece necessário para Burton procurar explicar o funcionamento da sociedade em questão, visto a semelhança das suas instituições com as européias - o que merece atenção nestas passagens é a recorrência a explicações climáticas para determinadas características do caráter deste *povo*. Como se pôde notar na sugestão do autor sobre a aproximação do europeu ao tipo “autóctone”, Burton parece ter assumido de vez a influência do clima como fator altamente determinante. As passagens mencionadas abaixo servem como exemplo da assunção da influência climática como importante determinante tanto moral como fisicamente:

O mineiro, segundo Burton, era inveteradamente bêbado, assim como o norte americano e o aborígene brasileiro. Para quem leu a primeira parte do capítulo, não é preciso explicar mais para creditar ao clima a culpa por esta tendência.²⁷²

Assim também, somado ao “material explosivo” fornecido pelas raças de sangue misturado, o clima “não é favorável à castidade”, e disto deriva que mesmo os padres não conseguem manter seus votos nestas regiões.²⁷³

As mulheres ficam belas mais cedo, entre os 13 e 16 anos, e isto acontece em todas as regiões tropicais.²⁷⁴ Enfim, não é necessário enumerar todas as passagens onde o

²⁷² *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 404. Burton significativamente nota na página seguinte que : “os antropólogos lembrarão a imensa quantidade de whisky bebida nos Estados Unidos, e é curioso observar que os aborígenes do Brasil eram extraordinariamente tendentes à intoxicação”.

²⁷³ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 406.

²⁷⁴ *Highlands of Brazil*, vol. 1, p. 408.

clima é o fator preponderante para poder notar a valorização deste elemento por Burton neste momento.

Algumas idéias de Burton assumem uma forma mais clara neste relato, a primeira delas é a sugestão que a humanidade encontra-se num caminho evolutivo em direção à civilização, sendo que esta aparece representada principalmente pelo desenvolvimento do comércio. Entretanto, esta evolução - apesar de alguns indicativos, tal qual a noção de *aclimatação*, sugerirem transformação fenotípica e moral ao longo do tempo - não parece estar ligada à perfectibilidade do ser humano em geral, mas sim à transformação das condições econômicas nas quais se encontram as nações mais atrasadas. Como se viu, o negro definitivamente não era perfectível no Brasil, e na África levaria muito tempo para evoluir.²⁷⁵ Mesmo a população mineira que aparentemente tinha um “futuro brilhante” pela frente, devia esta possibilidade em grande parte à sua ascendência nobre européia. Além disto, o desenvolvimento futuro positivo de todo o país estava condicionado ao estabelecimento de um fluxo constante de imigrantes europeus.

Para Burton, neste momento, o negro tinha o seu “lugar próprio na natureza”. Neste sentido, é interessante a passagem seguinte, na qual Isabel fala com certo orgulho das qualidades de seu “negrinho inteligente” Chico, um pequeno escravo que a acompanhava para todos os lugares

“...our Chico used to declaim on “the Negroes place in nature”, as he heard Richard do in his lectures, and talk of the progress

²⁷⁵ Lembremos que Burton, referindo-se a um negro relativamente “educado”, quando estava no navio em direção à África Ocidental, afirma “ele reconhece em seu próprio caso uma *seleção de espécies* e não vê final nos séculos antes que exista uma nação igual mesmo a ele”. *West Africa*, vol.1, p. 210.

*that they had made from the original ape (Darwinism) and how they might, eventually, hope to rise into a white man”.*²⁷⁶

Realmente, a parte as possíveis imprecisões do texto de Isabel, é interessante notar que o pequeno escravo do casal costumava declamar a respeito do lugar do negro na sociedade e, além disto, a forma como, neste discurso, *eles* (os negros) haviam progredido do macaco original, e poderiam, eventualmente, progredir até a condição de homens brancos. O negro aparecia, portanto, como um estágio intermediário entre o europeu e o macaco. Talvez o homem branco também houvesse se originado do macaco, mas o negro, por alguma razão, havia estacionado seu desenvolvimento, enquanto o branco continuou a evoluir.

Além disto, “*The Negroes Place in Nature*” é o nome de um texto de James Hunt publicado em 1863.²⁷⁷ O fato de juntar duas citações, uma direta a Darwin e outra indireta à Hunt, num mesmo parágrafo, torna-se mais interessante ainda pelo fato de que Hunt era talvez o mais ferrenho anti-darwinista da Inglaterra. Ele parecia muito pouco disposto a acreditar na mutabilidade das espécies e, segundo ele mesmo, havia muito pouca diferença entre “um discípulo de Darwin e um discípulo de Moisés – um apóia-se na seleção das espécies com poder ilimitado, e o outro apóia-se numa divindade provida da mesma maneira”.²⁷⁸ Hunt era um devoto da antropologia física, e acreditava que não era necessário procurar a origem do homem, bastando que se fizesse uma descrição física das características dos homens que existiam ou existiram desde o começo do período histórico.

²⁷⁶ “...nosso Chico costumava declamar sobre “o lugar do negro na natureza”, como ele ouvia Richard fazer em suas palestras, e falava do progresso que eles haviam feito a partir do macaco original (Darwinismo) e como eles poderiam, eventualmente, esperar ascender a um homem branco”. Burton, Isabel, op. cit. p. 422

²⁷⁷ Segundo Stocking, este texto foi publicado no *Memoirs of Anthropological Society of London*.

²⁷⁸ Citado por Stocking, G. *Victorian Anthropology*, p. 249.

Burton, entretanto, apesar de ter presidido a primeira reunião da *London Anthropological Society*, fundada por Hunt, utiliza noções que contradizem, como se viu, aos preceitos das concepções poligenistas mais extremadas. Parece, portanto, que Burton utiliza livremente de noções diversas para respaldar suas observações e também seus projetos. Como exemplo, este relato sobre o Brasil é muito interessante, pois mesmo a controvérsia sobre as possibilidades de aclimação serve a dois propósitos diferentes num mesmo texto. Primeiramente, explica a impossibilidade do negro viver no Brasil, fora de seu “centro étnico apropriado” e, depois, explica a transformação fenotípica e moral da população européia que estava no Brasil a três séculos.

Parece claro que qualquer tentativa de reduzir as descrições populacionais de Burton unicamente a reproduções das teorias raciais e antropológicas européias é uma tarefa relativamente complicada, e que é preciso compreender as suas diferentes experiências, seus diferentes lugares de autoridade e finalmente seus diferentes projetos em cada uma das viagens realizadas por ele ao longo de sua vida, para que suas descrições - e com elas suas apropriações de elementos das teorias raciais européias – adquiram sentido.

Nesta viagem para o Brasil, quase todas as suas considerações “antropológicas” estão colocadas de maneira a respaldar as intenções de desenvolvimento do comércio, e de abolição gradativa da escravidão, sendo esta substituída pela emigração em massa da Europa, especialmente dos pobres irlandeses. Certamente, sua função consular, que proporcionara o contato com elementos da elite brasileira, e até mesmo vários encontros com o Imperador, ajudaram a configurar o quadro projetivo que Burton traçou para o Brasil e sua população.

CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao final deste texto, resta retomar as proposições iniciais e avaliar brevemente, sob a luz das exposições realizadas nos capítulos anteriores, como estão relacionadas as descrições populacionais de Burton com as suas diferentes experiências de viagem. Além disso, busca-se notar como ele construiu estas descrições utilizando-se de maneira relativamente livre de um arsenal teórico que estava em desenvolvimento na Europa ao longo de todo o século XIX, e que problematizava a compreensão das diferenças aparentes entre as diversas populações do mundo, num contexto imperialista e eurocêntrico.

Parece relativamente claro que suas descrições sofreram significativas mudanças ao longo do tempo. Num primeiro momento, durante sua experiência como militar inglês na Índia, foi possível notar como a idéia de manutenção e expansão do Império britânico na região influenciou as descrições das populações sob regra portuguesa e inglesa. Burton defendeu um programa de anexação militar das províncias indianas, e não simplesmente o domínio das rotas comerciais, como acreditava fazerem os portugueses. Para sustentar o “império de opinião”, expressão com a qual ele definiu o caráter do domínio inglês na Península Indiana, os europeus não deveriam residir por muito tempo na região em virtude da possibilidade de degeneração derivada, tanto da indesejada miscigenação, bem como da ação do clima, o que levaria à corrosão da imagem de superioridade sustentada pelos europeus na Índia, tal qual acontecera com os portugueses, submetidos a estes elementos. Ainda em seu relato sobre a viagem indiana (*Goa and the Blue Mountains*), encontra-se uma descrição da população *selvagem*, composta pelos habitantes das montanhas, e que segundo ele mesmo, nunca chegariam a representar nenhuma ameaça significativa à

presença inglesa por ali. Nestas passagens, notou-se um Burton que aceitava ambigualmente a influência climática no desenvolvimento físico e moral da população, e que se movia dentro de modelos estáticos ou degeneracionistas, baseados numa crença na origem única da humanidade. Seus termos eram etnológicos, como eram os da corrente mais influente na Inglaterra de então, no que diz respeito a representação das populações não européias.

No segundo capítulo, foi possível notar as transformações nas representações do autor em três diferentes relatos escritos na década de 1850 (*Personal narrative of a pilgrimage to Al Medina and Mecah*, *First Footsteps in East Africa* e *The Lake Regions of Central Africa*), nos quais Burton se coloca na perspectiva do aventureiro explorador. Notou-se então como Burton utilizou-se enquanto pôde de um conhecimento erudito que ele havia adquirido anteriormente a respeito da história, da literatura, e da religião dos lugares por onde passou para conformar a descrição destas populações. Estas características estão presentes especialmente em seu relato de viagem sobre a Península Arábica, mas também aparecem, em certa medida, em seu livro sobre a região somali. Nestes dois livros, Burton ainda utilizava-se, para descrever a população, de representações estáticas ou degeneracionistas, claramente monogênicas, cuja explicação para sua origem e características recaía sobre a história destes lugares, utilizando muito pouco de explicações assentadas sobre conceitos tais como *raça*, termo este que aliás apresentava-se bastante impreciso nestes textos. Sua perspectiva de relativa identificação com os preceitos da religião islâmica certamente contribuiu para sua caracterização do beduíno como um *nobre selvagem*, e seu conhecimento da história e da literatura árabe tornaram possível recuperar elementos diversos para afirmar esta suposta *nobreza*. Ainda assim, a superioridade natural dos povos europeus nunca parecia questionada; mesmo as noções de honra e do lugar da mulher na sociedade, que indicavam a nobreza da população beduína eram valores

representativos das próprias sociedades européias, ou seja, representavam para os europeus sinais de sua própria civilização.

Em seu terceiro relato na década de 1850, suas descrições parecem sofrer uma transformação fundamental, o africano “criança” embora mais parecesse um ser degenerado deveria ser representado como um *selvagem* dando seus primeiros passos em direção ao progresso. A razão disto era a sua “aparente incapacidade para se aperfeiçoar”. Ao utilizar este tipo de representação, Burton caminhava em direção a concepções evolucionistas ao mesmo tempo em que, ao creditar à *raça* a responsabilidade do desenvolvimento atrasado do africano, e considerá-lo portanto intrinsecamente diferente do europeu, avançava ambigualmente em direção a concepções poligênicas quanto à origem da humanidade. A experiência pessoal desta viagem épica surge também como bastante ambígua. Havia sido, ao mesmo tempo, um sucesso e um fracasso: as inúmeras dificuldades, como doenças, deserções, dependência em relação aos *selvagens* africanos, opõem-se finalmente ao retorno e à “vitória” européia sobre as adversidades, representada materialmente pelo relato publicado. Além disto, o objetivo principal da viagem não foi definitivamente alcançado ou seja, a questão da definição das origens do Nilo permanecia como incógnita. De fato, esta controvérsia gerou um debate deveras desgastante para a imagem do próprio Burton.

Foi com o correr da década de 1850 que explicações baseadas na determinação racial ganharam mais importância no modelo descritivo de Burton, e foi nesta mesma década que houve uma maior penetração na Inglaterra de explicações sobre as diferenças nas várias populações do mundo baseadas em características raciais - com a *raça* determinando as possibilidades de evolução e desenvolvimento do homem. Isto parece refletir-se de certa maneira nas descrições populacionais de Burton, entretanto, ele ainda

nomeou os capítulos nos quais tratou destes assuntos como “*Geografia e Etnologia das regiões*”.

No terceiro capítulo, uma nova perspectiva entra em cena, derivada da posição de cônsul na África Ocidental e no Brasil. À esta nova perspectiva de representante oficial do império britânico, alia-se a associação de Burton à *London Anthropological Society*, teoricamente rival da etnologia inglesa durante a década de 1860. A sua representação das populações não européias, especialmente do negro africano ocidental recorre fortemente à determinação racial como elemento explicativo da inferioridade destas com relação à populações da Europa. É significativo, entretanto, que este arcabouço teórico de inferioridade racial e possibilidade de desenvolvimento destas regiões condicionada ao domínio europeu correspondesse quase exatamente às idéias do autor sobre as políticas inglesas necessárias para que se ampliasse a zona de influência britânica no oeste africano.

O relato de Burton sobre a viagem ao Brasil, por sua vez, vem problematizar a sua filiação aos preceitos teóricos mais ortodoxos da antropologia física. O autor utiliza-se de elementos contraditórios para projetar o desenvolvimento do país. Desenvolvimento este condicionado à imigração européia e à conseqüente adaptabilidade do elemento europeu à nova região, ao mesmo tempo em que o negro e a escravidão estavam condenados à extinção no Brasil, justamente pela impossibilidade da assim chamada aclimação. A noção de interferência de fatores externos, como o clima, na transformação fenotípica e moral da população, considerada “herética” pelos poligenistas mais ortodoxos, serve de maneira bastante ambígua para solucionar o problema da projeção de um futuro positivo para o Brasil e sua população, à exceção do negro que estava fadado ao desaparecimento. Notou-se que este quadro projetivo se coadunava tanto com os interesses comerciais ingleses no Brasil quanto com as idéias abraçadas por parte da elite imperial, num momento

em que já apareciam preocupações com o futuro das instituições escravistas no Império, e com os desenvolvimentos estruturais necessários para a manutenção da unidade do Estado Nacional consolidado.

Resta notar que as transformações nas descrições de Burton parecem concordar com períodos de alterações significativas das correntes teóricas mais influentes na Inglaterra quanto à questão da conceituação das populações não européias do mundo. Foi no final da década de 1850 que interpretações mais fortemente pautadas pela determinação racial ganharam espaço, especificamente na Inglaterra. Entretanto, as apropriações destas teorias por Burton foram seletivas e condicionadas tanto pelas suas experiências de viagem quanto pela posição na qual o autor se coloca para narrar estas experiências.

A relação de Burton com o discurso sobre as populações não européias que se desenvolvia na Inglaterra e em outros países da Europa, uma relação de apropriação seletiva e pessoal, leva a uma reflexão sobre a definição do termo “Orientalismo”, oferecida por Edward Said em seu livro homônimo, segundo este autor, o orientalismo é um discurso que estrutura e representa o oriente para os europeus, um discurso que negocia com o oriente “fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o governando-o...”.²⁷⁹ A questão do pensamento europeu sobre o desenvolvimento do homem e da civilização, que envolve a observação, descrição e *construção*, das populações não européias pode ser pensada desta mesma maneira como um *discurso*. Said sugere que o Orientalismo tinha uma posição tal de autoridade que influenciava necessariamente todas as pessoas que se propusessem a pensar ou escrever sobre o oriente, mas também faz uma importante ressalva, ou seja, que “isto não quer dizer que o orientalismo determine de modo unilateral o que pode ser dito sobre o Oriente, mas

que ele é toda a *rede* de interesses que inevitavelmente faz valer seu prestígio [...] toda vez que aquela entidade peculiar, o ‘Oriente’ esteja em questão.”²⁸⁰

Desta forma, há uma relação de criação entre a entidade *discurso* e cada enunciado em si que participa desta construção maior. A metáfora da rede, utilizada por Said, e de fato sua própria concepção de discurso, são credoras das definições de Foucault em *Arqueologia do Saber*. Neste texto, Foucault trata de cada enunciado como se fosse um “um nó em uma rede”, ou seja, “preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases.”²⁸¹ Mas também é importante pensar que cada nó é ponto constitutivo desta rede, e que ela própria é uma construção metodológica e seletiva, e sem qualquer um deles, poderia haver nela uma lacuna.

Enfim, o que se procurou neste trabalho foi tratar cada enunciado, ou no caso cada uma das descrições populacionais de Burton, como um ponto de ligação mas também de descontinuidade, irrupção na trama de um discurso maior. Segundo Foucault, o enunciado está

*“...aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a conseqüências por ela ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.”*²⁸²

Desta maneira, esta dissertação procurou apresentar cada um dos livros de Burton dentro de sua especificidade de enunciado único, ligado portanto às condições experienciais

²⁷⁹ Said, Edward. *Orientalismo*. p. 15.

²⁸⁰ Idem. Itálicos meus.

²⁸¹ Foucault, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995. p. 27.

²⁸² Idem, p 32

específicas que o tornaram possível, ao mesmo tempo que cada um deles também discute, amplia e se relaciona, dentro de certos limites, com uma instituição discursiva maior que diz respeito ao pensamento europeu sobre as populações não européias do mundo. Assim, as transformações nas representações populacionais de Burton só podem ser compreendidas quando se percebe a relação de tensão construtiva entre cada enunciado e as condições que os tornaram possíveis, e um discurso maior, com o qual se relaciona.

FONTES:

Burton, Richard Francis:

- *Goa and the Blue Mountains or Six Months of Sick Leave*. Nova Delhi, Madras, Asian Educational Services, 1991.

- *Personal Narrative of a Pilgrimage to Al Madinah and Mecah*. New York, Dover Publications, 1964.

- *First Footsteps in East Africa or an Exploration of Harar*. New York, Dover Publications, 1987.

- *The Lake Regions of Central Africa*. New York, Dover Publications, 1995.

- *Wanderings in West Africa*. New York, Dover Publications, 1991.

- *Explorations of the Highlands of Brazil; with a full account of the gold and diamond mines; also, canoeing down 1500 miles of the great river San Francisco, from Sabará to the sea*. London, Tinsley Brothers, 1869.

- Prefácio e notas de Burton à *The captivity of Hans Staden of Hesse*. traduzido para o inglês por Albert Tootal, Londres, Haykluyt Society, 1874.

- *Selected Papers on Anthropology. Travel and Exploration by Sir Richard Francis Burton*. Editado por N.M. Penzer, London, A. M. Philpot LTD, 1924

Burton, Isabel:

- *Life of Cap. Sir Richard Francis Burton*. Londres, Chapman and Hall, 1893.

BIBLIOGRAFIA:

Andrews, Reid. *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1988*. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1991.

Bhabha, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.

Barreiro, José Carlos. “*O cotidiano e o discurso dos viajantes : criminalidade, ideologia e luta social no Brasil do século XIX*”. tese doutorado em história social FFLCH - USP, 1989.

Belluzo, Ana Maria Moraes. *O Brasil dos viajantes*. (3 vols.) São Paulo/ Salvador, Metalivros / Fundação Odebrecht, 1984.

Bigg Wither, Tomas P. *Novo caminho no Brasil meridional: a província do Paraná. Três anos em suas florestas e campos*. Rio de Janeiro, José Olímpio, Curitiba, UFPR, 1974.

Bruit, H. H. *O imperialismo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.

Campos, P. M. “Imagens do Brasil no velho mundo.” In Holanda, S.B. (org), *História geral da civilização brasileira*. Tomo II, Vol. 1, SP. Difel, 1985.

Canstatt, Oscar. *Brasil: Terra e Gente*. Rio de Janeiro, Conquista, 1975.

Carneiro, Newton. *Rugendas no Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora, 1979.

Cohen, Benjamin. *The Question of Imperialism: the political economy of dominance and dependence*. New York, Basic Book, 1973.

Dias, Maria Odila Leite S. *O Fardo do Homem Branco : Southey o Historiador do Brasil*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1974.

_____ “O Mito da Descolonização Liberal na Inglaterra Pré-Vitoriana”, in *Revista de História*, volume LII, 1975

Eakin, Marshal. *British Enterprize in Brazil, The St. John del Rey Mining Company and the Morro Velho Golden Mine*. Durham and London, Duke University Press, 1989.

Flint, John. *The Cambridge History of Africa*. vol 5, Cambridge University Press, 1976.

Foucault, M. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

Genovese, Eugène D. *A terra Prometida, o Mundo que os Escravos Criaram*. Rio de Janeiro, Paz e terra; Brasília, CNPq, 1988.

Gerbi, Antonello. *O Mundo Novo. História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

Gould, S. J. *A Falsa Medida do Homem*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

Graham, Maria. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma Estada nesse País durante os anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo, Nacional, 1956.

Headrick, D. *Los instrumentos Del Império*. Madrid, Alianza Editorial, 1989.

Header, Harry. *Europe in the nineteenth century, 1830 – 1880*. London, New York, Longman, 1988.

Hobsbawn, E. *Da revolução industrial ao Imperialismo*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979.

_____ *A era do Capital 1848-1875*, São Paulo, Paz e Terra, 2000

Jung, C. G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Compilação e prefácio de Aniela Jaffé. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 1995.

- Lamberg, Maurício. *O Brasil*. Rio de Janeiro, Tipografia Nunes, 1896.
- Leite, Ilka Boaventura. *Antropologia de viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte, UFMG, 1996.
- Leite, Mirian Moreira. *A Mulher no Rio de Janeiro no Século XIX*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1982.
- _____. *A condição feminina no Rio de Janeiro: século XIX*. São Paulo/ Rio de Janeiro, Hucitec/ Fundação nacional pró memória, 1984
- _____. *Livros de Viagem: 1803-1900*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- Lênin, V. *O imperialismo: a fase Global do capitalismo*. São Paulo, Global, 1986.
- Lisboa, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix and Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, Hucitec/ Fapesp, 1997.
- Lovell, Mary, *A Rage to Life*, New York, W. W. Norton, 1998.
- Machado, Maria Helena P. T., “A Sensualidade como Caminho. Notas sobre um diário de viagem” (texto inédito).
- _____. “O Olhar Imperial Sobre a América”, in *História : Fronteiras*. Humanitas, 1999.
- _____. “Um País em Busca de Moldura, o Pensamento de Couto de Magalhães, o Selvagem e os Sertões”, in *Confronto de Culturas : Conquista, Resistência, Transformação*, São Paulo, Edusp, 1993.
- Mattos, Ilmar R. *O Tempo Saquarema*. São Paulo, Hucitec, 1987.
- Mclynn, Frank. *From Sierras to the Pampas*. Londres, Century, 1991.
- Mendes, Elisabeth C. *Viajantes no Brasil do século XIX, 1808-1822*. tese Mestrado FFLCH - USP, 1981.

Oberacker, Carlos. “Viajantes, artistas e naturalistas estrangeiros”. In Holanda S. B., *História geral da civilização brasileira*. Tomo II, Vol. 1, SP. Difel, 1985.

Ortiz, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

Poliakov, Leon. *O Mito Ariano: ensaio sobre as fontes do racismo e dos nacionalismos*. São Paulo, Perspectiva, USP, 1974.

Porter Andrew. *The Oxford History of British Empire : The Nineteenth Century*. Oxford and New York, Oxford University Press, 1999.

Pratt, Mary L. *Os Olhos do Império, Relatos de Viagem e Transculturação*; Bauru, Edusc, 1999.

_____ “*Post-Coloniality: an incomplete project, or an irrelevant one?*”
(texto inédito).

Rice, Edward. *Sir Richard Francis Burton, o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe as mil e uma noites para o ocidente*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

Said, Edward. *Orientalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

_____ *Cultura e imperialismo*, São Paulo, Cia das Letras, 1995

Guimarães, M. Salgado. “Nação e civilização nos Trópicos”, in *Estudos históricos* nº 1, 1988.

Schwarcz, Lilia M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, Companhia das letras, 1995.

Slenes, Robert A. “As provações de um Abraão africano: a nascente nação brasileira na Viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas”. in : *Revista de Historia da Arte e Arqueologia*, nº 2 , Campinas, IFCH, UNICAMP, 1997.

Smith, Herbert H. *Do Rio de Janeiro à Cuiabá, notas de um naturalista*. São Paulo, Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1922.

Spix, Johann Baptist von e Martius, C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. 3 vols. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1981.

Stepan, Nancy. *The Idea of Race in Science*. Oxford, MacMillan, 1987.

Stocking, George. *Race Culture and Evolution*. New York, Free Press, 1968.

_____ *Victorian Anthropology*. New York, Free Press, 1987.

Sussekund, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

Taussig, Michael. *Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

Thompson, E, *Customs in common*. London, Penguin books, 1993

_____ *Tradicion, revuelta y conciencia de classe*, Barcelona, Critica, 1984.

_____ *Formação da classe operária Inglesa*, São Paulo, paz e terra, 1988-97.

Torgovnick, Marianna. *Paixões Primitivas. Homens, mulheres e a busca do êxtase*. São Paulo, Rocco, 1998.

Woodward, William H. *A Short History of the Expansion of the British Empire*. Cambridge University Press, 1941

Young, Robert J. C. *Colonial Desire: Hybridity in Theory, Culture and Race*. Londres, Routledge, 1995.